

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**EDVALDO TORRES PEDROZA JÚNIOR**

**HISTÓRIA DE VIDA DE EX-JOGADORES PROFISSIONAIS DE FUTEBOL:  
QUAL O VALOR DA EDUCAÇÃO FORMAL?**

**RECIFE**

**2018**

EDVALDO TORRES PEDROZA JÚNIOR

**HISTÓRIA DE VIDA DE EX-JOGADORES PROFISSIONAIS DE FUTEBOL: QUAL  
O VALOR DA EDUCAÇÃO FORMAL?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos básicos para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Teoria e História da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Vilde Gomes de Menezes

Coorientador: Prof. Dr. Marcos André Nunes Costa

RECIFE

2018

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Andréia Alcântara, CRB-4/1460

P372h Pedroza Júnior, Edvaldo Torres.  
História de vida de ex-jogadores profissionais de futebol: qual o valor da educação formal / Edvaldo Torres Pedroza Júnior. – Recife, 2018.  
137 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Vilde Gomes de Menezes.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2018.  
Inclui Referências e Apêndice.

1. Educação formal. 2. Futebol. 3. Atletas. 4. UFPE - Pós-graduação. I. Menezes, Vilde Gomes de. II. Título.

370 CDD (22. ed.) UFPE (CE2018-30)

**EDVALDO TORRES PEDROZA JÚNIOR**

**HISTÓRIA DE VIDA DE EX-JOGADORES PROFISSIONAIS DE FUTEBOL:  
QUAL O VALOR DA EDUCAÇÃO FORMAL?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos básicos para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: 07/03/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Vilde Gomes de Meneses (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Antônio Jorge Gonçalves Soares (Examinador Externo)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Marcos André Nunes Costa (Examinador Externo)  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

---

Aurenéa Maria de Oliveira (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

Ao meu pai, “Seu Dico”, pelo seu exemplo de luta, fé, coragem e principalmente pela dignidade e honradez, sendo um espelho não só para mim, mas para a toda família.

A Dona Cristina, a melhor vó do mundo, minha mãe, meu porto seguro, pelo seu amor incondicional e por sempre acreditar em mim em todos os momentos, incentivando-me a seguir sempre adiante.

Ao meu irmão Luzi, pela presença e por todo o suporte dado, tanto nos momentos felizes quanto nos momentos de maior dificuldade.

À minha esposa, Érica, por sempre estar ao meu lado em todos os momentos.

Ao meu filho, Ricardinho, a melhor parte de mim, o grande amor da minha vida, a razão da minha luta diária.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, agradeço sua graça e misericórdia.

Aos meus pais, a educação recebida, o amor imensurável, tudo que fizeram e ainda fazem por mim, a meu filho e a minha esposa.

Ao Prof. Dr. Vilde Gomes de Menezes, meu orientador, o suporte além da confiança em mim depositada; assim como a insistência na execução de um melhor trabalho;

Ao Prof. Dr. Marcos André Nunes Costa, meu coorientador e amigo de longa data, agradeço o auxílio incontestável além das excelentes contribuições e durante toda a caminhada.

Ao Prof. Dr. Henrique Gerson Kohl, grande amigo, que me incentivou a iniciar e a seguir este trajeto na vida docente.

Ao Prof. Dr. Gonzalo Bravo, professor de Administração Esportiva da West Virginia University (EUA), que tornou possível o acesso aos artigos internacionais mencionados neste estudo.

Ao meu querido amigo, Prof. Dr. Bruno Lima, a contribuição na escrita do abstract.

Ao Prof. Ms. Denis Foster Gondim, o auxílio do uso do programa de análise qualitativa *NVivo*®.

Aos amigos e companheiros do Laboratório de Gestão do Esporte e Políticas Públicas (LABGESPP-UFPE).

A todos os entrevistados que nos deram oportunidade de realização deste trabalho.

Aos amigos da graduação DEF-UFPE, assim como todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica.

Aos poucos e verdadeiros amigos que o futebol me deu.

Aos NIGGAZ (Bruno, Hugo, Fábio, Léo e Thiago), amigos de infância, compadres e irmãos para toda a vida.

Por fim, sou muito grato a todos aqueles que contribuíram de alguma maneira ao longo da minha trajetória de vida.

O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo, fará coisas admiráveis.

(José de Alencar)

## RESUMO

O presente estudo trata da história de vida de ex-atletas de futebol profissional da cidade do Recife, cujo foco principal foi analisar as possíveis tensões e conciliações entre a formação educacional e a esportiva em uma perspectiva sócio-histórica. Nosso intuito foi esclarecer como se desenrolou o processo de educação formal e como a aquisição ou ausência dela interferiu na retomada de vida após a aposentadoria dos gramados, principalmente na inserção em um novo mercado laboral, e para tal, buscou-se averiguar qual o valor da educação formal para eles. Acerca do viés metodológico, adotamos a História Oral, porém o primeiro passo foi realizar uma revisão bibliográfica sobre a produção acadêmica relativa a essa temática; em um segundo momento aplicou-se uma entrevista semiestruturada cujo propósito foi traçar um perfil social básico para melhor compreensão da realidade dos sujeitos participantes. A partir da coleta das respostas, optamos, para auxiliar a análise do conteúdo, pela utilização do programa de análise qualitativa NVivo® (versão NVivo 11 Pro for Windows®). Ao analisar o conteúdo de suas entrevistas, igualmente ressaltamos que os temas não foram determinados *a priori*. Eles foram selecionados de acordo com as variáveis que apareceram constantemente na fala do entrevistado e a importância que ele imputou ao fato. Dessa forma as entrevistas nos possibilitaram categorizar as reflexões em dois grupos distintos, com dois eixos principais e quatro subeixos de análise. No grupo 1, reuniram-se os entrevistados que possuem, pelo menos, graduação em alguma área e atuam nela, com um total de cinco sujeitos. Já no grupo 2, agruparam-se os entrevistados que possuem apenas o nível médio completo (regular ou supletivo), em um total de seis ex-jogadores. Tensões e possíveis conciliações entre as formações educacional e esportiva e o suporte educacional, e a reinserção no mercado laboral, surgiram como os eixos principais de análise. Os principais resultados deste estudo mostraram que, para a maioria dos entrevistados, houve dificuldade de conciliação entre as duas formações, o que resultou em atrasos, reprovações, mudanças de turno e até mesmo de escola, além do abandono escolar por alguns. Igualmente, observou-se que, quanto maior a probabilidade de realização do sonho de se tornar atleta de futebol profissional, maior será a probabilidade de insucesso escolar. Conclui-se, por meio das respostas coletadas até o momento neste estudo, que, para aqueles que conseguiram êxito profissional após a carreira de jogador de futebol profissional, concorreu exatamente o apoio familiar. Apoio advindo do grau de escolaridade dos pais, ou responsáveis diretos por esses jovens. Do mesmo modo, observou-se, no grupo de ex-atletas que não possuem graduação, que a ausência e/ou lacunas deixadas pela educação formal institucionalizada, agravaram consideravelmente sua

readaptação após o término da carreira profissional na área futebolística, principalmente no que concerne à inserção em novo mercado laboral.

**Palavras-chave:** Educação formal. Atleta. Futebol. Mercado laboral.

## **ABSTRACT**

The present study deals with the life history of former professional soccer athletes from the city of Recife, and its focus was to analyze the possible tensions and conciliations between their formal education and sports training, through a socio-historical perspective. Our intention was to clarify how the process of formal education unfolded and how the acquisition or absence of it interfered in the resumption of life after their retirement, mainly regarding their insertion in a new labor market, and for this, we tried to find out how participants valued formal education. Concerning the research method, we adopted Oral History methodology, but the first step was to carry out a literature review on the academic production related to this topic, and in the second moment a semi-structured interview was applied to draw a basic social profile for a better understanding of the reality of the participants. After the data gathering, we used the NVivo® qualitative analysis software (version NVivo 11 Pro for Windows®) to support the content analysis. It is worth emphasizing that the themes analyzed were not determined a priori. They were rather selected according to the variables that appeared constantly in participants' speeches and the importance they imputed to the facts they decided to talk about. This way, the interviews enabled us to categorize the reflections into two distinct groups, with two main axes and four sub-axes of analysis. In group 1, we had the interviewees who have at least an undergraduate degree and work in the area of their higher education course. This group had a total of five participants. In group 2, there were the interviewees who only had a completed high school (either in the regular or in the Youth and Adult Education modalities). In this group, there were six participants. Tensions and possible conciliation between formal education and sports training and educational support and reintegration into the labor market emerged as the two main axes of analysis. The main results of this study show that for most of the interviewees, it was difficult to combine the two commitments (formal education and sports training), which resulted in delays, failures, shifts and even school changes, as well as dropping out of school for some. We also observed that the greater the probability of fulfilling the dream of becoming a professional soccer player, the greater the chances of school failure. It was possible to conclude in this study that those who have achieved professional success after the career of professional football player did so due to family support. It was observed that this support was related to the level of education of parents or other individuals directly responsible for the athletes at a young age. In the same way, it was observed for the group of ex-athletes who do not have undergraduate diploma, that the absence and or gaps left by the institutionalized formal education, considerably

aggravated their readaptation after the end of their professional career in the soccer field, mainly in what concerns to the insertion in a new labor market.

**Keywords:** Formal Education. Athlete. Soccer. Labor Market.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 –	Lúcio Alves .....	80
Fotografia 2 –	Rodrigo Sales .....	82
Fotografia 3 –	Marcelo Alves, o primeiro da esquerda para a direita .....	84
Fotografia 4 –	Fernando Silva, o segundo agachado da esquerda para a direita .....	86
Fotografia 5 –	César Lucena .....	87
Fotografia 6 –	Silvio Luís (Kuki) .....	89
Fotografia 7 –	André Lafayette, o primeiro da esquerda para a direita .....	90
Fotografia 8 –	Ricardo Lafayette, o primeiro da esquerda para a direita .....	92
Fotografia 9 –	Pablo Damásio, o segundo da esquerda para direita .....	93
Fotografia 10 –	Ivan Alves, o quinto da esquerda para direita .....	94
Fotografia 11 –	Enrique Marques .....	96

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Tensão e conciliação entre as duas formações: comparativo entre os dois grupos de entrevistados, graduados e não graduados .....	97
Figura 2 –	Relação entre a educação formal e a inserção em novo mercado de trabalho: comparativo entre os dois grupos de entrevistados, graduados e não graduados .....	103
Figura 3 –	Possibilidade para aquisição de credenciais educacionais: graduados e não graduados .....	109
Figura 4 –	Influência parental/apoio familiar: comparativo entre os dois grupos de entrevistados: graduados e não graduados .....	112
Figura 5 –	Sonho de ser jogador de futebol profissional: comparativo entre os dois grupos de entrevistados, graduados e não graduados .....	115
Figura 6 –	Incidência de lesões: comparativo entre os dois grupos de entrevistados, graduados e não graduados .....	119

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
AGAP-PE	Associação de Garantia ao Atleta Profissional do Estado de Pernambuco
APAC	Associações de Professores Católicos
BOC	Bloco Operário-Camponês
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CCF	Certificado de Clube Formador
CEB	Conferência Brasileira de Educação
CT	Centro de Treinamento
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
NCAA	National Collegiate Athletic Association
SCIELO	Scientific Electronic Library Online

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1.1</b>	<b>Campo temático, objeto de estudo e finalidade da pesquisa</b> .....	16
<b>2</b>	<b>CAMINHO METODOLÓGICO – A ESTRATÉGIA DE JOGO</b> .....	20
<b>3</b>	<b>HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FORMAL NO BRASIL – PRIMEIRO TEMPO</b> .....	31
<b>4</b>	<b>ESPORTE E EDUCAÇÃO: PAR DIALÉTICO DE MUITA TENSÃO – SEGUNDO TEMPO</b> .....	37
<b>4.1</b>	<b>O futebol na forma da Lei</b> .....	46
4.1.1	Lei n.º 10.672/2003 – Lei Gilmar Machado .....	49
4.1.2	Lei n.º 13.748/2009 – Lei Raul Marcelo .....	49
4.1.3	Lei n.º 12.395/2011 – Lei do Clube Formador .....	50
<b>4.2</b>	<b>Escolarização de jovens futebolistas</b> .....	52
<b>4.3</b>	<b>Qual o papel da educação formal?</b> .....	59
<b>4.4</b>	<b>A reinserção no mercado laboral</b> .....	62
<b>5</b>	<b>EDUCAÇÃO PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS – PRORROGAÇÃO</b> .....	72
<b>5.1</b>	<b>Organizando a memória</b> .....	74
<b>5.2</b>	<b>Perfil dos entrevistados</b> .....	75
<b>5.3</b>	<b>As entrevistas</b> .....	79
5.3.1	Lúcio Alves .....	80
5.3.2	Rodrigo Sales .....	82
5.3.3	Marcelo Alves .....	83
5.3.4	Fernando Silva .....	85
5.3.5	César Lucena .....	87
5.3.6	Silvio Luís (Kuki) .....	88
5.3.7	André Lafayette .....	90
5.3.8	Ricardo Lafayette .....	91
5.3.9	Pablo Damásio .....	93
5.3.10	Ivan Alves .....	94
5.3.11	Enrique Marques .....	95

<b>5.4</b>	<b>Tensão e possível conciliação entre a formação educacional e a esportiva ..</b>	<b>97</b>
<b>5.5</b>	<b>Relação entre a educação formal e inserção em um novo mercado de trabalho .....</b>	<b>102</b>
<b>5.6</b>	<b>Influência parental .....</b>	<b>112</b>
<b>5.7</b>	<b>Sonho em ser jogador.....</b>	<b>114</b>
<b>5.8</b>	<b>Lesões.....</b>	<b>118</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÕES – APITO FINAL .....</b>	<b>123</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>126</b>
	<b>APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....</b>	<b>136</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## A Preleção

Não podemos negar a dimensão que o futebol ocupa em nossa sociedade. Segundo Toledo (2000), o futebol é conhecido no domínio público como uma manifestação cultural que revela nosso jeito, malícia, alegria ou ginga. O autor afirma que o futebol nacional faz parte de um processo de identificação construído e engendrado por diferentes agentes sociais em interação. Damo (2005) reforça a importância que o futebol adquiriu na sociedade contemporânea, tornando-se um importante objeto de estudo das várias ciências.

Santos (2010) menciona que é impossível estarmos alheios à dimensão que o futebol tem ocupado em nossa sociedade. Dormimos e acordamos ouvindo menção a ele, seja por admiradores e aficionados, seja por quem não nutre nenhuma paixão por ele. Cremos, igualmente a Marques e Samulski (2009), que o futebol faz parte da identidade do país. Além de considerado uma paixão nacional, é visto como uma oportunidade de ascensão social profissional para jovens oriundos de famílias de baixa renda. O futebol popularizou-se a ponto de se tornar um fenômeno com que deparamos todos os dias. Giulianotti (2002, p. 45) afirma que “[...] o futebol é inegavelmente o principal esporte do mundo”.

### 1.1 Campo temático, objeto de estudo e finalidade da pesquisa

Com relação ao campo educacional, área em que pretendemos debruçar-nos em nossos estudos, temos ciência das inúmeras contribuições de estudos relacionados com a educação nas suas mais diversas esferas sociais e com diversos enfoques. Também entendemos que há uma discussão cada vez maior entre o esporte e a educação, tendo sido ampliada consideravelmente nos últimos anos, como constata Rodrigues (2003, p. 28), ao dizer que “o espaço de discussão de fenômenos esportivos se alarga a cada ano na universidade brasileira”.

Santos (2010) comunga do mesmo raciocínio, afirma que a relação entre o esporte e a educação, tem-se caracterizado em cenários de inúmeras riquezas e complexidade da qual o futebol tem participado e estabelecendo-se, cada vez mais, como um campo no qual a pesquisa acadêmica tem-se debruçado. Também corroboramos o pensamento do autor, quando, igualmente, afirma que ainda há muito por ser estudado, principalmente no que diz respeito ao fenômeno futebol e sua relação com o contexto educacional.

Creemos, portanto, que se faz necessária uma contínua reflexão sobre esse fenômeno esportivo no Brasil e sua relação com a educação, pelo viés histórico, mais precisamente na região metropolitana do Recife, onde se delimitará geograficamente nosso objeto de pesquisa, tendo como perspectiva a relação entre a educação formal e os ex-atletas de futebol profissional com passagem, a princípio, pelos três grandes clubes da capital pernambucana: Clube Náutico Capibaribe, Sport Club do Recife e Santa Cruz Futebol Clube.

Dentre as razões que justificam o interesse em pesquisar tal temática, consideramos essencial o fato de ela abordar o tema do futebol pelo viés da história da educação, ou seja, por um viés diferente dos estudos que abordam a educação na perspectiva da pedagogia do esporte, por exemplo, Greco (1995), Júlio Silva (1998), Santana (2005), De Rose Júnior (2006), Freire (2006) e Reverdito e Scaglia (2009).

Já do ponto de vista prático, o interesse pelo tema decorreu em nossa experiência profissional que nos proporcionou a convivência com ex-atletas de futebol de todos os níveis. Ligado diretamente ao processo de formação profissional de jovens atletas, pude observar, por diversas vezes, o pouco ou nenhum valor dado à educação formal no processo de desenvolvimento deles, não só pelo clube de futebol propriamente dito, mas em boa parte pela maioria dos jovens e seus familiares, que apostavam todas suas fichas em uma pequena possibilidade de enriquecimento pelo acúmulo de dinheiro, tomando por referência atletas de futebol bem-sucedidos como Romário, Rivaldo e Ronaldo. A grande maioria dos jogadores, no entanto, está longe de alcançar tais benesses, proporcionadas pelo dinheiro e fama.

Desse modo, a vivência na vida acadêmica e pessoal, atuando pedagogicamente tanto no universo escolar quanto no ambiente clubístico, ora como educador físico, ora como treinador ou preparador físico, possibilitou-nos a seguinte compreensão: pela pouca importância dada à educação formal no processo de formação profissional durante toda sua carreira de jogador de futebol, além do número mínimo de atletas que se tornam jogadores profissionais bem-sucedidos, isso nos fez pensar que, do outro lado da balança, encontra-se a maioria absoluta que, por algum motivo, não alcançou a tão sonhada fama e riqueza, às vezes nem chegando propriamente a se tornar jogadores de futebol profissional, “perdendo-se” durante o longo e árduo caminho. Por conseguinte, como será o futuro desses “excluídos” sem o suporte educacional haja vista que relegaram a segundo plano a educação formal?

Levamos em consideração para escolha da temática de estudo, também, a Dissertação de Mestrado do Professor Dr. Francisco Xavier dos Santos (2010), cujo tema é *O valor da educação na formação do jovem atleta para o futebol profissional do Recife*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, na linha

de Teoria e História da Educação, cuja orientação coube ao Professor Dr. José Luís Simões, em que tive a oportunidade de testemunhar algumas vezes a coleta de dados do estudo mencionado, pois, naquela época, fiz parte como preparador físico da equipe juvenil do Clube Náutico Capibaribe, que serviu como um dos palcos de estudo para ele. Posteriormente, tive acesso à Dissertação de Mestrado supracitada, em que pude aprofundar os estudos no eixo temático da Educação e sua relação com o esporte, o que aumentou meu interesse em estudar tal temática.

Trazer para o debate a relação entre a educação formal e o fenômeno esportivo no estado de Pernambuco, mais precisamente no Recife, assim como fez Santos (2010), ao estudar temática semelhante, é contemplar a história local e a história de vida das pessoas. Dessa forma, pretendemos também atender ao princípio da atualidade histórica que, segundo Saviani (2008), implica a consciência de que, como toda pesquisa, a investigação histórica não é desinteressada. O autor também afirma que, ao responder a alguma questão que interpele a realidade, trata-se, antes, da própria consciência da historicidade humana, isto é, a percepção de que o presente se enraíza no passado e se projeta. Para tal, o estudo ora desenvolvido tem como objetivo principal analisar, por meio da fala dos entrevistados como se realizou o processo de educação formal ao longo de sua vida. Para tanto, selecionamos como objetivos específicos:

- a) analisar a relação entre o esporte e a educação formal;
- b) refletir sobre o sentido da educação formal no ambiente futebolístico;
- c) identificar na história de vida dos ex-jogadores de futebol profissional como se desenvolveu o processo de educação formal.

Na intenção de construir o arcabouço teórico desta pesquisa, fundamentaremos a perspectiva da relação entre os ex-atletas de futebol profissional e a educação formal pelo viés histórico. Sugerimos como auxílio para melhor compreensão de tal temática os trabalhos realizados por Libaneo (1994), Minayo (2000), Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2001), Marchi Júnior (2002), Damo (2005), Brandão (2007), Meihy e Holanda (2007), Saviani (2008), Melo (2010), Santos (2010), Simões (2010), Meihy e Ribeiro (2011) entre outros.

Diante dos elementos expostos, apresentamos como hipótese do estudo: a educação formal não é valorizada pelo jogador de futebol durante o exercício de sua profissão em razão de esse esporte fomentar de maneira muito persuasiva no imaginário a crença na possibilidade de mobilidade econômica pela via do futebol.

Desse modo, seguiremos os estudos alicerçando-o de forma crítica e reflexiva, tomando por base o campo da história da educação em sua produção e matrizes do

conhecimento, reconhecendo por meio do esporte a importância que o futebol representa para o Brasil no contexto cultural e social; e o mais importante, como se relaciona com a educação, elemento fundamental no processo de evolução do ser humano.

Em consonância com toda essa argumentação, buscamos responder neste estudo à seguinte questão: Qual o lugar da educação formal na história de vida de ex-jogadores de futebol profissional no Recife?

## 2 CAMINHO METODOLÓGICO – A ESTRATÉGIA DE JOGO

Nesta seção iniciamos uma ligeira discussão teórica sobre pesquisa qualitativa e mais especificamente a História Oral, metodologia principal adotada neste estudo, bem como sobre algumas de suas características e procedimentos importantes a serem tomados quando se trabalha com esse tipo de pesquisa.

Realizamos esta pesquisa na região metropolitana do Recife. Essa região foi escolhida por se tratar de área onde se encontram três grandes e tradicionais clubes de bandeira do cenário futebolístico nacional, além de trabalharem com formação de atletas em suas divisões de base: Clube Náutico Capibaribe, Sport Club do Recife e Santa Cruz Futebol Clube.

O primeiro passo ao iniciar esta pesquisa foi realizar uma revisão bibliográfica sobre a produção acadêmica relativa a esse tema. Dessa forma, fez-se necessário que esses estudos fossem analisados quanto à sua aplicação, tornando o conhecimento produzido mais facilmente utilizado. Nesse aspecto, a revisão de literatura teve papel fundamental para a construção do referencial teórico deste trabalho, pois foi por meio dela que pudemos situar o nosso trabalho dentro da grande área de pesquisa em educação da qual faz parte, revelando explicitamente o universo de contribuições científicas existentes acerca da temática pesquisada, ou seja, possibilitando a ampliação e o aperfeiçoamento do conhecimento já existente.

Respondendo a essa necessidade de sintetizar o conhecimento produzido e de separar os estudos pertinentes daqueles irrelevantes para determinada questão da relação entre a formação educacional formal e carreira esportiva, justificou-se a necessidade de realizar uma revisão da literatura.

Sendo assim, com relação à revisão da literatura, embora não seja o principal método empregado na pesquisa, Moreira e Caleffe (2006, p. 27) compreendem a necessidade de afirmar que:

Ajuda a focar mais diretamente e a melhorar, se for o caso, o problema de pesquisa. Com a revisão da literatura é possível identificar as principais tendências de pesquisa na área de interesse, as eventuais lacunas e os conceitos importantes que estão sendo usados.

Desse modo, utilizando o descritor “escolarização de atletas”, realizou-se uma investigação no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e na base de dados das bibliotecas eletrônicas Scientific Electronic Library

Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) com recorte temporal das produções dos últimos dez anos (2007-2017).

Por meio desse método, encontramos sete dissertações de mestrado que versavam a respeito dessa temática, Santos (2010), Melo (2010), Barreto (2012), Rocha (2013), Azevedo (2014), Correia (2014), Conceição (2015) e Carvalho (2015), e uma tese de doutorado Costa (2012) que trata da mesma problemática. Destes, Melo (2010), Santos (2010), Barreto (2012) e Correia (2014) voltaram seus trabalhos para análise do processo de escolarização de atletas de futebol e fundamentaram o entendimento das dificuldades que os futebolistas encontraram ao longo da vida de estudante-atleta ao tentarem conciliar as obrigações esportivas com as escolares.

Em virtude do objeto selecionado, emergiu a pesquisa qualitativa, pois temos o entendimento de que seria a opção metodológica adequada para nosso estudo uma vez que: “Certamente, qualquer pesquisa social que pretenda um aprofundamento maior da realidade não pode ficar restrita ao referencial apenas quantitativo.” (MINAYO, 2000, p. 28). O que nos possibilita um mergulho nas nuances e particularidades que o tema comporta. Spindola e Santos (2003, p. 120) dizem:

A pesquisa qualitativa preocupa-se com a realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando um universo de significados, crenças, valores e que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis.

Ao procedermos à escolha do objeto de pesquisa, procuramos e elegemos um tema de nosso interesse, com qual temos grande afinidade e, de certa maneira vivenciamos no cotidiano profissional. Assim sendo, nos estudos de pesquisas qualitativas em Ciências Sociais, “a escolha de um tema não emerge espontaneamente, da mesma forma que o conhecimento não é espontâneo. Surge de interesses e circunstâncias socialmente condicionadas, frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e objetivos”. (MINAYO, 2000, p. 90).

Segundo Severino (2013), ao se constituir um objeto de pesquisa, antes de tudo, deve-se fazer um planejamento, mediante o qual se estabelece a direção e um recorte delimitador. Dessa forma, selecionado o objeto, a abordagem qualitativa nos permitiu captar as singularidades do estudo em questão. Cremos que tal abordagem metodológica proporcionou

um modelo direcionado para melhor se compreender a manifestação do objeto de estudo, em que se entenda profundamente a ligação de elementos (MINAYO, 2000).

Das abordagens qualitativas, acreditamos que a mais apropriada foi a História Oral, tendo como definição, segundo Meihy e Holanda (2007), um conjunto de procedimentos, em que não se trata apenas de um ato ou procedimento único. Ainda, para esses autores, a história oral é a soma articulada, planejada de algumas atitudes pensadas como um conjunto, não é apenas a entrevista ou outra fonte oral que marca a história oral. Nesse sentido, Meihy e Holanda (2007, p. 17) definem:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definições de locais; tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência de produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e sempre que possível, a publicação dos resultados que devem em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

Meihy e Holanda (2007) afirmam que, só após a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, a história oral armou-se de critérios que a diferenciaram das demais formas de entrevistas. “A história oral, portanto, é recente e fruto do convívio urbano, atenta a fenômenos de interesse do público amplo e triada por debates atentos à fundamentação de seus usos.” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 102). Apesar de a história oral estar consolidada em diversos países, tais como Estados Unidos, Grã-Bretanha e outros, Irailda Silva (2008, p. 39) afirma: “Aqui, no Brasil, ela vem se propagando timidamente desde os últimos anos da década de setenta.”

Nesse caso, Amado e Ferreira (1998) assinalam que a criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994, além da incorporação aos programas de pós-graduação e os Encontros Nacionais de História Oral, estimulou a discussão e a produção científica como também a consolidação para temas ainda pouco explorados. Meihy e Holanda (2007) afirmam que, na atualidade, há, sem dúvida, um considerável avanço em termos internacionais, e o Brasil passa a ter cada vez mais lugar de destaque como promotor de trabalhos de história oral, inclusive reconhecendo a sua originalidade e poder de síntese, além de sua regionalização como virtudes propostas ao oralismo brasileiro, pois pontua situações que, em geral, são vistas amplamente.

Dado o seu caráter específico, adotamos o gênero de História Oral de Vida, que segundo Meihy e Ribeiro (2011, p. 82) explicam, é:

Um gênero bastante cultivado e com crescente público. Trata-se de narrativa com aspiração de longo curso – daí o nome ‘vida’ – e versa sobre aspectos continuados da experiência de pessoas. Trata de um tipo de narração com o começo, meio e fim, em que os momentos extremos – origem e atualidade – tendem a ganhar lógica explicativa. Nessa linha, desde logo, a possibilidade condutiva do narrador merece cuidados a fim de gerar liberdade na autoconstrução do colaborador.

Complementam os autores:

Exatamente para garantir essas dimensões, recomendam-se entrevistas livres ou abertas, o mais possível. Condena-se a condução, por meio de questionários ou perguntas fechadas, em entrevistas de histórias orais de vida. Com essa postura, permitem-se entradas em territórios de difícil acesso como: vida privada, construção de afetos pessoais e coletivos, visões subjetivas, reações do particular no conjunto de opiniões gerais. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 82).

Ainda a respeito da História Oral de Vida, Spindola e Santos (2003, p. 121) ressaltam “o momento histórico vivido pelo sujeito”. Assim esse método “possibilita o estudo sobre a vida das pessoas, penetrar em sua trajetória histórica e compreender a dinâmica das relações que estabelece ao longo de sua existência” (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 121). Nesse sentido o cotidiano das pessoas é relatado por meio de suas histórias de vida. Sendo assim, a experiência, em sentido amplo, deve ser o motivo das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade, e sim a versão sobre a moral existencial (MEIHY; RIBEIRO, 2011).

Segundo Irailda da Silva (2008), a utilização de fonte oral busca a interlocução do passado com o presente, tendo como contexto a realidade cotidiana que a pessoa vivenciou. A autora também cita que, nas entrevistas, a pessoa fala sobre sua vivência sem a necessidade de que os fatos sejam totalmente verificados; ou seja, o objetivo desse tipo de estudo é justamente entender a vida conforme o ponto de vista e a interpretação de quem a relatou. Portanto, a história oral, que dá voz aos excluídos e estuda temas do cotidiano, vem surpreendendo os acadêmicos tanto em relação às fontes quanto pelos objetos e pelas problemáticas (THOMPSON, 1992).

Mesmo diante do quadro de abertura nacional para a história oral, Irailda Silva (2008, p. 40) alerta que “dentro da diversidade de situações em que ela vem sendo utilizada desde os seus primórdios, ela ainda apresenta, em alguns momentos, uma noção de marginalidade, que não se extinguiu por completo”. Irailda Silva (2008, p. 40) acrescenta que, tentando evitar desconfiças a respeito dessa metodologia, “os pesquisadores que fazem uso da história oral podem lançar mão de outras disciplinas, como é o caso da psicologia, da filosofia, da

sociologia e da psicanálise, para esclarecer vários fenômenos, inclusive das desconfianças da memória”.

Ainda no que diz respeito a tal descrença, Amado e Ferreira (1998) dizem que soluções para a desconfiança podem ser buscadas nas teorias da História, que contribuem com conceitos em relação à memória e a outros temas que são utilizados nos trabalhos como fontes orais.

No que concerne à coleta de dados, ou seja, às respostas dos atores sociais envolvidos no estudo, utilizamos a entrevista como técnica de recolha, que, segundo Lakatos (2003), são definidas como um encontro entre duas pessoas com o intuito de se obter informações sobre um tema. Trata-se de uma conversa entre duas pessoas, seguindo um método e proporcionando ao entrevistador as informações necessárias por meio da oralidade.

Segundo Moreira e Caleffe (2006), tal técnica é muito usada em quase todas as disciplinas das Ciências Sociais, e na pesquisa educacional como uma técnica-chave na coleta de dados; “toda entrevista tem sempre como objeto algum aspecto do passado que deseja resgatar” (MONTENEGRO, 2007, p. 151), possibilitando ao entrevistado lembrar do passado com máximo de particularidades possíveis. “Por sua natureza interativa, a entrevista permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade [...]” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2001, p. 168).

A escolha pelo tipo de entrevista, como também no caso de outros instrumentos de coleta de dados, não foi neutra, “ela se justifica pela necessidade decorrente da problemática do estudo, pois é esta que nos leva a fazer determinadas interrogações sobre o social e a buscar as estratégias apropriadas para respondê-las” (ZAGO, 2003, p. 294). Assim sendo, mediante o contexto apresentado, a resposta dos entrevistados, passou a ser o principal objeto de análise deste estudo.

Igualmente ao que fez Irailda Silva (2008) em seu trabalho de pesquisa, os nossos respondentes falaram livremente sobre suas memórias sem se prender a uma organização cronológica. Dessa forma, tais relatos puderam ser uma produção da história quando, após a transcrição e o estudo das entrevistas, organizamos as narrações de acordo com as variáveis constantes e os significados atribuídos a elas pelos depoentes.

No tocante à entrevista propriamente dita, que é uma ferramenta de produção documental, que a nosso ver, sendo aberta, tornou-se mais adequada para se alcançar os objetivos do estudo em questão. Sobre esse tipo de entrevista, Meihy e Ribeiro (2011, p. 102) afirmam:

Se for um projeto de história oral de vida, o modelo condutivo, sem dúvida, é o de entrevista abertas. A virtude maior desse tipo de entrevista é possibilitar escolhas na constituição do perfil desejado pelo colaborador. Então blocos de perguntas devem compor estímulos dialógicos.

Ainda com relação à coleta de respostas por meio das entrevistas, Irailda Silva (2008, p. 42) explica:

As relações estabelecidas entre o pesquisador e entrevistado no processo da coleta dos depoimentos devem levar em consideração que, quando a pessoa passa a falar de suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e que devem ser partilhadas para fugirem do esquecimento. E, no momento em que a entrevista está sendo realizada, o entrevistado encontra no interlocutor com quem pode trocar impressões sobre a vida que passa ao seu redor.

Porém, antes da realização da entrevista precisamente, faz-se necessário entender, segundo Meihy e Ribeiro (2011), suas etapas, que são três segundo os autores. A primeira é a pré-entrevista, que corresponde à etapa de preparação do encontro, em que haverá a gravação, tendo, sempre que possível, um entendimento preparatório para que os entrevistados tomem conhecimento do projeto e do âmbito de sua participação, momento também em que serão combinados o horário, a data e o local onde ela se realizará.

Na segunda etapa, antes de iniciar a entrevista propriamente dita, sem a presença do colaborador, recomenda-se gravar o nome do projeto e a identidade do entrevistado; sempre que possível, deve-se manter o equilíbrio regular no tempo equivalente a elas, devendo-se prestar atenção em não haver diferença de tratamento dado aos participantes, para que não haja caracterização de favorecimento. Na terceira etapa, a pós-entrevista, segundo os autores supracitados, é muito importante dar um telefonema de agradecimento aos participantes a fim de estabelecer a continuidade no processo.

Ao aplicarmos a entrevista, identificamos na fala dos atores sociais como ocorreu o processo de educação formal ao longo de sua vida. Igualmente, confeccionamos um termo de livre consentimento onde constarão informações a respeito da pesquisa em questão, assim como deixamos claro aos atores a possibilidade de desistência da participação do estudo a qualquer momento; do mesmo modo, explicitamos na ocasião, a possibilidade de o entrevistado censurar trechos de sua entrevista caso houvesse tal interesse.

Outra questão não menos importante apresentada por Moreira e Caleffe (2006), igualmente considerada, foi a seleção dos participantes, principalmente quando as entrevistas são utilizadas como fonte de dados. Sendo assim, não utilizamos uma amostra aleatória, pois

nosso propósito não foi estabelecer um padrão da população, em vez disso, tivemos interesse de selecionar participantes que puderam contribuir de maneira mais eficaz para a pesquisa, ou seja, utilizamos uma amostragem intencional dos participantes; isso significa dizer que, a amostra foi selecionada levando-se em consideração as pessoas que fossem capazes na ocasião de contribuir efetivamente com nosso estudo.

Assim, elegemos como critérios de inclusão para a realização das entrevistas: a) aceitar participar voluntariamente da pesquisa; b) ter sido atleta de futebol profissional; c) ter atuado em algum momento da carreira como profissional em um dos três grandes clubes de futebol de Recife (Clube Náutico Capibaribe, Sport Club do Recife e Santa Cruz Futebol Clube).

Para que os dados coletados na entrevista pudessem ser analisados, foi necessário transcrevê-los; “comumente, transcrição é o nome dado ao ato de converter o conteúdo gravado na fita em um texto escrito.” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 107). Tratou-se de um trabalho longo e exaustivo, sendo um momento no qual “as manifestações dos entrevistados devem ser transcritas literalmente” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 186), isto é, com o máximo de imparcialidade possível. Sendo de muita importância para que o pesquisador se familiarize com os dados coletados. Assim sendo, a transcrição indubitavelmente se tornou “uma das fases de grande importância à construção e à análise da documentação escrita” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 107).

O passo seguinte à transcrição das entrevistas foi a análise dos dados, “o que na verdade constitui o ponto culminante da pesquisa” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 110). Portanto, a análise dos dados obtidos nas entrevistas apoiou-se no conceito de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2011, p. 48), assim definido:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Destarte, a Análise de Conteúdo, proposta pela autora, segue três etapas para a concretização do processo:

- a) pré-análise – estratégias para a coleta dos dados e a organização do material para posterior análise;

- b) exploração do material e tratamento dos resultados – codificação, classificação e categorização dos dados, na busca por sínteses de dados coincidentes, divergentes e neutros, localizados nas mensagens;
- c) inferência e interpretação – aprofundamento da análise da etapa anterior, desvendando o conteúdo latente dos dados manifestos.

Bardin (2011, p. 32) afirma que não existe o “pronto-a-vestir” nas análises de conteúdo, sendo, assim, necessária, a reinvenção e adequação das técnicas de análise aos objetivos pretendidos. Nesse caso encontramos subsídios coerentes na Análise de Enunciação. Por conseguinte, a análise do conteúdo nos permitirá, por meio de técnicas de pesquisa de forma sistemática a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, assim como as inferências sobre os dados coletados. Oliveira (2008) assinala que análise do conteúdo também permite o acesso a diversos conteúdos explícitos ou não, presentes em um texto.

As entrevistas entram em diálogo com o referencial teórico para auxiliar o processo cíclico de dedução e indução elaborado pelo pesquisador. A cada leitura, a cada análise, surgem hipóteses que sugerem novas interpretações em um fluxo constante de reflexões. Assim, os discursos/as entrevistas deixam de ser produtos e tornam-se fatores fundamentais do processo.

A fim de lapidarmos melhor o objeto, considerando a amplitude da temática Esporte e sua relação com a educação, detemos nossa atenção à modalidade futebol (sem, contudo, desconsiderar análises produzidas anteriormente e de maneira mais abrangente), por algumas razões particulares, como por ser a modalidade mais difundida e praticada no país, pela projeção midiática em torno de suas práticas, pelo volume financeiro que envolve esse mercado profissional e, conseqüentemente, atrai milhares de jovens no desejo de conquistar o que seus ídolos já alcançaram. Por fim, pela maior quantidade de produções, ainda que mais generalistas, acerca dessa temática.

Diante de tudo que foi exposto, pretendemos aumentar o grau de nossas lentes para a análise das relações sociais interdependentes a partir de agentes, de lutas e de posições, e para tal, a base será a *teoria dos campos* de Pierre Bourdieu, com o intuito de entender as configurações humanas, admitindo que ela é constituída por vários campos sociais que se desenvolvem em cadeias de relacionamentos resultantes da interação dos indivíduos. Tivemos o interesse de compreender como se processa a relação da educação formal com o meio esportivo, mais precisamente o futebol.

Segundo Marchi Júnior (2002), a argumentação teórica de Bourdieu, para a constituição de um campo, faz-se necessária a existência e a definição de objetos de interesses, os quais, dotados de valores, tornam-se objetos de disputa, que, por sua vez, definem o campo como um espaço de lutas, concorrência e busca de poder. A essas características, soma-se a construção de um *habitus* que se encarrega de delimitar as fronteiras desse determinado campo e selecionar a introdução de novos agentes sociais. Como afirma Cedro (2017, p. 11):

A teoria dos campos de Bourdieu se inscreve na interação entre os indivíduos que irão constituir determinado tipo de relações. Nesse sentido, as estruturas não seriam as condicionantes gerais de comportamento, mas sim o *habitus* é que seria o norteador para que o agente possa transitar e conviver dentro do campo social específico.

Mais especificamente sobre o tratamento dos dados coletados, por técnica de entrevista, como já foi citado, assim como Gondim (2017), justificamos o uso do programa de análise qualitativa NVivo® (versão NVivo 11 Pro for Windows®) com a intenção de buscar a inovação com a utilização de recursos mais modernos, que, de certa forma, apresentaram-se um mecanismo informatizado inovador para nosso programa de pesquisa. Esse *software* organiza e categoriza informações textuais. Além disso, ajuda a descobrir tendências e a sistematizar análises, facilitando um rápido reexame dos dados (SILVA; FIGUEIREDO FILHO; SILVA, 2015). Da mesma forma, para esses autores, é importante ressaltar que *softwares* de análise qualitativa como esses, são facilitadores no processo analítico dos dados, porém não substituem de forma alguma a responsabilidade do pesquisador na interpretação substantiva dos resultados.

Segundo Bardin (2011), o uso de programas de computadores, ou seja, *softwares* têm consequências positivas na análise do conteúdo, dentre elas a autora destaca: rapidez, acréscimo de rigor na organização da investigação, facilitação no armazenamento, possibilidade de manipulação de dados complexos, além do estímulo à criatividade. Portanto, Mozzato, Grzybovski e Teixeira (2016, p. 581) ensinam:

o NVivo® consiste numa ferramenta que auxilia o pesquisador nas várias etapas da pesquisa qualitativa: organização da fundamentação teórica; definição e procedimentos da amostragem inicial; definição e organização das categorias e subcategorias analíticas; organização dos dados coletados em múltiplas fontes; análise dos dados; desenvolvimento teórico e apresentação dos resultados; potencialização e intensificação do alcance e profundidade das

pesquisas; permissão de maior exploração da complexidade dos dados; na validação dos resultados das pesquisas, gerando confiabilidade.

Ainda sobre a justificativa de escolha desse programa como forma de auxiliar no tratamento dos dados coletados, levamos em consideração o reconhecimento de sua importância pelo cenário acadêmico nacional, que, de acordo com Lage (2011, p. 201, grifos do autor) consiste em um:

[...] dos *softwares* mais utilizados no ambiente acadêmico brasileiro, tendo sido adotado por centros de pesquisa da maioria das grandes universidades, como a Unicamp, a USP, a UFRGS, entre outras. No entanto, ainda é baixo o número de pesquisas qualitativas que usam algum tipo de *software* de apoio.

Levando em consideração, o que foi dito a respeito do software NVivo® nos parágrafos anteriores, especificamente na realização de análise de conteúdo com o auxílio dele, foi preciso antes fazer a análise temática por meio de uma leitura minuciosa dos dados coletados nas entrevistas, com o intuito de descobrir núcleos de sentidos contidos na fala dos entrevistados, considerando, além da frequência de aparição de palavras, os significados contidos nas ideias apresentadas. Como atesta Bardin (2011, p. 131), “os textos devem ser preparados e codificados conforme as possibilidades de leitura do computador e a instrução do programa”.

Por conseguinte, depois de feita a exploração do material (codificação, classificação e categorização dos dados), fizemos alocações com trechos de entrevistas concedidos pelos participantes da pesquisa, partes essas que foram criteriosamente escolhidas e distribuídas nos eixos temáticos de acordo com o problema da pesquisa e seus objetivos investigados. Dessa forma, criamos os seguintes eixos temáticos:

- a) tensão e possível conciliação entre a formação educacional e a esportiva;
- b) suporte educacional e a reinserção no mercado laboral;
- c) sonho de ser jogador de futebol;
- d) possibilidades para aquisição de credenciais educacionais;
- e) influência parental;
- f) incidência de lesões.

Após essa etapa, os dados coletados foram rapidamente organizados e sua apresentação feita por meio da produção gráfica no formato de nuvem, baseado na análise frequencial de ocorrência das palavras. Ressaltamos, assim como Gondim (2017), que tal representação gráfica no formato de nuvem apenas facilita, mas não omite a responsabilidade

de uma análise interpretativa por parte do pesquisador no tocante ao conteúdo analisado. Posto isto, fizemos entrevistas com onze ex-atletas de futebol profissional que atuaram em algum momento da carreira em dos três grandes clubes (Clube Náutico Capibaribe, Sport Club do Recife e Santa Cruz Futebol Clube) da capital pernambucana, no intento de investigar como se realizou o processo de escolarização ao longo da vida.

Por fim, ressaltamos a importância do detalhamento metodológico apresentado por nossa pesquisa, com interesse de possibilitar o pleno entendimento por parte do leitor quanto aos métodos, as técnicas e o procedimento, além das ferramentas utilizadas em nosso estudo.

### 3 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FORMAL NO BRASIL – PRIMEIRO TEMPO

Não temos o intuito de esmiuçar nesta seção a história da educação brasileira, porém, para título deste estudo, faz-se necessário nos aproximarmos de nossa história educacional mais recente. Para tal, tomamos como base a classificação das principais concepções de educação e das ideias pedagógicas propostas por Saviani (2008),<sup>1</sup> mais especificamente, o que o autor classifica como concepção pedagógica produtivista, cujo entendimento, postula que a educação é um bem de produção, e não apenas um bem de consumo, tendo, assim, importância decisiva no processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista, onde podemos observar nas últimas décadas a existência de uma concepção de educação voltada para a formação do trabalhador atrelada ao desenvolvimento econômico.

Foi nesse cenário educacional que se desenvolveu nossa pesquisa. Levando em consideração que a idade dos ex-atletas de futebol profissional entrevistados varia entre 25 e 46 anos,<sup>2</sup> entendemos que, justamente entre a década de 1980 e o início dos anos 2000, iniciou-se o processo de formação educacional e esportiva deles; conseqüentemente, reverbera nos dias atuais, pois como constatamos na análise da fala dos entrevistados,<sup>3</sup> a formação concomitante em ambos os contextos repercutiu diretamente na retomada da vida fora das quatro linhas, uma vez que, para a maioria deles, apresentou dificuldades de conciliação entre as duas demandas; principalmente para aqueles que, movidos pelo desejo de mobilidade social, deram prioridade à carreira esportiva, relegando a segundo plano a aquisição de uma educação formal institucionalizada, o que acarretou obstáculos para a inserção em novo mercado laboral, conforme relato deles. Podemos observar de maneira mais aprofundada mais adiante nos resultados e discussões.

Sendo assim, com o propósito de situar cronologicamente este estudo, nossa argumentação teórica acerca do período educacional citado anteriormente se iniciará na década de 1970, período no qual, conforme Santos (2010), houve uma ênfase dos estudos econômicos em educação, conceitos de capital humano utilizados por Schultz (1973), para explicar o investimento em educação, o de produtividade, taxa de retorno, custos da educação, levando ao entendimento de educação como se fosse mercadoria. Segundo Schultz, tal visão

---

<sup>1</sup> Saviani (2008), no livro *História das ideias pedagógicas no Brasil*, que estudou as diversas correntes pedagógicas, assim como a evolução da organização escolar, propondo a seguinte periodização das ideias pedagógicas no Brasil: Primeiro Período (1549-1759) – monopólio da vertente religiosa da pedagogia tradicional, Segundo Período (1759-1932) – coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional, Terceiro Período (1932-1969) – equilíbrio entre a pedagogia tradicional e a pedagogia nova e, o Quarto Período (1969-2001) – configuração da concepção pedagógica produtivista.

<sup>2</sup> Para melhor entendimento, observar o Quadro 1, que trata do perfil dos entrevistados.

<sup>3</sup> Aprofundaremos a análise do conteúdo das entrevistas mais adiante, a partir da seção 5.

da educação reforça a ideia de quanto maior for a qualificação, maiores são as possibilidades de uma boa colocação no mercado de trabalho, que, por sua vez, geraria maior renda para os indivíduos.

Santos (2010, p. 45) diz que “o novo contexto mundial é marcado pela globalização e pela menor intervenção do Estado na economia. Além disso, começa a se instalar um novo paradigma produtivo cuja a base técnica [...] está ancorada no conhecimento e educação”. Particularmente, Saviani (2008) afirma que a década de 1980 foi a busca de teorias que não apenas se constituíssem como alternativas à pedagogia oficial, mas que a ela se contrapusessem. Portanto, havia necessidade de a comunidade educacional encontrar alternativas à pedagogia dominante da época, posta em evidência quando na realização da I Conferência Brasileira de Educação (CBE), havia necessidade de se formular uma pedagogia crítica que, entretanto, não fosse reprodutivista.

No fim da década de 1970, ao mesmo tempo em que há o declínio econômico brasileiro, do mesmo modo, surge a abertura política. Nas palavras de Santos (2010, p. 44):

Neste período, a educação passa a ser considerada politicamente, em que se coloca, sobretudo, o seu papel na construção da cidadania. [...] trata-se de um momento de crise do Estado, em que os movimentos sociais tiveram um papel importante no sentido de retorno à democratização do país. [...] neste sentido, [...]. A educação, além do seu papel na construção da cidadania, para o qual era necessário a ampliação do seu acesso, a democratização dos seus instrumentos de gestão e autonomia, também lhe era requerida a função de contribuir para a autonomia do país.

Nessa perspectiva, por tudo que envolveu política e economicamente a década de 1980, caracterizando-se principalmente pela abertura democrática, tornou-se, assim, o clima favorável ao surgimento das pedagogias contra hegemônicas, porém, os resultados não foram muito animadores. Na visão de Saviani (2008, p. 170), as tentativas de implantar políticas de “esquerda” fazendo oposição ao regime militar foram, de forma geral, frustrantes, assim como “as pedagogias da educação popular” perderam boa parte do vigor e entusiasmo que demonstravam na década de 1980. Na opinião do autor, esse arrefecimento das tentativas de implementação das ideias contra hegemônicas deve-se em boa parte pela acessão nos anos 1990 dos governos ditos neoliberais, em consequência do Consenso de Washington, que defendia não apenas a educação, mas educação, ciência e tecnologia seria a base para o desenvolvimento econômico, promovendo em diversos países reformas educativas caracterizadas, pelo neoconservadorismo.

Segundo Santos (2010, p. 45):

Na década de 90 a educação é considerada, sobretudo, promotora de competitividade. Essa educação que possibilita a competitividade dá ao indivíduo a condição de empregabilidade e traz para a sociedade a modernidade associada ao desenvolvimento sustentável. Esse novo modelo é marcado pela globalização e a menor intervenção do estado na economia. Além disso começa se instalar um novo paradigma produtivo cujo a base técnica é a eletroeletrônica, própria do sistema industrial de automação microeletrônica e que está ancorado ademais no conhecimento e na educação.

Conforme Saviani (2008), a crise da sociedade capitalista que eclodiu na década de 1970 conduziu à reestruturação dos processos produtivos, revolucionando a base técnica da produção e conduzindo à substituição do fordismo<sup>4</sup> pelo toyotismo.<sup>5</sup> O modelo fordista apoiava-se na instalação de grandes fabricas operando com tecnologia pesada de base fixa, incorporando aos métodos tayloristas<sup>6</sup> de racionalização do trabalho; supunha a estabilidade no emprego e visava à produção em série de objetos estandardizados, em larga escala, acumulando grandes estoques dirigidos ao consumo de massa.

Saviani (2008,) da mesma forma, mostra que, diversamente, o modelo toyotista apoia-se em tecnologia leve, de base microeletrônica flexível, e opera com trabalhadores polivalentes visando à produção de objetos diversificados, em pequena escala, para atender à demanda de nichos específicos do mercado, incorporando métodos de *just in time* que dispensam a formação de estoques; requer trabalhadores que, em lugar da estabilidade no emprego, disputem diariamente cada posição conquistada, vestindo a camisa da empresa e elevando constantemente sua produtividade.

Nessas condições reforçou-se a importância da educação escolar na formação desses trabalhadores que, pela exigência e flexibilidade, deveriam ter um preparo polivalente apoiado no domínio de conceitos gerais, abstratos, de modo especial aqueles de ordem matemática. Manteve-se, pois, a crença na contribuição da educação para o processo econômico-

---

<sup>4</sup> Criado depois da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial pelo japonês Taiichi Ohno, esse sistema de produção foi implementado pela primeira vez na fábrica da Toyota. Nas fábricas que seguiam esse modelo, a produção estava em sintonia com a entrada de matéria-prima e com o mercado consumidor, assim, tornava-se desnecessário o espaço com estoque. Outra vantagem do toyotismo é que, pelo fato de sempre agir conforme a configuração do mercado, é mais fácil garantir sempre a atualização da produção.

<sup>5</sup> O fordismo, criado por Henry Ford, nada mais é que uma junção prática do sistema taylorista e da facilidade das máquinas. O fordismo propiciou um aumento da produção de carros, o que faz com que os próprios funcionários pudessem comprá-lo, aumentando o mercado consumidor do patrão.

<sup>6</sup> Criado pelo engenheiro mecânico Frederick Winslow Taylor, o taylorismo é um sistema que consiste na divisão do trabalho e especialização do operário em uma só tarefa. Pelos preceitos tayloristas, o trabalhador não teria mais a necessidade de conhecer todo o processo de produção, devendo conhecer apenas um, procurando um aperfeiçoamento constante apenas dessa parte.

produtivo, marca distintiva da teoria do capital humano,<sup>7</sup> mas seu significado foi substantivamente alterado. Saviani (2008, p. 429) expressa:

[...] assim, a versão originária da teoria do capital humano entendia a educação como tendo por função preparar as pessoas para atuar no mercado em expansão que exigia força de trabalho educada. À escola cabia formar mão de obra que progressivamente seria incorporada pelo mercado, tendo em vista assegurar a competitividade das empresas e o incremento da riqueza social e da renda individual.

Acrescenta o autor:

No entanto, após a crise da década de 1970, a importância da escola para o processo econômico-produtivo foi mantida, mas a teoria do capital humano assumiu um novo sentido. O significado anterior estava pautado numa lógica econômica centrada em demandas coletivas, tais como o crescimento econômico do país, a riqueza social, a competitividade das empresas e o incremento dos rendimentos dos trabalhadores. (SAVIANI, 2008, p. 429).

Nesse cenário apresentado, diferentemente do que era fomentado por meio de uma iniciativa do Estado, em uma época de plena expansão dos postos de trabalho, cuja preocupação das políticas públicas naquela ocasião era a preparação da mão de obra para ocupação das vagas disponíveis, o indivíduo será plenamente responsável por suas escolhas, e tais decisões lhes permitiram competir em pé de igualdade por uma vaga no mercado de trabalho.

Segundo Saviani (2008), as condições de empregabilidade de um indivíduo estão diretamente relacionadas com o grau de instrução adquirido por ele, ou seja, quanto maior o grau de escolaridade, maiores são as chances de manter-se empregado, ou em condições reais de disputar uma vaga de emprego em um mercado cada vez mais acirrado. Entretanto, não há garantia nenhuma de que o grau educacional elevado venha garantir a ele uma vaga no mercado de trabalho, pois no mundo capitalista atual, não existem postos de trabalho para todos. Por conseguinte, a busca da produtividade educacional incentivou a refuncionalização da teoria do capital humano.

---

<sup>7</sup> Sua origem está ligada ao surgimento da disciplina Economia da Educação, nos Estados Unidos, em meados dos anos 1950. Theodore W. Schultz, professor do Departamento de Economia da Universidade de Chicago, à época, é considerado o principal formulador dessa disciplina e da ideia de capital humano. Essa disciplina específica surgiu da preocupação em explicar os ganhos de produtividade gerados pelo “fator humano” na produção. A conclusão de tais esforços redundou na concepção de que o trabalho humano, quando qualificado por meio da educação, era um dos mais importantes meios para a ampliação da produtividade econômica, e, portanto, das taxas de lucro do capital. Para o entendimento mais aprofundado da Teoria do capital humano é fundamental consultar as obras de Theodore Schultz (1963, 1971), respectivamente, *O valor econômico da educação* e *O capital humano: investimentos em educação e pesquisa*.

Levando em consideração o dito anteriormente, Saviani (2008) chega à seguinte conclusão acerca do atual contexto em que a educação está inserida:

Configura-se, então, nesse contexto, uma verdadeira ‘pedagogia da exclusão’. Trata-se de preparar os indivíduos para mediante sucessivos cursos dos mais diferentes tipos, se tornam cada vez mais empregáveis, visando escapar da condição de excluídos. E, caso não consigam, a pedagogia da exclusão lhes terá ensinado a introjetar a responsabilidade por essa condição. Com efeito, além do emprego formal, acena-se com a possibilidade de sua transformação em microempresário, com a informalidade, o trabalho por conta própria, isto é, sua conversão em empresário de si mesmo, o trabalho voluntário, terceirizado, subsumido em organizações não governamentais etc. Portanto, se diante de toda essa gama de possibilidades ele não atinge a desejada inclusão, isso se deve apenas a ele próprio, a suas limitações incontornáveis. Eis o que ensina a pedagogia da exclusão. (SAVIANI, 2008, p. 431).

Ao entendermos que a atual conjectura socioeconômica reflete diretamente no campo pedagógico que, do mesmo modo, interfere na colocação do ser humano em um mercado de trabalho cada vez mais exigente, se antes com a economia em expansão em direção ao pleno emprego propiciado pelas políticas keynesianas,<sup>8</sup> o mais importante, segundo Saviani (2008, p. 432), era aprender a aprender, ou seja, aprender a estudar, a buscar conhecimentos, a lidar com situações novas. Nesse contexto “aprender a aprender significa adquirir a capacidade de buscar conhecimentos por si mesmo, de se adaptar a uma sociedade que era entendida como um organismo em que cada indivíduo tinha um lugar e cumpria um papel determinado em benefício de todo corpo social”.

Porém, diferentemente, na situação atual, o “aprender a aprender” está diretamente ligado à necessidade de uma constante atualização exigida pela necessidade de ampliar a esfera da empregabilidade. O segredo do sucesso nas condições atuais estaria na capacidade de adaptação e de aprender a aprender e a reaprender, pois os postos de trabalho se vêm reduzindo tanto na agricultura como na indústria, o que faz com que os postos de emprego que restam vão ser mais disputados, devendo ser ocupado por trabalhadores mais bem preparados (FONSECA, 1998).

---

<sup>8</sup> Defesa da intervenção estatal na economia, principalmente em áreas onde a iniciativa privada não tem capacidade ou não deseja atuar. Tendo o Estado um papel fundamental de estimular as economias em momentos de crise e recessão econômica, tal intervenção deve ser feita por meio do cumprimento de uma política fiscal para que não haja crescimento e descontrole da inflação.

No mundo moderno, o ser humano sem os conhecimentos inerentes a um campo de atuação profissional, os horizontes se estreitam, tendo o indivíduo de se preparar cada vez mais e de forma contínua para que se tornem progressivamente mais empregáveis em um mercado de trabalho crescentemente exigente e excludente. Na visão de Santos (2010, p. 47):

Ou seja, a educação é importante para o país enquanto condição de competitividade, no sentido de permitir a entrada no novo paradigma produtivo que é baseado, sobretudo, na dominação do conhecimento. Porém, a educação também é considerada relevante no que se refere ao seu papel de diminuição das desigualdades sociais, ou seja, como promotora de cidadania social. Dessa forma, o desenvolvimento é obtido através de maior participação social dos cidadãos.

Isto é, cremos, igualmente a Delors (1998, p. 103), que “hoje em dia, ninguém pode pensar em adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma utilização contínua dos saberes”. Nesse sentido Bauman (2010, p. 19) traz a seguinte observação: “num mundo como este, o conhecimento é destinado a perseguir eternamente objetos sempre fúlgidos que, como se não bastasse, começam a se dissolver no momento em que são apreendidos [...]”.

Nessa perspectiva, encontramos-nos em um “mundo volátil de mudanças instantâneas e erráticas” como constata Bauman (2010, p. 19). A educação ainda pode assumir um papel de protagonismo nesta atual configuração social tecida na contemporaneidade a que estamos submetidos. Do mesmo modo, tal temática ainda carece bastante de debates e reflexões, e mais quando se trata do fenômeno esportivo que, em nosso caso, é o processo de educação formal vivenciado pela ótica do ex-jogador profissional de futebol.

#### **4 ESPORTE E EDUCAÇÃO: PAR DIALÉTICO DE MUITA TENSÃO – SEGUNDO TEMPO**

Como mencionamos, temos ciência das inúmeras contribuições de estudos relacionados com a educação formal nas mais diversas esferas sociais e com diferentes vieses acadêmicos; do mesmo modo, somos sabedores de que a relação entre o esporte e a educação tem caracterizado palcos de inúmeros debates e discussões, da qual o futebol vem participando e fixando-se cada vez mais como um dos campos que têm despertado o interesse das pesquisas acadêmicas, embora, igualmente concordamos que, mesmo diante do avanço dos debates acerca do assunto no cenário nacional, ainda há muito a se discutir a respeito desta temática.

Quanto à prática esportiva, os estudos apontam de maneira mais acentuada temas que investigam a pedagogia do esporte, periodização do treinamento, questões psicológicas e fisiológicas relacionadas com o esporte, especialização precoce de jovens atletas, aspectos técnicos e táticos pertinentes à formação esportiva entre outros. Porém, ainda há muito a ser estudado, principalmente no que diz respeito ao fenômeno futebol e sua relação com o contexto educacional, mais especificamente a relação entre esta prática esportiva e o processo de escolarização que, segundo Correia (2014), essa relação pode ser povoada por dilemas, percalços, dificuldades e sacrifícios, notadamente para aqueles atletas em formação, conseqüentemente em idade escolar, que invariavelmente precisam dividir sua atenção entre os treinos e a escola.

Sendo assim, percebemos que haveria necessidade de identificar de maneira mais ampla e generalizada (para além do futebol e em outros países) como se realiza a formação esportiva simultaneamente à formação escolar, procurando entender como houve a conciliação ou os conflitos entre as obrigações esportivas e escolares ao longo da vida do estudante atleta; se houve prejuízo na aquisição do capital cultural (BOURDIEU, 1997) proporcionado por uma instituição de ensino formal e como esse processo de escolarização poderia ajudá-lo fora do mundo esportivo futuramente.

Esta seção, portanto, procura apresentar por meio de produções acadêmicas nacionais e internacionais como ocorreram os aspectos citados acima entre a formação esportiva e a escolar em outros ambientes esportivos e em diversos países.

Desse modo, especificamente sobre o processo de escolarização de atletas, realizou-se uma investigação no banco de teses da Capes e na biblioteca eletrônica Scielo, no período de

2007 a 2016, com o descritor “escolarização de atletas”. Por meio desse método, identificamos dez dissertações de mestrado que versavam a respeito dessa temática: Melo (2010), Santos (2010), Barreto (2012), Rocha (2013), Azevedo (2014), Correia (2014), Klein (2014), Carvalho (2015), Conceição (2015) e Costa e Silva (2016) e uma tese de doutorado Costa (2012) que tratava da mesma problemática. Desses, Melo (2010), Santos (2010), Barreto (2012) e Correia (2014) voltaram seus trabalhos para a análise do processo de escolarização de atletas de futebol e fundamentaram o entendimento das dificuldades que os futebolistas encontraram ao longo da vida de estudante-atleta ao tentarem conciliar as obrigações esportivas com as escolares, que discutiremos mais especificamente na seção 5.

Segundo Azevedo et al. (2017), a simultaneidade da formação escolar e da esportiva tem acarretado um ambiente de tensão entre elas porque demandam grande dedicação de tempo. Lee (1983) mostra que muitos estudantes-atletas estão considerando a carreira esportiva em uma perspectiva profissional, influenciados pelo aumento da exposição na mídia das modalidades esportivas e incentivados pelo status econômico oferecido àqueles que conseguem êxito nessa proposta; ou seja, a atenção da mídia aos esportes, o status socioeconômico privilegiado desfrutado pelos atletas profissionais e a velocidade meteórica com que os atletas aparentemente chegam ao topo podem influenciar os futuros planos educacionais (GOLDBERG; CHANDLER 1995).

Azevedo (2014, p. 31) afirma que “poucos estudantes atletas conseguirão profissionalizar-se no esporte e, assim, a grande maioria ficaria exposta a dificuldades de posterior inserção no mercado de trabalho”, e para corroborar esse pensamento, o autor cita uma pesquisa realizada pela National Collegiate Athletic Association (NCAA) que aponta uma porcentagem de aproveitamento de atletas universitários em ligas profissionais americanas menores que os 2% apontados naquela ocasião por Lee (1983) em um estudo semelhante. Apesar desses dados, Goldberg e Chandler (1995, p. 41) nos mostram que “um número significativo de atletas do ensino médio continua a ver o esporte universitário como uma experiência necessária para adentrar no esporte profissional e são seduzidos pela expectativa e glamour de serem recrutados por um programa da faculdade”.

Assim, fica evidenciado o risco de que se, porventura, os estudantes atletas apresentarem formações acadêmicas deficientes, poderão enfrentar uma difícil transição para o mercado de trabalho formal, uma vez que suas credenciais esportivas não representarão qualificação em um mercado que exige outros tipos de formação. Apesar da baixa porcentagem de jovens que conseguem profissionalização esportiva, vem acentuando-se

em jovens atletas em idade escolar a busca por uma carreira laboral profissional no esporte (AZEVEDO, 2014).

Seguindo o mesmo raciocínio de Azevedo, Costa (2012, p. 26) afirma:

No Brasil, cada vez mais o esporte desperta elevado interesse dos jovens e se constitui num mercado no qual boa parte desse contingente aspira e procura oportunidades de sucesso profissional. O caminho trilhado pelos jovens que se dedicam a este mercado tão restrito é árduo e constituído de extenuante trabalho corporal, bem como de renúncias a atividades de seu cotidiano.

Tanto para nós, quanto para Melo (2010), Santos (2010), Barreto (2012), Costa (2012), Rocha (2013), Azevedo (2014), Carvalho (2015) e Azevedo et al. (2017), a questão central é que poucos estudantes-atletas conseguirão profissionalizar-se no esporte, e em razão de algumas dificuldades, por exemplo, a conciliação da formação esportiva com a educacional, a grande maioria ficaria exposta a dificuldades de posterior inserção no mercado de trabalho ordinário. Como nos afirma Santos (2010, p. 32): “Nesta gama encontram-se inseridos a maioria dos jovens futebolistas. Para tais atletas, se o sonho da bola falhar, o que acontece para a maior parte, ficará o que resultar da educação escolar: o cidadão.”

Costa (2012), em sua tese de doutorado, que trata especificamente da relação entre o esporte, escola e a concorrência entre eles para jovens atletas de futsal no estado de Santa Catarina, diz que na Escócia, também no Brasil, a possibilidade de mobilidade social proporcionada pelo esporte (sobretudo o futebol) incentiva muitos jovens a ingressar em uma carreira esportiva, desconsiderando, quase sempre, as dificuldades inerentes ao processo de formação além de muita dedicação exigida durante todo o percurso. Comungando do mesmo raciocínio, Santos (2010, p. 28) afirma que “o futebol acena e permite a ascensão social. [...] ocorre que um pequeno número deles consegue atingir à realização em virtude de altas competitividade e seletividade de critérios técnicos e tradicionais”.

McGillivray e McIntosh (2006), que estudaram o futebol profissional escocês do ponto de vista do envolvimento ou a falta de engajamento dos atletas profissionais com o processo educacional, apontaram resultados que indicaram que o nível de escolaridade é afetado pelas exigências dos clubes. Tais evidências sugerem que boa parte dos jogadores profissionais da Escócia não alcança o nível acadêmico adequado para enfrentar o mercado de trabalho após encerrarem a carreira de atleta de futebol. Propõem um debate mais amplo sobre os conflitos existentes entre a formação do atleta e a aquisição do capital cultural exigido em outras atividades laborais.

Santos (2010) nos traz a ideia de que, para a prática do futebol, não há necessidade de credenciais educacionais. Conclusão semelhante à encontrada por Barros (2001, p. 377, tradução nossa), em um estudo que visava estimar o retorno da escolaridade para jogadores de futebol profissional português: “[...] a educação não desempenha nenhum papel neste mercado, que impulsionado pelo talento”. Ideia igualmente confirmada nos dizeres de Costa (2012, p. 30): “no caso do esporte, percebe-se que o sucesso não depende do capital cultural institucionalizado adquirido na escola [...], o jovem é capaz de perceber que o sucesso da carreira esportiva independe de formação educacional”.

Para os jovens aspirantes a atleta, o esporte é uma ferramenta marcadamente importante por meio da qual podem conseguir sucesso financeiro, conseqüentemente sua afirmação social, ou seja, prestígio na sociedade (LEE, 1983).

Esses jovens continuam sendo atraídos e seduzidos por altos salários, contratos milionários e pela perspectiva de concretização de seus sonhos; acreditam que esse pode ser o único meio para a ascensão social, principalmente aqueles que pertencem a um meio social menos favorecido economicamente. Todavia, a dedicação à carreira esportiva coincide com a fase da vida em que o jovem deve ocupar-se com a formação escolar, a fim de adquirir capital cultural institucionalizado (credenciais acadêmicas), que será útil para enfrentar o mercado de trabalho ordinário (COSTA, 2012).

Nesse sentido, independentemente da modalidade escolhida, Azevedo (2014, p. 32) alerta para o “sonho da profissionalização esportiva”, que leva os jovens à iniciação esportiva cada vez mais precoce, ocasionando, assim, aumento na disputa de tempo entre essa formação esportiva e a escolar. Do mesmo modo, o autor orienta que tal escolha requer rigoroso regime de treinamento, apoio familiar e maneiras de conciliação entre a formação escolar e a esportiva.

Assim nos revela Azevedo (2014, p. 49):

No Brasil, as formações escolar e esportiva acontecem, na maioria das vezes, em locais distintos, a saber, escola e clubes esportivos, contribuindo, nesse contexto de simultaneidade de ocorrência, para um quadro de concorrência entre elas. Assim, o esporte e a escola se configuram como mercado e espaço, respectivamente, formadores de profissionais, que requisitam capitais específicos.

Segundo Costa (2012), o contexto da formação esportiva desenvolvida no Brasil, de certa forma, distancia os jovens atletas do processo de formação escolar; diferentemente do modelo dos Estados Unidos, onde o esporte de base inicia-se nas escolas e segue a sua prática

até as universidades, sempre vinculado ao desempenho acadêmico. No Brasil, apesar de existir grande investimento na formação de atletas, poucas iniciativas, programas ou ações governamentais são desenvolvidos na intenção de proporcionar outras oportunidades de trabalho ao grande contingente que não alcançará o sucesso esportivo, considerando-se que o mercado esportivo profissional é incapaz de absorver todo o contingente de jovens candidatos a atleta (COSTA, 2012).

Sendo assim, Metsa-Tokila (2002 apud AZEVEDO et al., 2017, p. 190) ratifica sua preocupação caso os alunos-atletas apresentem deficiência em sua formação acadêmica, o que pode levá-los enfrentar dificuldades na transição para o mercado de trabalho formal, dado que “suas credenciais esportivas não representarão qualificação em um mercado que exige outros tipos de formação”. Porém, segundo o próprio Azevedo et al. (2017), não podemos deixar de considerar, como foi dito, o modelo de formação esportiva dos Estados Unidos, onde se faz no próprio espaço escolar mediante atividades extracurriculares.

Como nos atesta Azevedo (2014, p. 71), “essa condição de inserção da formação esportiva em um ambiente escolar traz a possibilidade para o aluno estadunidense de se aproximar de condições para que ambas as demandas sejam atendidas”. Por outro lado, para Goldberg e Chandler (1995), também há de se considerar a existência de muitos problemas no decorrer desse processo que os estudantes-atletas experimentam ao tentar equilibrar seu papel, os valores e as expectativas, exigindo um compromisso de tempo e energia que acaba por limitar a dedicação aos estudos.

Nesse contexto Correia (2014, p. 48, grifos do autor) afirma:

Na realidade esportiva americana, a detecção e o desenvolvimento dos futuros atletas ocorrem no interior das escolas primárias (*high schools*), atravessa as escolas de ensino médio (*colleges*) e culmina nas universidades (*universities*) de onde muito jovens estudantes/atletas saem para compor as principais equipes dos mais variados esportes nos EUA. Nesse processo, desde a escola primária, os jovens são incentivados a praticar esportes na escola através da adesão aos times de competição mantidos por essas instituições.

Complementa o autor:

Para o funcionamento desse mecanismo simbiótico entre esporte e educação dois fatores contribuem de forma decisiva: primeiramente, existe nos EUA um circuito de competições dentro dos condados, dos estados e do país que estimula a prática regular do esporte com fins competitivos para disputa com outras instituições de ensino. Além disso, por serem práticas esportivas realizadas no interior dos colégios e universidades, elas são adequadas

acomodadas ao horário escolar desses indivíduos e a continuação de sua prática está diretamente ligada à manutenção de um nível mínimo de resultados acadêmicos. (CORREIA, 2014, p. 49).

Ainda sobre o modelo, existe nos Estados Unidos o desenvolvimento dos esportes no interior das *high schools* e das universidades. Remonta ao início do século XX, com a criação da NCAA, uma associação criada em 1906, com aproximadamente 1.200 universidades inscritas. Inicialmente, a atenção era voltada para as questões de saúde pública por meio da construção do corpo saudável, sendo incorporada ao cotidiano das instituições de ensino ao longo do tempo (CORREIA, 2014). Percebemos que, em alguns países, houve tentativas em conciliar a formação esportiva com a formação escolar, a condição de estudante-atleta foi assumida como uma preocupação estatal, tentando organizar a questão para que os jovens envolvidos na “dupla carreira” não fossem prejudicados em sua formação esportiva e acadêmica (AZEVEDO, 2017 et al., p. 191).

Nesse sentido Correia (2014), apoiado em Metsa-Tokila (2002 apud AZEVEDO et al., 2017), que traz como exemplo a extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, onde na década de 1950, criou escolas especiais ligadas ao governo e voltadas para a prática esportiva e matrícula exclusiva de atletas. Essas escolas eram obrigadas a dar atenção especial aos treinamentos e aos programas dos atletas, que, ao longo de dez anos, foram responsáveis pela incorporação de aproximadamente 3.000 mil grupos de atletas, totalizando cerca de 9.000 estudantes.

Por sua vez, Christensen e Sørensen (2009), em um estudo semelhante na Dinamarca, apontaram que a solução encontrada para aquela realidade, foi a possibilidade de flexibilização do currículo escolar para os atletas de elite, permitindo menos horas de aulas por semana; em compensação, o ensino secundário poderia ser feito em quatro anos em vez dos três habituais. Os autores ainda citam, na mesma pesquisa, que a cultura escolar é bastante valorizada por aquela sociedade, existindo uma pressão pela formação escolar por parte dos pais, havendo uma preocupação com o desenvolvimento acadêmico dos jovens atletas.

Conforme Azevedo et al. (2017), a Suécia fundamentou o seu modelo na busca pela harmonização esportiva e o ensino secundário, não havendo distinção entre atletas e não atletas, oferecendo suporte por meio de um treinador qualificado, possibilitando que eles realizem seu treinamento na escola, em convivência com os demais estudantes, podendo desenvolver suas habilidades atléticas sem o prejuízo da não formação escolar.

Na Finlândia, em 1970, os esforços levaram ao início de um projeto que pudesse combinar a formação esportiva com o currículo escolar flexibilizado para os jovens atletas,

permitindo a extensão do tempo de formação na escola secundária. Tal tentativa de aumentar o tempo de formação acadêmica ocorreu pelo entendimento de que as exigências da prática esportiva de alto rendimento não possibilitavam a dedicação necessária aos estudos quando comparados com os não atletas. Dessa forma, a ideia era que a melhor distribuição de aulas poderia facilitar o acesso a uma formação acadêmica com qualidade equivalente à dos não atletas. Contudo, para que existisse a adaptação dos currículos a mais um ano de formação escolar, houve necessidade de convencimento da classe de professores assim como os familiares, modificando, assim, uma lógica escolar já existente (COSTA, 2012; AZEVEDO, 2014; AZEVEDO et al., 2017).

Seguindo essa mesma linha de estudos que problematizam essa temática, voltamos nossos olhares para a produção acadêmica nacional, da qual identificamos o trabalho de Costa (2012), cujo objetivo foi entender como as atletas do futsal feminino, mais precisamente do estado de Santa Catarina, conciliaram a formação escolar, e com a formação esportiva, como procedimento, foram realizadas entrevistas estruturadas respondidas por 56 mulheres atletas das categorias Sub 15 e Sub 20.

O estudo realizado por Costa (2012) indica que as estratégias adotadas especificamente nesse contexto foram no sentido de conciliar a formação esportiva e a formação escolar, havendo a adequação dos horários de treino à rotina escolar além de certa flexibilização das normas das instituições de ensino às quais pertenciam as atletas. Também constatou-se que o bom nível de escolaridade dos pais influenciou de maneira direta o processo de formação daquelas jovens. Do mesmo modo, chegou-se à conclusão de que, para essas garotas, prosseguir como atleta de futsal naquele momento, de certa forma, seria uma maneira de garantir uma formação educacional, tendo em vista, segundo o próprio autor, que as parcerias firmadas entre os clubes e as faculdades particulares aumentavam a possibilidade de inserção delas no mercado de trabalho ordinário, e conseqüentemente, majoravam a possibilidade de ganhos econômicos e sociais no futuro.

Outro dado importante mencionado no estudo de Costa (2012) é que todas as atletas estavam matriculadas no ensino regular público ou privado sem utilizar o ensino noturno. Quando comparados com os atletas de futebol masculino, há uma inversão, o ensino noturno passa ser a melhor opção ou muitas vezes a única opção na tentativa de conciliação do esporte com a escola (MELO, 2010). Segundo Costa (2012), há igualmente de se considerar que a alta expectativa de obtenção de capital cultural institucionalizado desse grupo pode ser entendida pela alta escolaridade dos pais e também pela baixa expectativa de profissionalização no esporte, pois, no Brasil, o futsal feminino tem o mercado profissional bastante limitado.

Outro trabalho que podemos citar que trata da mesma temática no Brasil é a dissertação de mestrado de Azevedo (2014), que versa sobre a conciliação entre formação esportiva e escolar, mais especificamente de atletas convocados para as seleções brasileiras de basquetebol masculinas de base Sub 17 e Sub 19 em 2013. Metodologicamente, foram realizadas 31 entrevistas para a melhor compreensão das estratégias de conciliação.

De acordo com os resultados do referido estudo, percebe-se que há, de certa forma, estratégias de conciliação entre a formação escolar e esportiva que, em parte, se assemelham às encontradas por Costa (2012), principalmente no que diz respeito à conciliação dos horários de aula com os horários de treinamento, além do bom relacionamento com a instituição escolar a que os atletas pertencem, proporcionando a eles, por exemplo, a reposição de avaliações perdidas em virtude das demandas da seleção brasileira. Divergentemente no caso dos jovens atletas do turfe do Rio de Janeiro, onde a escolha do turno noturno é a única opção, pois têm seu horário matutino e vespertino preenchido com as atividades esportivas, podendo trazer consequências negativas à sua escolarização (ROCHA, 2013).

Para surpresa de Azevedo (2014), também se constatou a utilização como estratégia de conciliação por uma faculdade do “ambiente virtual” que, nas suas palavras:

[...] atendeu às suas necessidades de acompanhamento de conteúdos, necessidade esta de maior dificuldade em ser resolvida, enquanto estava afastado do ambiente acadêmico. Alguns atletas relatam a possibilidade de assistir às aulas de reforço utilizando a estrutura que a escola oferece. Essa condição é ofertada a todos os alunos, mas acaba atendendo uma necessidade dos atletas. (AZEVEDO, 2014, p. 98).

Diferentemente dos resultados da pesquisa obtidos por Rocha (2013) em entrevistas semiestruturadas, que tratou da investigação do processo de profissionalização de 11 atletas de turfe no Rio de Janeiro, em que uma das constatações foi que as escolas, a que os jôqueis-aprendizes estão vinculados, relutam em aceitar e entender que eles são alunos com necessidades especiais, sendo a ausência da escola uma constante na vida desses atletas. As exigências e estratégias metodológicas são as mesmas utilizadas com os alunos que só estudam. Essa comprovação fica mais evidente quando Rocha (2013, p. 149) explica:

Há uma recorrência de faltas dos jôqueis-aprendizes à escola em pelo menos dois dias da semana. Às vezes segundas e sextas eles competem à noite, no mesmo horário da escola. Então, os jôqueis-aprendizes relatam as mesmas complicações quanto à escola, ainda que tenham dado diferentes destaques.

Ainda segundo Azevedo (2014), o estudo aponta como estratégia de conciliação uma prevalência de acesso a escolas particulares por parte dos atletas envolvidos com a seleção. Percebe-se, assim, essa parceria como positiva não só para o estudante-atleta, que, com seu capital físico, tem a possibilidade de estar inserido em uma escola particular, onde há a possibilidade de aquisição do capital cultural. Do mesmo modo, essa parceria torna-se positiva para a instituição de ensino, que se utiliza da imagem desse jovem atleta de elite que, nos dizeres de Azevedo (2014, p. 99), serve “para propagar o nome da escola, atrelando muitas vezes o sucesso em competições esportivas escolares a uma imagem de uma escola vencedora e competente também em outros aspectos mais formais”.

Por outro lado, um estudo desenvolvido por Carvalho (2015), que investiga a evasão escolar dos alunos-atletas na educação superior, percebeu, na tentativa de conciliação entre as atividades esportivas e acadêmicas, o apoio dado aos atletas pelas faculdades com o intuito de manutenção dos estudos. Utilizou-se como prática o uso de declarações, a fim de justificar faltas, como também a prescrição de novas atividades substituindo avaliações perdidas; essa prática também foi observada nos estudos de Azevedo (2014), para quem esse tipo de prática torna-se irregular e ilegal, pois instituição educacional não pode justificar ausência escolar por motivos esportivos.

Percebeu-se também que, à medida que o atleta passa a ser convocado para servir a seleção com mais frequência e, por consequência, o tempo disponível para atender à demanda da seleção brasileira torna-se mais duradouro, aumentando consideravelmente a rotina de treinamentos, viagens e competições, e, na maioria das vezes, fica afastado de sua cidade de origem, de certa forma, tal rotina contribuiu para o aumento das dificuldades de conciliação entre as formações. Outra questão levantada pelo estudo, que precisa ser mencionada, é que alguns atletas da categoria Sub 19 já estão inseridos no cotidiano de sua equipe profissional, que significa dizer que eles precisam cumprir toda a rotina profissional, por exemplo, treinar em dois períodos, viagens e compromissos com patrocinadores entre outros (AZEVEDO, 2014).

Como reflexo das informações recolhidas no estudo de Azevedo (2014) e listado no parágrafo acima, percebeu-se que 24,8% dos atletas que participaram da pesquisa estão na condição de atraso escolar, ou seja, para fins deste estudo considera-se atraso escolar a perda por reprovação ou abandono da escola por, pelo menos, dois anos nesse quesito. Costa (2012) aponta a falta de atraso escolar no futsal feminino catarinense.

Nota-se, a partir do estudo, que esses jovens em formação também são capazes de perceber que o sucesso na carreira esportiva independe do capital conquistado na escola, ou

seja, que o capital institucionalizado não desempenha nenhum papel no mercado de trabalho esportivo. Ainda assim, de acordo com os resultados, não se percebe uma desvalorização de importância por parte do atleta de elite da aquisição do referido capital cultural, mas, sim, evidenciam-se as dificuldades de conciliação entre as duas demandas e uma ausência de significado para aquilo que pretendem desenvolver como atividade laboral (AZEVEDO, 2014). Como nos atesta o autor:

A maioria desses atletas aparentemente reconhece que a difícil profissionalização no esporte e os riscos inerentes à profissão de esportista exigiria uma formação acadêmica para o caso de insucesso na opção esportiva, mesmo diante das dificuldades que vivenciam na convivência entre as duas demandas. (AZEVEDO, 2014, p. 74).

Pelo que foi posto, levando em consideração todos os estudos aqui apresentados, faz-se necessário, indubitavelmente e de forma urgente, ações que possam proporcionar maior integração dos familiares dos alunos-atletas, agentes esportivos envolvidos no processo de formação esportiva, além das Instituições de Ensino e, principalmente, dos agentes governamentais, ou seja, o debate acerca desta temática deve envolver toda a sociedade civil para que, juntos, possam propor ações concretas que venham a contribuir de maneira concreta na conciliação entre o esporte e a escolarização.

#### **4.1 O futebol na forma da lei**

Santos (2010) diz que refletir sobre a educação como elemento de proteção social é considerá-la, antes de qualquer coisa, como direito universal. Segundo o autor, são direitos fundamentais aqueles que se mesclam e constituem a própria pessoa humana, por isso são universais, imprescritíveis e irrenunciáveis. O autor nos traz a ideia de que direitos a liberdade, igualdade, fraternidade coexistem e se completam com os direitos sociais, entre eles, a educação. Direitos que exigem uma ação do Estado com o fim de proporcionar melhores condições de vida à pessoa humana e diminuir desigualdades sociais.

Assim, a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 10 de dezembro de 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, veio tratar o acesso à educação como algo essencial e de importância no desenvolvimento sadio da pessoa humana, na qual prevê:

Todo homem tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta, baseada no mérito (Art. 26, 1). (NAÇÕES UNIDAS, 1948).

Santos (2010) cita que, anos mais tarde, em 1966, a Assembleia Geral das Nações Unidas formalizou dois pactos internacionais: o Pacto internacional sobre Direitos Civis e Políticos e o Pacto Internacional Sobre Direitos Econômicos Sociais e Culturais. Entre os direitos fundamentais ali previstos está o direito a educação:

Os Estados-partes no presente pacto reconhecem o direito de toda pessoa à educação. Concordam em que a educação deverá visar ao pleno desenvolvimento da personalidade humana e do sentido de sua dignidade e a fortalecer o respeito pelos direitos humanos e liberdades fundamentais. Concordam ainda que a educação deverá capacitar todas as pessoas a participar efetivamente de uma sociedade livre, favorecer a compreensão a tolerância e a amizade entre todas as nações e entre todos os grupos raciais, étnicos ou religiosos e promover as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. (Art. 13, 1). (NAÇÕES UNIDAS, 1966).

Em nosso país, é oportuno observar que a Constituição Federal de 1988, no artigo 205 que preceitua a educação como direito de todos e dever do Estado diz:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2016[1988]).

Nesse sentido, em observância às leis, também devemos observar o que nos diz o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado pela Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990, que é o amparo legal à criança, ao adolescente e ao idoso em toda sua amplitude. Sua doutrina predominante é a da proteção integral, ou seja, o fornecimento de toda a assistência necessária ao pleno desenvolvimento da personalidade (BRASIL, 1990). Foi uma importante conquista para toda a sociedade (ALARCÃO, 2013, p. 4).

Tratando-se do ECA, mais especificamente em seu artigo 53, que trata do Direito a Educação, vem nos falar que, a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando a eles, entre outras coisas: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, o acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Seguindo essa perspectiva de fazer uma abordagem das leis que tratam do Direito a Educação no âmbito nacional, a Lei n.º 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) reafirma o direito à educação garantido pela Constituição Federal. Estabelece os princípios da educação e os deveres do Estado em relação à educação escolar pública, definindo as responsabilidades, em regime de colaboração, entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.

Traz a ideia em seu artigo 2.º que:

A educação é um dever da família e do Estado inspirados nos princípios de liberdade e solidariedade humana tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996).

Do mesmo modo, em seu artigo 22, afirma que: “a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Nesse sentido, Santos (2010) diz que a educação é um bem social, um direito universal, capaz de abarcar dimensões socioculturais das mais variadas, e para consubstanciar tal pensamento, Imbernón (2000, p. 51) afirma: “[...] a escola deve assomar-se à vida, à sociedade, ao qual a rodeia, não para substituir com os materiais que o meio proporciona a sua própria missão, mas sim para projetá-la sobre todos esses materiais.”

Sendo assim, falar em cidadania é falar em direitos, portanto, crianças e adolescentes devem ser considerados sujeitos de direitos; além dos direitos fundamentais inerentes a todas as pessoas, são portadores de direitos especiais em razão da sua condição particular de pessoa em desenvolvimento.

O processo educacional é um grande desafio, que envolve os profissionais da educação, as famílias dos alunos, e a comunidade em toda sua amplitude, enquanto colaboradora na compreensão e aplicação do código ético que rege as vidas dos seres humanos. (ALARCÃO, 2013, p. 8).

No que concerne à educação no contexto da legislação esportiva brasileira vigente, apresentaremos, de forma sucinta, algumas leis que consideramos importantes e igualmente relevantes ao estudo proposto por nós – a relação entre a educação formal e a formação de atletas, mais especificamente no futebol, dentre elas, a Lei Gilmar Machado, a Lei Raul Marcelo e a Lei do Clube Formador.

#### 4.1.1 Lei n.º 10.672/2003 – Lei Gilmar Machado

Sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Lei n.º 10.672, de 15 de maio de 2003 (BRASIL, 2003), ficou conhecida como a Lei de Moralização do Futebol Brasileiro, alterando alguns dispositivos da Lei n.º 9.615, de 24 de março de 1998 (Lei Pelé),<sup>9</sup> dando outras providências. Segundo Santos (2010), a Lei Gilmar Machado aperfeiçoa a “Lei Pelé”, instituindo a obrigação para os clubes formadores de acompanharem o rendimento escolar de cada atleta, além de precisarem obedecer a uma série de exigências relativas às condições de saúde. Mais precisamente no ponto em que nos interessa a Lei Gilmar Machado, no seu artigo 29, diz que o clube formador deve “ajustar o tempo destinado à formação dos atletas aos horários do currículo escolar ou de curso profissionalizante, exigindo o satisfatório aproveitamento escolar.” É o primeiro instrumento legal que trata das obrigações dos clubes de futebol para com a formação escolar.

A respeito de tal temática Santos (2010, p. 62) faz a seguinte síntese:

Até bem pouco tempo, não havia em nosso país leis específicas para a questão da formação escolar dos atletas das categorias de base dos clubes. [...] na verdade a Lei Gilmar Machado além de uniformizar uma questão pedagógica a todos os clubes brasileiros, também parece ter motivado um novo processo configuracional dentro da relação futebol e educação.

Em 2009, surgiu uma lei estadual, em São Paulo, a Lei Raul Marcelo, que, além de tratar dessa relação com mais especificidade, trouxe alguma repercussão, talvez por sua origem estar vinculada ao estado mais rico do país e onde o futebol é hoje considerado hegemônico nesta nação em todos os sentidos (SANTOS, 2010, p. 62).

#### 4.1.2 Lei n.º 13.748/2009 – Lei Raul Marcelo

A Lei n.º 13.748/2009, de autoria do deputado estadual Raul Marcelo, que tem forte atuação na área de Educação e é uma das principais vozes na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo em defesa da escola pública de qualidade, foi sancionada por José Serra, governador naquela ocasião, em 8 de outubro de 2009 (SÃO PAULO, 2009).

---

<sup>9</sup> Convém detalhar que, no presente trabalho, também estamos nos valendo, como referência, da consolidação da Lei Pelé, Lei 9.615/98 (BRASIL, 1998).

Essa lei instituiu a obrigação dos clubes de futebol profissional de assegurar a permanência e frequência escolar a seus atletas menores de 18 anos, sob pena de multa e desligamento das competições oficiais no estado. Além da matrícula, os clubes terão de comprovar a frequência escolar dos atletas sob risco de receberem multa, que, em caso de reincidência, poderão ser impedidos de participar de competições chanceladas pela Federação Paulista de Futebol.

Naquele ano foram estas as palavras do deputado Raul Marcelo:

Essa lei foi criada e muito elogiada pelo presidente do São Paulo, Juvenal Juvêncio. Ele nos apoiou, pois, o clube já adota essa iniciativa há alguns anos. Agora, resta a Federação Paulista de Futebol fiscalizar e obrigar os clubes a cumprirem. A Lei foi bem aceita também em outros Estados que ‘copiaram’ e também está sendo estudada pelo Ministro do Esporte, Orlando Silva, para ser adotada visando às Olimpíadas de 2016.

Santos (2010) afirma que a Lei Gilmar Machado pode ser considerada a primeira lei voltada para o futebol a tocar em uma questão de caráter pedagógico até então não discutida, Conforme opina, a Lei Raul Marcelo torna-se de grande importância, servindo de instrumento legal não só para reflexão, mas sobretudo na intervenção da educação formal no processo de formação dos jovens atletas de futebol do estado de São Paulo.

Ele ainda crê, pela força e representação do estado de São Paulo diante dos demais estados da União e pelo interesse do próprio Raul Marcelo em mobilizar a bancada do PSOL na Câmara dos Deputados, com o intuito de estender tal medida ao restante do país, possivelmente que tal lei trará repercussão positiva, podendo estender-se a toda a nação, repercutindo diretamente no ambiente de formação dos clubes de futebol profissional.

#### 4.1.3 Lei n.º 12.395/2011 – Lei do Clube Formador

O Brasil, desde os primórdios, é um verdadeiro celeiro de jogadores de futebol, tornando-se um país exportador de talentos para o mercado mundial. Desenvolveram-se novas formas de incentivar a formação de jogadores, bem como melhorar sua qualidade tanto no aspecto esportivo quanto no aspecto socioducacional dos atletas, visto que o método tradicional objetivava apenas a produção de um jogador de futebol, não de um cidadão (MORAES; CARVALHO, 2014).

Nesse sentido, Moraes e Carvalho (2014) destacam como a principal medida a criação do Certificado de Clube Formador (CCF). A certificação foi criada pelo governo brasileiro

por meio da Lei n.º 12.395, de 16 de março de 2011 (BRASIL, 2011), que alterou a Lei Pelé em diversos pontos e, segundo os autores, objetiva incentivar a formação de novos atletas, em especial futebolistas, além de estabelecer os padrões para tal de forma que a formação seja estruturada e completa para o desenvolvimento não de atletas, mas de cidadãos atletas.

Em razão disso, para ser considerado um clube formador e com direito à indenização pela formação, a entidade desportiva deverá ter de cumprir vários requisitos, dentre eles: fornecer complementação educacional; garantir assistência educacional, psicológica, médica, odontológica, bem como alimentação, transporte e convivência familiar; e ajustar o tempo destinado à efetiva formação (nunca superior a quatro horas diárias) ao horário escolar, exigindo do atleta presença e satisfatório aproveitamento.

Ao olharmos para todas as exigências e mais especificamente a que nos interessa a título deste estudo, que é a relação da educação formal com o futebol, podemos perceber a clara preocupação da lei com a questão socioeducacional, de forma a garantir uma formação mais global visando também ao social e extrapolando as quatro linhas do gramado, algo que se estende à vida, e não exclusivamente à formação desportiva. Como podemos atestar nas palavras de Moraes e Carvalho (2014, p. 13):

Também é nítida a preocupação da legislação com as questões educacionais, sociais e psicológicas, obrigando os clubes a terem núcleos sócio educacionais de forma a não privilegiar a formação desportiva, mas sim o desenvolvimento de cidadãos conscientes capacitados para terem um futuro não só desportivo.

Os autores ainda complementam:

A inclusão das exigências sociais e educacionais foi muito importante neste processo, pois as mesmas, [...] são fundamentais para que não seja formado apenas um jogador de futebol, mas sim um cidadão completo que possa ter um futuro digno após encerrar a carreira de desportista. (MORAES; CARVALHO 2014, p. 18).

Com a atenção a todos os requisitos exigidos na lei, além dos acima citados por nós, o clube receberá certificado expedido pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), como Entidade de Prática Desportiva Formadora. Com relação à regulamentação do certificado propriamente dito, segundo Moraes e Carvalho (2014), as federações estaduais iniciaram a certificação dos clubes, sendo a Federação Paulista de Futebol a primeira a avaliar os clubes e emitir as licenças, tendo a Sociedade Esportiva Palmeiras o primeiro clube a obter a certificação em outubro de 2012.

Já na atualidade, a CBF, por meio de sua Diretoria de Registro e Transferência, apresentou a lista dos times com o Certificado de Clube Formador, servindo de catálogo segundo a própria Confederação, das equipes especializadas na formação de jogadores. Dentre tais equipes, aparecem na lista representando o futebol pernambucano o Sport Club do Recife e o Clube Atlético do Porto da cidade de Caruaru, ficando ausentes na relação importantes clubes do cenário futebolístico pernambucano o Clube Náutico Capibaribe e o Santa Cruz Futebol Clube.

#### **4.2 Escolarização de jovens futebolistas**

Como mencionado por Santos (2010), na maioria dos clubes de futebol do Brasil, há uma espécie de abandono educacional, psicológico e social com relação aos jovens atletas das categorias de base, importando, *a priori*, para os clubes formadores, que tais atletas recebam apenas a formação “técnica” que sua formação profissional exige. Segundo o autor:

Embora saibamos que para jogar futebol não seja necessário o saber escolar [...], também sabemos que a integridade da vida das pessoas está além da vida escolar e da vida esportiva. Porém, ambas, à sua maneira, compõem um processo de vida. (SANTOS, 2010, p. 67).

Nesse sentido, o processo de escolarização é de grande importância na formação de qualquer ser humano, tornando-se algo imprescindível nos dias atuais, como afirma Santos (2010, p. 69): “embora o espaço escolar não seja o único onde aprendemos coisas importantes [...], no caso do Brasil, é uma via concreta que se apresenta como forma de ascensão social, além é claro de fornecer elementos para a formação cidadã.” Temos ciência de que, para se tornar um atleta de futebol profissional, não necessariamente, precisa-se de uma formação acadêmica, porém como nos alerta Santos (2010, p. 72):

Se por um lado, para jogar futebol não há necessidade de um diploma, este, sem sombra de dúvidas, somar-se-ia ao processo de formação esportiva. Principalmente, quando a vida esportiva termina, uma vez que a profissão de jogador de futebol é rápida e incerta.

Desse modo, ao considerarmos que a carreira profissional de um atleta de futebol é bastante curta, mesmo para aqueles que a consigam prolongar por um tempo maior além daqueles que nem conseguiram ascender profissionalmente, é inconcebível relegar a segundo plano o processo de educação formal. Segundo Parker (2000), que baseou seus estudos em

pesquisas etnográficas realizadas com um grupo de jovens aspirantes a atleta de futebol profissional inglês, uma das coisas que, na maioria das vezes, distingue o futebol profissional de outras profissões convencionais é a questão da idade que determina invariavelmente a duração da carreira. O autor ainda considera que, em média, o futebol profissional oferece aos atletas mais bem-sucedidos uma carreira de cerca de dez e quinze anos, sem contar com a constante ameaça de lesões e ferimentos graves que podem, de certo modo, abreviar a carreira de um futebolista. Bourke (2003), que produziu seus estudos na Irlanda, também nos traz a ideia de que os mercados de trabalho no esporte são, em certos aspectos, distintos da maioria dos outros mercados. Ele acrescenta que o número de oportunidades para os atletas é severamente limitado. Assim, para Bourke (2003, p. 399):

Uma carreira no futebol profissional é percebida por certos indivíduos como algo bastante positivo, com o retorno de altos recursos financeiros, status, e assim por diante, bastando ter talento, uma boa saúde e sorte. No entanto, o mercado é por demais exigente, tendo uma alta taxa de desperdício ou falha, especialmente durante os primeiros anos.

Complementando o pensamento de Bourke (2003), podemos citar Parker (2000, p. 61):

O que isso significa é que ao lado das noções de fama, fortuna e estrelato, os jovens futebolistas esperançosos devem considerar seriamente outras opções ocupacionais existentes, preparando-se não apenas para a possibilidade de rejeição e fracasso, mas pelas últimas condições e consequências da vida fora da profissão escolhida.

Barros (2001), que estudou o cenário do futebol português, igualmente nos traz conclusões que apontam para um resultado esperado de que a educação não desempenha nenhum papel nesse mercado. Por outro lado, levando em consideração o que foi exposto, Santos (2010, p. 16) afirma:

Tanto para os que encerraram a vida profissional como os que não conseguiram a façanha da profissionalização encontrar-se-iam num eminente risco de verem suas vidas estagnarem sem terem o suporte educacional que na pior das hipóteses os auxiliariam numa retomada da vida fora dos gramados.

Desse modo, Giglio (2007 apud SANTOS, 2010, p. 16), seguindo a mesma linha de raciocínio, mostra que:

O caminho de ingresso no futebol profissional ser, além de concorrido, incerto; com amplas possibilidades de insucesso. E o que é pior, os exitosos chegam ao mercado de trabalho sem nenhuma formação escolar ou algo igual capaz de lhes ajudar.

Fora do universo futebolístico, a formação educacional é uma exigência sem precedentes para a vida de fato prosseguir, além de que a profissão de jogador de futebol é bastante curta e reduzida. Em contraposição, a educação é algo que se estende para a vida toda (SANTOS, 2010). Segundo Bourke (2003, p. 415), “dentro de muitas profissões (médicas, jurídicas, comerciais e assim por diante), são exigidos pré-requisitos específicos educacionais”. Os candidatos, ao entrarem nessas profissões, normalmente se esforçam para adquirir qualificações educacionais a fim de melhorar a carreira e o desenvolvimento dela. Ao levarmos em consideração que a educação formal é de extrema importância na vida de qualquer cidadão, cremos igualmente que a educação é um dos requisitos fundamentais para que os indivíduos tenham acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade. Ela é um direito de todo ser humano como condição necessária para ele usufruir outros direitos constituídos em uma sociedade democrática.

Segundo Delors et al. (1998), é no seio dos sistemas educativos que se forjam as competências e aptidões que farão com que cada um possa continuar aprendendo. Segundo esses autores, a educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas.

Já com relação à importância da educação formal na construção da cidadania, Vasconcelos (2007) lança a luz sobre a ideia de que a escola é um locus fundamental para a construção da cidadania, de uma importância cívica, e da mesma forma afirma que a escola fornece um horizonte mais amplo no qual a criança ou o jovem inscrevem sua vida. Corroboramos todos esses pensadores a respeito da importância da educação formal na formação do cidadão para toda a vida, embora reconheçamos, assim como Santos (2010, p. 68), que “o espaço escolar não é o único onde se aprende coisas importantes, no entanto, a educação escolar exerce na vida humana um papel social que em certos aspectos se tornou imprescindível; incluindo-se aqui a função de ressocialização”.

Porém, infelizmente, na realidade vivida pelos jogadores em formação, especificamente no Brasil, relega-se a segundo plano o contexto da educação formal, não dando a importância devida a esse fato, ou seja, não reconhecendo o grau de importância que a educação ocupa cada vez mais em nossa vida, podendo, sem nenhuma dúvida, auxiliar os jogadores na reinserção no mercado de trabalho em um futuro próximo, isto é, no momento da

aposentadoria dos gramados, momento esse que chegará, de forma irrefutável, para todos os atletas de futebol, mais cedo ou mais tarde.

Diferentemente, é o modelo dinamarquês, segundo Christensen e Sørensen (2009), mesmo apontando tensões consideráveis no dia a dia entre a formação escolar e a esportiva, em que os jovens futebolistas daquele país dificilmente precisam escolher entre uma e outra. Segundo os autores do estudo, essa conciliação se torna possível em grande parte por insistência dos pais e de toda a sociedade, representada por concessões determinadas pelo poder público no sentido de possibilitar a conciliação entre as formações citadas.

Se, por um lado, há indivíduos que têm a escola como mais um elemento na sua formação educacional [...], existem aqueles cujo status social não lhes é favorecedor. Para estes, a escola representa um diferencial. Nesta gama encontram-se inseridos a maioria dos jovens futebolistas. Para tais atletas, se o sonho da bola falhar [...], ficará o que resultar da educação escolar: ‘o cidadão’. (SANTOS, 2010, p. 30).

Assim sendo, cremos que a educação é um processo de que se desenrola para toda a vida, sendo impossível, a nosso ver, qualquer cidadão, inclui-se aí o jogador de futebol, desvincular-se dessa formação por um tempo da vida.

Domingues (2001 apud SANTOS, 2010, p. 154) chama a atenção quanto “à ausência de uma formação para além do futebol, tenderá a enormes impactos e mazelas não só aos garotos, mas principalmente no coletivo da sociedade”. Corroboramos o mesmo pensamento de Santos (2010) crendo que a educação é algo extensivo à vida, fornecendo aos homens instrumentos que não se esgotam nem se encerram em tempo algum. Segundo Carravetta (2006, p. 105): “A interrupção das atividades escolares acarreta restrições à educação formal, limitações no que se refere à visão de mundo, cidadania, amizades, experiências, senso de lógica e convivência com outras lideranças de fora do contexto do futebol.” A falta de escolaridade provoca redução na representação cognitiva e psíquica, no procedimento de análise das informações, na capacidade de compreensão e nos instrumentos comunicação.

Embora os clubes mantenham os jovens jogadores matriculados em escola pública ou privada, o acompanhamento do processo de escolarização difere de clube para clube. Muitos desses jovens chegam ao Centro de Treinamento (CT)<sup>10</sup> com um histórico de abandono escolar ou com defasagem de aprendizagem se for considerada a idade ideal de passagem pelos anos de escolarização básica.

---

<sup>10</sup> Espaço físico com toda infraestrutura necessária utilizada pelos clubes de futebol para treinamento e alojamento dos seus jogadores tanto da equipe profissional quanto dos atletas das divisões de base.

Para além dos problemas de investimento e de qualidade que enfrentamos na escola brasileira e do desinteresse pelos conteúdos pela ausência de significado com o cotidiano, esses jovens atletas, em geral, enfrentam variados percalços no processo de escolarização que são específicos dos jovens trabalhadores: cansaço físico pelo excesso de treinamento; falta de tempo para o estudo e para assistir às aulas, em função das constantes viagens que realizam; falta de motivação pelo insucesso escolar; e interesse central no futebol, tornando a escola um objetivo secundário em suas vidas. (SOARES; BARTHOLO, 2009).

O grande número de jovens tutelados por clubes formadores ou empresários estuda no período noturno, o que agrava o problema da escolarização, haja vista que no ensino noturno o currículo não considera as circunstâncias do aluno que trabalha (CORROCHANO; NAKANO, 2002). Na formação de jogadores, trabalha-se com uma carga de treinamentos exaustivos,<sup>11</sup> e a escola não é adequada aos estudantes-atletas (SOARES; BARTHOLO, 2009).

Em um estudo elaborado por Melo (2010) acerca da formação e escolarização de jogadores no estado do Rio de Janeiro, constatou-se que há maior dedicação ao futebol por parte dos estudantes atletas; na escola, principalmente no que diz respeito ao volume de treinamento, representados em hora, assemelha-se à carga horária de treinamento dos atletas profissionais.

Outra informação igualmente importante observada por Melo (2010) nesse mesmo estudo, que pode interferir diretamente no processo de conciliação entre as duas formações, culminando em reprovações e atraso escolar, é a possibilidade real de mudança de clube, que muitas vezes representa também deslocar-se de uma cidade para outra em busca de uma oportunidade ou uma relocação em outro clube formador. Esse processo migratório identificado por Melo (2010) no cenário futebolístico do Rio de Janeiro, que, por sinal, é algo que se repete no cenário nacional, obriga esses jovens a viver em regimes de albergamento, consequentemente separados do convívio familiar.

Assim também, constatado em outra realidade por Bourke (2003), que, da mesma maneira, identificou movimento migratório para muitos jovens indivíduos, que na ânsia por se tornarem jogadores de futebol profissional estão sendo enviados para terras cada vez mais longínquas.

---

<sup>11</sup> A formação no futebol pode se iniciar a partir dos 12 anos de idade, muitas das vezes em regime de albergamento, e tem uma duração aproximada entre 5.000 e 6.000 horas de trabalho voltado para preparo físico e para o domínio de técnicas corporais e psicológicas.

Além dos problemas já citados, Damo (2005), em sua tese de doutorado que aborda o futebol de espetáculo a partir do processo de formação de atletas, alerta para outro problema a respeito da formação dos atletas de base no Brasil, principalmente de como é tratado pelos clubes formadores o processo de escolarização desses jovens atletas, não havendo supervisão ou orientação, nem muito menos uma política pedagógica por parte desses clubes; também a falta de infraestrutura adequada e de profissionais qualificados que possam auxiliar os atletas nas questões educacionais.

Caso totalmente diferente do futebol inglês, onde as academias de futebol anexadas à maioria dos clubes ingleses assumem, de fato, a total responsabilidade de supervisionar a educação contínua de seus atletas e desta forma são obrigadas a empregar um educador além de um assistente social em tempo integral com intuito de acompanhar de perto o desenvolvimento educacional deles (BOURKE, 2003).

Por outro lado, nos dizeres de Azevedo et al., (2017, p. 192):

No Brasil, tem-se notado, [...], um aumento da atenção, em níveis governamentais, à questão de estratégias que poderiam direta ou indiretamente contribuir nas questões de conciliação entre as formações. Todavia as principais iniciativas ainda surgem principalmente das partes envolvidas nos processos de flexibilização de estudo – famílias, estudantes-atletas, clubes e escolas- com a finalidade principal de proporcionar a permanência do aluno na escola.

Uma tentativa mesmo que tímida de minimizar os problemas de conciliação está na implementação de albergamentos. Nesse sentido podemos citar o exemplo o estudo de Barreto (2012) que trata da flexibilização escolar de atletas em formação alojados em CT no futebol, mais especificamente na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, cujos resultados apontaram para uma tentativa de conciliação por meio de privilégios, tais como a flexibilização das normas concedidas aos estudantes-atletas nas escolas (própria do CT ou escolas regulares de ensino) oferecidas pelos clubes.

Segundo Azevedo et al. (2017), essa relação de parceria se torna benéfica para os envolvidos, ou seja, tanto para o clube que o processo de escolarização dos atletas passa a não “atrapalhar” os horários de treinos não havendo necessidade de mudança de horário, para a escola, como instituição de ensino onde há uma frequência satisfatória por parte dos atletas-alunos matriculados. Porém, para os principais envolvidos nesse processo, Azevedo et al. (2017, p. 193), afirmam que “ainda não foi possível quantificar o impacto dessas adaptações no tocante ao acúmulo de capital cultural institucionalizado por parte dos estudantes-atletas”.

Nesse sentido, Correia (2014), que igualmente tratou do processo de conciliação entre o esporte e a escola tendo como pano de fundo a escola do Clube Vasco da Gama sediada na cidade do Rio de Janeiro, apresentou resultados que evidenciaram que a escola em questão desempenha um papel importante no processo de conciliação entre as formações, utilizando-se da flexibilização das rotinas escolares desses estudantes-atletas, assim como abono de faltas e remarcação de provas por motivo de viagens esportivas por exemplo.

Melo (2010), em seu estudo que trata da mesma temática, aponta dados que permitem afirmar que o processo de conciliação traz, de fato, um impacto na vida escolar dos estudantes-atletas, principalmente no que se refere ao tempo de aula e qualidade do ensino oferecido, além de sinalizar que quanto mais o atleta progride em sua carreira, maior será a probabilidade de insucesso escolar. Assim sendo, ele nos apresenta algumas maneiras de conciliação presentes no futebol, que, segundo Azevedo et al., (2017, p. 192):

Entendemos ser preciso que essas propostas se relativizem em virtude de diferentes amostras utilizadas no estudo; todavia, servem para nos indicar algumas estratégias. Uma delas é a possível migração de estudantes-atletas para o ensino noturno, à medida que vão ascendendo de categoria, para que não coincidam os horários de treinamento com os da escola, e o ‘atraso sistemático’ caracterizado por permitir um atleta que, por meio de um acordo clube/escola, chegasse à escola com 30 minutos de atraso diariamente, sem que fosse prejudicado por isso.

Embora para Melo (2010) o discurso oficial dos clubes nos indique que os atletas são obrigados a estudar, ele nos diz que a maioria dos clubes formadores não supervisiona ou acompanha a vida escolar dos atletas em processo de formação. Contribuindo assim para a evasão escolar, e não com a educação, cooperando, dessa forma, com a desigualdade social. Em contraposição, na França, que também é um centro exportador de jogadores, a política governamental exige que haja compatibilidade entre a formação do jogador e seu processo de escolarização (DAMO, 2005). A respeito de tal situação, Santos (2010, p. 26) alerta:

Assim, a partir do momento que um clube recebe um garoto e sua ‘escola’, tem o dever de respeitá-lo em sua personalidade global, como ser humano em formação, com isso torna-se corresponsável, contribuindo, contribuindo para formar cidadãos no amplo sentido do termo. Ocorre que, na prática, isso não acontece; pelo contrário, os clubes são os primeiros a afastar ou a não contribuir para a frequência escolar dessas crianças.

O jovem, ao fim do processo de formação, pode entrar na carreira profissional com baixa formação escolar, dependendo do tipo compatibilização entre o trabalho, treino

corporal e a escola. A questão que surge para os jogadores formados nesse sistema é que, no caso de não obterem sucesso, acabam com dificuldades em encontrar outra ocupação fora do espaço do futebol (SOUZA et al., 2008). Portanto, em consonância com essa realidade e corroborando Santos (2010), pensamos que os clubes de futebol têm a responsabilidade social irrefutável de exigir dos seus atletas não só a frequência, mas o bom aproveitamento escolar. cremos, igualmente, que é de imprescindível importância a participação familiar para o êxito no processo educação dos jovens atletas.

### **4.3 Qual o papel da educação formal?**

É inegável a importância que a educação exerceu e vem exercendo ao longo da história da sociedade, sendo adaptada conforme as necessidades humanas ao longo do tempo, fazendo-se ou, pelo menos, devendo-se fazer presente na vida de cada ser humano. Gaspar (2002, p. 171) entende a educação “como um processo de desenvolvimento da capacidade intelectual de qualquer ser humano”. Já segundo Libaneo (1994, p. 17), o objetivo da educação é: “[...] promover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade.”

De acordo com Biesdorf (2011, p. 2), a educação, seja ela formal, seja informal, busca repassar e proporcionar aos indivíduos conhecimentos e comportamentos que os tornem aptos a atuar em todos os setores da sociedade. A autora também afirma que “ao nascer, a pessoa é inserida em um grupo social onde existe uma cultura e esta cultura também norteará os rumos que a educação das pessoas deste grupo social deverão seguir”.

De acordo com o humanístico e democrático Herbert Read (2001, p. 9):

Pressupõe-se, portanto, que o objetivo geral da educação seja propiciar o crescimento do que é individual em cada ser humano, ao mesmo tempo em que harmoniza a individualidade assim desenvolvida com a unidade orgânica do grupo social ao qual o indivíduo pertence.

cremos, dessa forma, que tanto a educação formal quanto a educação informal de uma pessoa, será influenciada pelo ambiente social em que ela vive, ou seja, será influenciada pela sociedade ao qual a mesma está inserida. Libaneo (1994, p. 16-17) nos diz que “a educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de toda sociedade”. Assim sendo, Biesdorf (2011, p. 3) percebe a educação

como “um requisito para o homem ser aceito em um grupo, seus costumes e valores devem estar de acordo com os do grupo. Do contrário seus atos serão considerados inadequados para com o grupo”.

Segundo Biesdorf (2011, p. 3): “A educação humana segue uma evolução histórica, é transmitida de geração em geração.” Já Osinski (2002, p. 7) assim conceitua: “É o homem, com sua conduta, seus comportamentos e atos, que faz a história, a arte e transmite seus conhecimentos por meio do ensino formal e informal, perfazendo o caminho evolutivo e progressivo denominado educação.”

Gadotti (2005) afirma que os objetivos da educação formal são claros e específicos. Representa-se, notadamente, pelas escolas e universidades, dependendo de uma diretriz educacional centralizada, havendo um currículo determinado além de estruturas hierarquizadas e burocráticas, estabelecidas nacionalmente, com órgãos do Ministério da Educação. Seguindo o mesmo raciocínio, Gaspar (2002) diz que a educação formal costuma ser entendida como uma educação com reconhecimento oficial, oferecida nas escolas em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas. O autor diz que é uma instituição bastante antiga, cuja origem está ligada ao desenvolvimento de nossa civilização e ao acervo de conhecimentos por ela gerados.

Nesse sentido, Libaneo (1994) nos traz a ideia de que a educação escolar é um sistema de instrução com propósitos intencionais preestabelecidos. Pela educação escolar, democratizam-se os conhecimentos e é na escola que se adquire conhecimentos científicos que formam a capacidade de pensar criticamente os problemas e os desafios postos pela realidade social, ou seja, é na escola que ocorre todo o processo da educação formal. A escola tem a função de oferecer uma formação pela qual o educando torna-se capaz de fazer análises científicas, críticas e reflexivas a respeito dos temas (BIESDORF, 2011).

Já no que concerne à educação informal, Gaspar (2002, p. 173) diz:

Não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural, que tem como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber. Nela o ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência.

O autor complementa:

[...] a vida cotidiana sempre exigiu muito mais que o conhecimento dos saberes apresentados formalmente nas disciplinas escolares. Há muito mais a

aprender desde muito cedo: a língua materna, tarefas domésticas, normas de comportamentos [...]. E, para tanto, sempre existiu, também desde muito cedo uma educação informal, a escola da vida [...]. (GASPAR, 2002, p. 173).

Rosane Biesdorf (2011) segue o mesmo raciocínio do que foi exposto nos parágrafos anteriores. Em sua opinião, a família é a principal responsável pela educação informal, em que se ensinam os costumes humanos como falar, andar, comer religião, cultura, etc. Já a escola, é a instituição responsável pela educação formal, local onde ocorre a mediação dos conhecimentos científicos. Gadotti (2005) também cita a existência de outro tipo de educação, a educação não formal, que, segundo ele, seria algo mais difuso, menos burocrático. Os programas de educação desse tipo não precisariam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de progressão. Ainda a respeito da educação não formal, Gaspar (2002) lança luz sobre a ideia que esse tipo de educação pode ter disciplinas, currículos e programas, mas não oferecem graus e diplomas oficiais, Ele diz que, nessa educação não formal, se inclui o estudo de língua estrangeira e especialidade em técnicas artísticas por exemplo. Tratando-se do nosso objeto de estudo, ou seja, a relação da educação formal com o meio esportivo, mais precisamente o futebol, corroboramos Santos (2010, p. 30):

Embora o espaço escolar não seja o único local onde aprendemos coisas importantes, há muita coisa desse teor que a escola revela e possibilita. No caso do Brasil é uma via concreta que se apresenta como forma de ascensão social; além é claro, de fornecer elementos para a formação cidadã. No caso: uma educação que não se baseie na exclusão, mas sim que possibilitasse aos sujeitos humanos verem para além das coisas como estão postas, inclusive no contexto do futebol.

O autor nos traz o entendimento de que seria impossível não enxergarmos a importância da educação formal para os indivíduos na atual conjuntura contemporânea, em que estamos submetidos a uma exigência sem precedentes. Sendo assim, a escola, conforme o autor, torna-se o lugar “legitimado” socialmente para ensinar a cultura letrada aos indivíduos como atores sociais.

Seguindo esse mesmo viés de raciocínio, concordamos com o pensamento de Brandão (2007), de que não existe um só modelo de educação, a escola não seria exclusivamente o lugar onde ela pode concretizar-se, e pode nem ser o melhor lugar, a educação pode ser desenvolvida fora do ensino escolar.

Igualmente, entendemos a importância da educação formal não como oposição à educação informal. Do mesmo modo, reconhecemos que a educação não formal pode contribuir consideravelmente com a educação formal, porém não pode substituí-la. Segundo

Cascais e Terán (2013), a escola, cujo espaço é ocupado pela educação formal não consegue sozinha dar conta das múltiplas informações que surgem a cada momento no mundo.

Assim sendo, temos consciência de que os tipos de educação aqui mencionados podem contribuir efetivamente para a aprendizagem ao longo da vida, à medida que o “educando” passa a interagir com os vários ambientes e os outros. Reafirmamos, porém, que para os fins deste estudo, decidimos tratar da educação formal, haja vista que, depois da família, a escola é a instituição responsável pelas relações de sociabilidade dos que a frequentam. É nessa ótica que pretendemos fazer algumas reflexões sobre a educação formal e sua função social.

#### **4.4 A reinserção no mercado laboral**

Expectativas de um futuro tranquilo e promissor permeiam, praticamente, a mente de todas as pessoas, seja por meio do trabalho, seja por recebimento de alguma herança familiar, seja até, em um sorteio da loteria. Tratando-se da carreira esportiva, esses anseios, tornam-se mais expressivos, sobretudo, com o futebol moderno, em que as cifras astronômicas escancaram, cada vez mais, um mundo de ostentação e poder.

Na ótica de Camilo Souza et al. (2008), não há dúvida sobre as expectativas que muitos jovens brasileiros depositam no futebol como meio não só de ascensão econômica, mas também como caminho para alcançar a fama, igualmente ocorre com alguns jogadores brasileiros de times europeus. Os autores também trazem a ideia de que o futebol, no imaginário daqueles mais aficionados, influenciados pela mídia, constantemente sendo bombardeados por notícias provenientes dos mais diversos meios de comunicação, torna-se um projeto de vida – notadamente para aquelas famílias de menor poder aquisitivo quando identificam um possível talento esportivo em casa – projeto esse que pode converter-se em histórias de sofrimento e de esforço que, inevitavelmente, ocasionaram, na maioria das vezes, frustração para aqueles que se aventuram nesta empreitada.

Segundo Soares et al. (2011, p. 906): “esses jovens investem tempo significativo de suas vidas nessa carreira e possuem como horizonte um mercado altamente competitivo, com poucos postos de trabalho valorizados economicamente.” Porém, tal realidade, não muda o anseio do jovem aspirante a atleta de futebol profissional. Sendo assim, nesse contexto social, conclui Soares et al., (2011, p. 912): “o futebol torna-se para os membros das camadas populares e médias uma aposta que pode mudar o destino econômico do indivíduo e de sua família.”

Reforçando essa ideia de projeto familiar, todos os familiares envolvidos ajudam na medida do possível para que o sonho de profissionalização no futebol se torne possível. Rial (2006 apud SOUZA et al., 2008, p. 87) nos diz que “o futebol como projeto faz convergir esforços diversos da família, centrados na expectativa de que um de seus membros possa ter sucesso e alavancar a vida familiar a patamares superiores de conforto e tranquilidade”, mesmo que a realidade do mercado mostre o contrário, ou seja, o nível salarial recebido pela grande maioria dos jogadores de futebol profissional no Brasil está longe de ser a riqueza que alimenta o imaginário dos jovens aspirantes ou da tão sonhada mudança do patamar financeiro. Contudo, essas informações, quando divulgadas na mídia, parecem não desestimular a busca pela profissionalização no futebol por esses jovens futebolistas (SOARES et al., 2011).

Nesse contexto, o sonho de acumular riqueza e conseqüentemente mobilidade econômica, além de prestígio social, faz-se cada vez mais presente no cotidiano desses jovens aspirantes. É de se esperar que o comportamento dos grandes astros do esporte, expostos diuturnamente nas redes sociais, esteja no centro de desejos dos iniciantes, na maioria das modalidades esportivas. Essa configuração comportamental norteia, de certa forma, inquietações desta pesquisa, e tem como objetivo central, analisar qual o papel que a educação formal ocupa na vida de ex-jogadores profissionais de futebol da cidade do Recife.

Desse modo, cremos que o futebol atual, assim como outras práticas sociais, refletem as múltiplas transformações pelas quais ele tem passado, remetendo-nos à compreensão de que, cada vez mais, esse esporte ganha novas feições. Um caráter de espetacularidade e mercadorização amparado pela possibilidade de sua transformação em um grande negócio, e como tal, inserido em um contexto capitalista, tem como objetivos principais a produção, a eficiência e o lucro, ou seja, não podemos negar tal fato (SANTOS, 2010).

Não cabe aqui, para os limites e propósitos deste trabalho, discutir o modo de produção capitalista de maneira mais aprofundada, pois nosso foco será tratar do fenômeno esportivo futebol e sua relação com a educação, mais precisamente as conciliações e tensões entre a formação esportiva e educacional, e como tal relação interfere no processo de reinserção do ex-jogador de futebol profissional no mercado de trabalho. Para esse fim, utilizaremos um recorte temporal mais atualizado. Porém, igualmente, faz-se necessário clarear alguns conceitos e tratar de algumas características básicas que dão sustentabilidade ao modo de produção capitalista, e para que não deixemos de analisar na ótica da perspectiva de uma totalidade como nos diz Santos e Dias (2010, p. 285): “O futebol não está desconectado do contexto geral, muito pelo contrário, faz parte do mesmo.”

Com o intuito de situarmos em um primeiro momento a discussão a respeito do modelo de produção capitalista, Santos e Dias (2010, p. 285) afirmam que Harvey (2004) considera três particularidades essenciais do modo de produção capitalista, as quais os autores explicitam:

A primeira consideração, feita por ele, diz respeito a essencial necessidade de manter taxas de crescimento, visto que é somente através do crescimento dos lucros que podem ser garantidos a acumulação incessante de capital. Uma segunda baseia-se no crescimento em valores reais na exploração em cima trabalho vivo na produção, isto é, no trabalho realizado pelas pessoas. [...] além disso, o controle do trabalho e do salário de mercado é fundamental para a trajetória do desenvolvimento capitalista. E, por último, uma terceira que diz: o sistema capitalista possui em essência. Um grande dinamismo, tanto no que se refere ao avanço tecnológico como também em sua organização. (SANTOS; DIAS, 2010-2011, p. 285).

Já para Frigotto (1999), vivemos um momento sem precedentes na história da humanidade, pois estamos diante de um processo de globalização em que a política neoliberal sustentada por sua ideologia fomenta formas de exclusão nunca vistas, além do avanço tecnológico representado, sobretudo, pela modernização dos meios de comunicação, cujo grande interesse dessa política dirigida é garantir dividendos, em sua maior parte especulativos, ao capital financeiro.

Ainda com esse propósito, Bauman (2010, p. 6), em sua obra intitulada de *Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos*, faz uma comparação entre o capitalismo e o parasitismo, afirmando:

[...] o capitalismo é um sistema parasitário. Com todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, a condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência.

Santos e Dias (2010-2011, p. 294), utilizando-se da lógica do capitalismo, nos trazem a ideia de que, ao tomarmos como exemplo “o fenômeno futebol não fica difícil de visualizar que o grande interesse não é proporcionar para os espectadores um futebol arte, como já existiu, mas sim, movimentar uma indústria esportiva bilionária”. Nesse mesmo contexto, ou seja, pela ótica do mercado capitalista, os jogadores de futebol, que são os verdadeiros artistas do “espetáculo” futebolístico, não jogam mais movidos pelo interesse de produzir um “show” para os espectadores, e sim com um interesse primordial de, a cada jogo, aumentar a

probabilidade de assinar, assim que possível, um melhor contrato e de preferência que seja no exterior, acompanhando o movimento da mundialização do capital.

Ao entendermos que o futebol está naturalmente inserido em um contexto capitalista e a estrutura desse sistema está amparada na mercadoria, seu produto básico, que tal reflexo se estende aos próprios jogadores de futebol, é essencial “preparar” essa mercadoria para que ela atenda às expectativas mercadológicas nela depositadas.

Desse modo, na lógica desse modelo de produção, há uma evidente preocupação em preparar os jovens atletas (mercadorias) em sua categoria de base<sup>12</sup> (os já mencionados centros de treinamento), cujos objetivos são a correção técnica e tática, além de incutir nos atletas a predisposição para o trabalho físico, visando única e exclusivamente ao lucro.

Tal realidade nos leva a crer que a formação educacional é relegada a segundo plano, pois a preocupação principal das categorias de base dos clubes futebolísticos está no aspecto da rentabilidade, transformando os atletas em mercadoria rentável para o mercado do futebol, que na visão de Souza (2001, p. 155), os boleiros são pessoas vistas apenas como um produto a ser oferecido em “um mercado: o da bola”. Pouquíssimas são as experiências que demonstram ter com o jogador um cuidado que deveria ser o natural e ético, de vê-lo como um cidadão; ou seja, basicamente a preocupação dos clubes brasileiros é a de formar atletas com um fim único para exercer a profissão dos gramados.

Segundo Santos (2010), essa visão estreita tem levado inúmeros clubes formadores a esquecer que lidam com garotos menores de idade e, por isso, quando entregues aos seus cuidados, necessitam de outras provisões, por exemplo, orientação psicológica, assistência social e, sobretudo, educacional. A ausência de formação educacional poderia dificultar e muito a retomada da vida fora dos gramados, haja vista que apenas o capital físico adquirido na formação esportiva não seria suficiente para a reinserção em um mercado de trabalho cada vez mais exigente.

Ao voltarmos nossa atenção para a relação esportivo-educacional, mais especificamente procurando entender como ocorre o processo de formação em ambos os contextos permeados pelas tensões inerentes a essa configuração, além de buscar compreender se tal processo de formação permitiu uma qualificação mínima para o ingresso

---

<sup>12</sup> Os centros de treinamento têm como objetivo trabalhar, entre outros aspectos: a) aprimoramento físico, permitindo a um atleta, individualmente cobrir com mais rapidez e eficiência mais espaços; b) o recrutamento daqueles atletas com maior capacidade técnica individual; c) aprimoramento tático, quer dizer, um esforço coletivo no sentido de realizar com maior eficiência as progressões em direção à zona de arremate e, simultaneamente, de impedir que o adversário o faça; d) a preferência por aqueles atletas que resistam com menor desgaste psíquico às adversidades; e) a preferência por atletas que, além de disciplinados em todos os sentidos, contribuam para que o trabalho em equipe tenha êxito. Ver a esse respeito Damo (2005, p. 134).

no mercado laboral após o término da carreira, haja vista que estudos que tratam dessa temática (DAMO, 2007; SOARES; BARTHOLO, 2009; MELO, 2010; SANTOS 2010, BARRETO, 2012, ROCHA, 2013, AZEVEDO, 2014; CORREIA, 2014; CONCEIÇÃO, 2015), verificamos grande dificuldade por parte dos jovens atletas em conciliar a formação educacional com as exigências esportivas.

Contudo, há de se pensar também, principalmente no tocante à reinserção no mercado laboral, que os saberes e as experiências no futebol pouca valia têm para uma posterior entrada no mercado de trabalho após o fim da carreira, ou até mesmo por um possível insucesso na carreira futebolística.

De acordo com a literatura revisada que fundamenta a discussão, não apenas na relação entre a formação acadêmica e a formação esportiva entre jogadores de futebol, é possível corroborar o pensamento de Azevedo et al. (2017) ao afirmar que a formação escolar e a esportiva ao mesmo tempo tem provocado um ambiente de tensão entre elas visto que exigem grande aplicação de tempo.

No afã de uma mobilidade social, ainda que inconsciente, impulsionada, sobretudo, pela superexposição midiática, jovens atletas depositam todas suas forças e esperanças em uma profissionalização cada vez mais precoce; ou seja, a atenção da mídia aos esportes, o status socioeconômico privilegiado, desfrutado por atletas profissionais, e a aceleração que os atletas, aparentemente, atingem o topo geralmente influenciam seus planos educacionais.

Nos estudos produzidos sobre a temática, identificamos certa confluência quanto aos achados que endossam o paradoxo da escolha pela profissionalização, buscada pelos jovens, estimulados e, por que não, em alguns casos, coagidos pela família, que enxergam nesses iniciantes na vida oportunidade de ascensão financeira e o turbulento caminho percorrido na difícil tentativa de conciliar as demandas esportivas e acadêmicas. O pensamento de Costa (2012, p. 26) reforça as dificuldades desse processo:

No Brasil, cada vez mais o esporte desperta elevado interesse dos jovens e se constitui num mercado no qual boa parte desse contingente aspira e procura oportunidades de sucesso profissional. O caminho trilhado pelos jovens que se dedicam a este mercado tão restrito é árduo e constituído de extenuante trabalho corporal, bem como de renúncias a atividades de seu cotidiano.

É nesse sentido que rumam as reflexões de Melo (2010), Santos (2010), Barreto (2012), Costa (2012), Rocha (2013), Azevedo (2014), Carvalho (2015), Azevedo et al., (2017) analisando a questão central: poucos estudantes-atletas conseguem profissionalizar-se no esporte, sobretudo pela árdua tarefa de conciliação entre a formação esportiva e a formação

educacional. Esse, porém, apresenta-se como o problema inicial. Na maioria dos casos, há consequências ao não ter êxito na conciliação entre ambas as escolhas, em que privilegiam, normalmente, a vertente esportiva, e os riscos de não conseguirem colocar-se no mercado de trabalho após o encerramento da curta carreira esportiva, parece ser uma das mais preocupantes.

Costa (2012), em sua tese de doutorado, que trata especificamente da relação entre o esporte, a escola e a concorrência entre eles para jovens atletas de futsal no estado de Santa Catarina, afirma que na Escócia, assim como no Brasil (conforme já nos referimos), a possibilidade de mobilidade social proporcionada pelo esporte, sobretudo o futebol, incentiva muitos jovens a ingressarem em uma carreira esportiva, desconsiderando, quase sempre, as dificuldades inerentes ao processo de formação, além de muita dedicação exigida durante todo o percurso.

Essa tensão entre a formação esportiva e a formação educacional, que, por consequência, renega a educação a segundo plano, tende a gerar dificuldades para a reinserção profissional em um futuro próximo. Referente a isso, Damo (2007, p. 43) diz:

A carreira do esportista é muito específica se comparada às outras carreiras convencionais. Sua aposentadoria em média é muito precoce, com aproximadamente trinta e cinco anos. Desde o início da carreira, o jovem atleta participa de árduos treinamentos nos clubes, realiza repetições de movimentos e submete-se a trabalhos físicos extenuantes.

Outro fator que pode corroborar as dificuldades futuras de inserção no mercado laboral trata-se do tempo dedicado à formação esportiva que concorre diretamente com tempo gasto na formação educacional. Nesse aspecto, Melo (2010, p. 37) alerta:

Que o tempo gasto com a formação no futebol pode criar dificuldades para uma vida escolar dedicada para uma formação cultural de qualidade. Todavia, devemos ter consciência que a qualidade da escola e as oportunidades de formação cultural para a juventude no Brasil acabam por potencializar as apostas na carreira de futebol.

Desse modo, a rotina (treinos, jogos, tratamento de lesões) enfrentada pelos jovens atletas acarreta prejuízos ao processo de escolarização, potencializados principalmente pelo cansaço físico e falta de tempo adequado para se dedicar aos estudos. Assim, segundo Correia (2014), mesmo aqueles que comparecem à escola e tentam conciliar as duas formações, encontrarão muitas dificuldades, pois não terão tempo para estudar ou se dedicar às atividades necessárias para um pleno aprendizado, somando-se às faltas que serão constantes na vida

desses jovens atletas em consequência dos compromissos com os treinos, jogos e viagens. Por isso, muitos optam pelo ensino noturno ao procurar aliar suas atividades no futebol ao estudo (MELO, 2010).

Os estudos que tratam sobre o processo de escolarização de jovens atletas no Brasil mostram que uma pequena parte desses jovens atletas concluiu o ensino médio, mas com bastante dificuldade. Não há cursos de especialização profissional, na maioria das vezes, assumem um emprego que exige pouca qualificação e oferece baixa remuneração. Ademais, quando os atletas não são bem-sucedidos no esporte, geralmente o capital corporal adquirido durante os anos de sua formação no futebol não lhes dá oportunidade de ingressar no mercado de trabalho (SOUZA et al., 2008). No entanto, se possuíssem o diploma escolar, este seria uma credencial que facilitaria ou ajudaria de alguma forma a recolocação profissional.

Contribui com essa realidade, também, o entendimento, principalmente para aquelas famílias de baixa renda, de que a aquisição de um capital cultural mediante a educação formal não oferece em um primeiro momento condições reais para a ascensão social e econômica, enxergando no esporte uma possibilidade real de um futuro promissor, deixando a escola em segundo plano.

Contrariando essa concepção, afirmamos que a educação formal é de extrema importância na vida de qualquer cidadão. “A educação é um dos requisitos fundamentais para que os indivíduos tenham acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade.” (GADOTTI, 2005, p. 1). Sendo um direito de todo ser humano, promove as condições necessárias para que ele possa beneficiar-se de outros direitos que são constituídos em uma sociedade democrática.

Há casos de jovens que abandonam os estudos por causa de um emprego, e quando fazem isso, podem até achar que tomaram uma decisão acertada. Entretanto, essa decisão, tende a levar em um futuro próximo este mesmo jovem a uma situação desfavorável no mercado de trabalho, afetando diretamente a sua vida, assim como a possibilidade de decisão profissional e pessoal, sobre seus planos e os processos de inserção na vida adulta (MESQUITA; MARQUES JUNIOR; RIPPEL, 2013).

As referências revisadas até o momento, reforçada pelas falas dos atletas entrevistados, mostra uma realidade que se repete nos clubes de futebol do Recife e na maioria dos clubes do Brasil, onde há uma espécie de abandono educacional, psicológico e social com relação aos jovens atletas das categorias de base, importando, *a priori*, para os clubes formadores que tais atletas recebam apenas a formação “técnica”, demandadas pela

dinâmica profissional. Esses dados mostram a dificuldade de conciliação entre o futebol de alto rendimento e a escola no trajeto de formação desses futuros atletas.

Sendo a educação para toda a vida, é impossível qualquer cidadão, inclua-se aí o jogador de futebol, desvincular-se dessa formação por um tempo da vida. Além disso, o capital adquirido nos treinamentos é de difícil reconversão no caso de uma profissionalização frustrada, ou ainda, no momento da aposentaria do jogador profissional. Esse reingresso torna-se penoso uma vez que o jovem investiu grande parte da juventude nos treinamentos, o que não o auxilia no momento em que busca sua inserção em outro tipo de trabalho.

Atualmente, sem os conhecimentos inerentes a um campo de atuação profissional, os horizontes se estreitam, tendo o indivíduo de se preparar cada vez mais e de forma contínua para que se tornem progressivamente mais empregáveis em um mercado de trabalho extremamente exigente e excludente. Tal conceito de empregabilidade, na visão de Balassiano, Seabra e Lemos (2005), pode ser entendido como capacidade de preservar a ocupação laboral atual ou mesmo como uma capacidade de vir a se reinserir no mercado laboral em caso de perda do emprego.

Portanto, segundo Saviani (2008), as chances e condições de manutenção e de inserção seriam condicionadas aos atributos individuais. O autor ainda nos traz o entendimento de que: “A educação passa a ser entendida como um investimento de capital humano<sup>13</sup> individual que, habilita as pessoas para a competição pelos empregos disponíveis.” (SAVIANI, 2008, p. 430). Nesse sentido, cremos que a educação formal ainda pode assumir um papel de protagonismo nesta atual configuração social tecida na contemporaneidade a que estamos submetidos.

A esse respeito, considerando a educação como um investimento pessoal e intransferível, Frigotto (2006, p. 40) diz: “a educação, então, é o principal capital humano enquanto é concebida como produtora de capacidade de trabalho, potenciadora do fator trabalho. Neste sentido é um investimento como qualquer outro.”

Essa teoria enfatiza a ideia de que o investimento em educação, ao aumentar a qualidade da força de trabalho, propicia ganhos de produtividade e o aumento da criação de postos de trabalho de melhor qualidade, conduzindo ao crescimento econômico.

Frigotto (2006) afirma que a educação passa, então, a constituir-se em um dos fatores fundamentais para explicar economicamente as diferenças de capacidade de trabalho e,

---

<sup>13</sup>A análise econômica da educação vinculada a teoria do capital humano, funda-se no método e pressuposto da interpretação da realidade da economia neoclássica. Este modo de interpretação da realidade é um produto histórico determinado que nasce com a sociedade de classes e se desenvolve dentro e na defesa dos interesses de capital. Ver Frigotto (1984, p. 50-56).

consequentemente, as diferenças de produtividade e renda. Desse modo, perceber a educação como um investimento e dizer que:

[...] a capacidade produtiva do trabalho é, em grande medida, um meio de produção originado [...] reforça a preocupação com a qualificação do trabalhador, entendida como potenciadora do crescimento econômico e das chances individuais de acesso a melhores postos de trabalho. Logo, o capital educacional, acumulado pelo trabalhador, asseguraria não só sua maior produtividade, como explicaria as diferenças individuais de oportunidades de inserção no mercado e de remuneração recebida. (BALASSIANO; SEABRA; LEMOS, 2005, p. 34).

No âmbito geral, levando em consideração a relação entre a educação e a empregabilidade na atual conjuntura socioeconômica, Saviani (2008, p. 430) nos mostra que:

[...] o acesso a diferentes graus de escolaridade amplia as condições de empregabilidade do indivíduo, o que, entretanto, não lhe garante emprego, pelo simples fato de que na forma atual do desenvolvimento do capitalismo, não há empregos para todos: a economia pode crescer convivendo com altas taxas de desemprego e com grandes contingentes populacionais excluídos do processo [...].

Porém, como já constatamos pelos dados coletados neste estudo, os jogadores de futebol em formação na cidade do Recife, infelizmente, vivem uma realidade não muito diferente do encontrado no restante do Brasil, relegando a segundo plano o interesse de aquisição da educação formal, dando prioridade à formação esportiva, não dando a importância devida a esse fato; ou seja, não reconhece o grau de importância que a educação ocupa cada vez mais em nossa vida, podendo, sem dúvida alguma, auxiliá-los na reinserção no mercado de trabalho em um futuro próximo, isto é, no momento da aposentadoria dos gramados, momento esse que chegará de maneira incontestável, mais cedo ou mais tarde, para todos atletas de futebol profissional. Com esse intuito, Santos (2010, p. 70) alerta:

A escola é algo que se estende à vida, fornecendo aos homens instrumentos que não se esgotam nem se encerram em tempo algum. Caso diferente do vivido no futebol, que se resume a uma parte bastante curta da vida, mesmo daqueles que conseguem prolongar um pouco mais.

Complementando tal raciocínio, Domingues (2001 apud SANTOS, 2010, p. 154) chama a atenção para quanto “a ausência de uma formação para além do futebol, tenderá a enormes impactos e mazelas não só aos garotos, mas principalmente no coletivo da

sociedade”, para Pochmann (2004, p. 390) “a expansão da escolaridade deve ser vista não apenas do ponto de vista da produtividade, mas especialmente da cidadania”.

Nessa intenção é importante refletirmos que o principal objetivo da educação é contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autônomas, solidárias, que conheçam e exerçam seus direitos e deveres perante a sociedade, dialogando e respeitando o próximo, com espírito democrático, tendo como referência os valores dos direitos humanos e respeito as leis. Isto é, a educação formal deve ser pensada para além da questão da produtividade, do crescimento econômico e do acúmulo de capital; deve ser entendida primeiramente como alicerce na construção da cidadania, sendo de importância cívica e fornecendo um horizonte mais amplo durante toda a vida do ser humano.

O espaço escolar não é o único espaço onde se aprende coisas úteis e importantes para a vida em sociedade, no entanto, entendemos que a educação formal exerce algo extensivo à vida, fornecendo aos homens instrumentos que não se esgotam nem se encerram em tempo algum.

## 5 EDUCAÇÃO PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS – PRORROGAÇÃO

A educação é um direito fundamental de todos os homens, em qualquer lugar do mundo. A palavra vem do latim *educatio*, nome que os romanos davam ao processo de desenvolvimento físico, intelectual e moral do ser humano, realizado em escolas e dirigidos por docentes, os principais responsáveis pela formação integral dos alunos (BRANDÃO, 2007); ou seja, em nossa concepção, educar trata-se de um ato que visa à convivência social, à cidadania e à tomada de consciência política. A educação escolar, além de ensinar o conhecimento científico, deve assumir a incumbência de preparar as pessoas para o exercício da cidadania.

Santos (2010, p. 37) destaca:

Embora supondo que a educação não apenas integra o indivíduo ao meio social, mas também lhe proporciona uma maior capacidade de autonomia e, por isso mesmo, de interferência no meio social, é relevante mostrar que a educação sempre tem uma importância eminentemente social, ainda que essa questão assuma conotações diferentes através da história.

Nesse sentido, reconhecendo a educação como um direito essencial, o autor ainda reitera:

[...] o direito ao acesso à educação para todos os cidadãos traduz a afirmação de um bem comum à comunidade política e ao compartilhamento, por parte de seus membros, do conhecimento como um valor. Porém a inexistência da possibilidade de realização do direito à educação, ou a insuficiência de condições para o seu exercício, implica também que a igualdade de direitos e deveres de cidadania estão anulados ou prejudicados. (SANTOS 2010, p. 38).

As autoras Maria Angélica Cardoso e Ângela Lara (2009, p. 1317) expressam que a escola que tem o propósito de formar cidadãos com capacidade para atuar “na vida pública deve provocar o desenvolvimento de conhecimentos, idéias, atitudes e pautas que permitam sua incorporação na vida política e social”. Para tanto, é necessária a “participação ativa e responsável de todos os cidadãos considerados por direito como iguais” (PÉREZ GÓMEZ, 1998, p. 20). Por outro lado, também, dentre tantas funções sociais que a escola exerce, não podemos deixar de destacar sua responsabilidade em relação à perpetuação de suas desigualdades sociais. Levando-se em consideração as diferenças socialmente construídas

diante da escola e diante da cultura, tratar todos de forma homogênea é injusto e acaba favorecendo os mais privilegiados, segundo Irailda Silva (2008).

Seguindo esse viés, Cardoso e Lara (2009), em seu estudo, lançam luz sobre a concepção da função social exercida pela escola trazendo a ideia de que ela exerce uma função conservadora e reprodutora. Pérez Gómez (1998, p. 14) afirma que a escola é conservadora, pois na ideia dele, a educação, tal como está organizada, tem a função de “garantir a reprodução social e cultural como requisito para a sobrevivência da sociedade”.

Já Bourdieu e Passeron (1975, p. 198), afirmam que a escola, em razão das desigualdades de seleção e a ação homogeneizante, só consegue diminuir o mínimo das diferenças, assim contribui para se reproduzir a “estrutura das relações de classe ao reproduzir a desigual distribuição, entre as classes, do capital cultural”.<sup>14</sup> Pérez Gómez (1998) ainda diz que, embora haja no sentido de conservar a desigualdade e reproduzir as classes sociais, poderia ser também um espaço de socialização podendo oferecer aos filhos das classes populares condições de adquirir um capital cultural que não herdaram.

Ao consideramos que fazemos parte de um modo de produção capitalista em a educação igualmente está inserida e determinada socialmente (CARDOSO; LARA, 2009), Saviani (1980, p. 125) nos mostra que a escola “estará marcada também pela tendência à conservação”.

Contudo, superar essa função meramente conservadora torna-se possível com a luta contra a seletividade, o tratamento discriminatório e contra o rebaixamento do ensino dirigido às camadas populares, dessa forma assegurando “aos trabalhadores o acesso ao conhecimento historicamente acumulado pelos homens” (CARDOSO; LARA, 2009, p. 1320). Camada essa em que se insere a maioria considerável dos jovens com a pretensão de ser astro de futebol.

Conforme Pérez Gómez (1998), na escola, igualmente em qualquer instituição social, há espaços com alguma autonomia que podem ser utilizados para desequilibrar a propensão reprodutora, dado que o processo de socialização envolve um complexo movimento de negociação em que a reação ou resistência de docentes e do alunado pode ocasionar a recusa e ineficiência da inclinação reprodutora da escola. Sendo assim, para Cardoso e Lara (2009, p. 1318):

---

<sup>14</sup> Segundo Bourdieu, a escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais e de transferência de capitais de uma geração para outra. É nela que o legado econômico da família transforma-se em capital cultural. E este, segundo o sociólogo, está diretamente relacionado com o desempenho dos alunos na sala de aula. Para o melhor entendimento, ler *Escritos de educação* (Bourdieu, 1998).

A função educativa da escola, ou seja, a utilização do conhecimento social e historicamente construído, da experiência e da reflexão como ferramentas de análise para compreender a sociedade e a ideologia dominante, quebra ou pode quebrar o processo reprodutivista. O grande desafio da escola é fazer com que sua função educativa assuma um caráter compensatório, isto é, atenda às diferenças de origem, oportunizando o acesso à cultura, provocando e facilitando a reconstrução dos conhecimentos, das disposições e das pautas de conduta que a criança assimila em sua vida paralela e anterior à escola.

Concluem as autoras:

Assim como Bourdieu), Pérez Gómez afirma que a escola exerce uma função de reprodução cultural e de conservação social. Porém, ela acredita na existência de um espaço de autonomia no qual a resistência pode gerar transformações. Além da função de conservação e de reprodução a escola pode, através de sua função educativa, estimular a participação ativa e crítica dos alunos, primeiramente nas atividades desenvolvidas na sala de aula e, posteriormente no cenário social propriamente dito. (CARDOSO; LARA (2009, p. 1319).

Porém, se por um lado, a educação pode contribuir para disfarçar, legitimando-as ideologicamente, e abrandar as contradições e os conflitos reais que ocorrem no processo social, por outro lado, pode também desmascarar e aguçar a consciência dessas contradições, contribuindo para sua superação no plano da realidade objetiva (SANTOS, 2010). Nesse caso, podendo contribuir para ultrapassar essa lógica dominante no contexto educacional.

Irailda Silva (2008, p. 15) diz: “O que acontece na escola é de fundamental importância para a formação de cidadãos capazes de conviver e dialogar com a diversidade cultural e histórica do Brasil.” Portanto, segundo a autora, tanto as pessoas que fazem a escola como as que formam a sociedade, apresentam aspectos que as diferenciam como gênero, raça, opção sexual e religião por exemplo. Ela destaca que é no ambiente escolar que as crianças e os jovens podem perceber que somos diferentes, mas essas diferenças não devem ser causa de relações desiguais.

## 5.1 Organizando a memória

Nosso propósito, nesta seção, é progredir a produção textual, tomando como base as respostas dos onze ex-jogadores profissionais de futebol selecionados por nós, sobre suas memórias. Para tal, o comando que utilizamos nas sessões de coleta de memória foi: *fale-me da sua história de vida, levando em consideração as experiências mais significativas de sua*

*infância até os dias atuais, considerando o antes, durante e o depois da vida de jogador profissional de futebol.*

Assim como Silva, Souto e Oliveira (2008) procederam ao analisar o conteúdo de suas entrevistas, igualmente ressaltamos que os temas não foram determinados *a priori*. Foram selecionados de acordo com as variáveis que apareceram constantemente na fala do entrevistado e a importância que ele imputou ao fato.

As entrevistas nos possibilitaram categorizar as reflexões em dois grupos distintos, com três eixos de análise cada um. No grupo 1, reunimos os entrevistados que possuem, pelo menos, graduação em alguma área e atuam nela, com um total de cinco sujeitos. Já no grupo 2, agrupamos os que possuem no máximo nível médio completo (regular ou supletivo), em um total de seis ex-jogadores.

A partir da recorrência de elementos nas falas dos entrevistados, para ambos os grupos, os eixos de análise foram: a) tensões e possíveis conciliações entre as formações educacional e esportiva; b) suporte educacional e a reinserção no mercado laboral; c) sonho de ser jogador de futebol; d) possibilidades para aquisição de credenciais educacionais; e) influência parental; e f) incidência de lesões.

## **5.2 Perfil dos entrevistados**

Apresentaremos no Quadro 1 informações coletadas por meio da aplicação de um questionário semiestruturado (APÊNDICE) entre os onze ex-jogadores profissionais de futebol participantes da pesquisa, construído com base em estudos exploratórios acerca da temática abordada. Nosso intuito é traçar um perfil social básico para melhor compreensão da realidade dos sujeitos participantes.

O instrumento tratou dos seguintes quesitos: a) grau de escolaridade dos pais; b) grau de instrução dos entrevistados; c) tempo de duração da carreira profissional; d) clubes em que atuou; e) dificuldades de conciliação entre a formação esportiva e a formação escolar; f) interrupção dos estudos e ou repetição de ano; g) dificuldade de reinserção no mercado laboral após o encerramento da carreira.

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados

Entrevistados	Idade	Curso superior	Grau de escolaridade dos pais	Tempo de atuação na carreira profissional	Dificuldades de conciliação entre as duas formações	Dificuldades de reinserção no mercado laboral
Lúcio Alves	34 anos	Sim	Superior	8 anos	Sim	Sim
Ivan Alves	39 anos	Sim	Superior	2 anos	Sim	Sim
Rodrigo Sales	39 anos	Sim	Superior	4 anos	Sim	Não
André Lafayette	33 anos	Sim	Superior	8 anos	Não	Não
Ricardo Lafayette	38 anos	Sim	Superior	3 anos	Não	Não
Marcelo Alves	27 anos	Não	Ens. médio	8 anos	Sim	Sim
Henrique Marques	26 anos	Não	Ens. médio	7 anos	Sim	Sim
Pablo Damásio	25 anos	Não	Ens. médio	3 anos	Sim	Sim
César Lucena	37 anos	Não	Ens. médio	18 anos	Sim	Sim
Fernando Silva	46 anos	Não	Ens. médio	15 anos	Sim	Sim
Silvio Luís (Kuki)	46 anos	Não	Ens. médio	15 anos	Sim	Não

Fonte: Elaboração do autor, 2017.

Podemos observar no Quadro 1 que as idades dos entrevistados variam entre 25 e 46 anos. Constatamos igualmente que 5 deles possuem graduação, sendo quatro na área de Saúde (dois em Medicina e dois em Educação Física) e outro em Administração de Empresas. Todos trabalham na respectiva área de formação acadêmica. Os sujeitos, na maioria, seis no total, possuem apenas o ensino médio completo, porém, deste total, três estão com uma graduação em curso (dois deles cursando Bacharelado em Educação Física e outro Engenharia Civil), com exceção de um entrevistado que está cursando Educação de Jovens e Adultos (EJA), um tipo de educação orientada para adultos, mais especificamente para aqueles que não completaram ou abandonaram em algum momento da vida a formação educacional institucionalizada. Do mesmo modo, percebemos que o tempo de duração da carreira variou entre dois e dezoito anos. No grupo dos que possuem graduação, o período de atuação como profissional variou entre dois e oito anos, diferente quando comparado com o tempo de duração da carreira profissional dos que não possuem graduação, que foi de três a dezoito.

Com relação ao grau de escolaridade, verificamos uma similitude entre entrevistados e os respectivos pais, tanto para aqueles que possuem uma graduação, total de 5, quanto para aqueles que só possuem o ensino fundamental ou médio, total de 6 entrevistados. Coincidentemente ou não, ao compararmos as respostas, percebemos, neste caso específico, que há uma relação direta entre o grau de escolaridade dos entrevistados e dos seus

progenitores, entendemos que, para esse grupo, o suporte familiar foi decisivo para que todos eles mantivessem bons rendimentos também nos estudos, talvez em decorrência do próprio grau de escolarização dos pais desses ex-atletas. Segundo Irailda Silva (2008, p. 14-15):

Existe uma estreita relação entre o perfil da família e o sucesso ou o fracasso escolar de seus filhos, ou seja, a formação cultural dos pais e até de outros antepassados influenciam no processo educacional. Essa herança diz Bourdieu, define não só o começo da vida escolar, como também nas taxas de êxito da escola. O grau de titulação dos pais, aliás, o nível global da família define todo percurso escolar e o ingresso no ensino superior.

Entendamos que o grau de escolarização dos pais não seria o único fator determinante para o sucesso ou insucesso escolar, pois sabemos que existem indivíduos que não se enquadram nesse tipo de situação. Como afirma Irailda Silva (2008, p. 15):

Isto nos leva a pensar nas exceções de indivíduos que mesmo pertencentes à família de classe popular, conseguem obter um grau de estudo elevado, ou até mesmo pensar em crianças e jovens embora possuindo todas as condições favoráveis, e até pertençam a família com um alto grau de capital cultural a ser transmitido, não conseguem progredir nos estudos.

Se bem que o grau educacional dos pais não seja o único fator determinante para o sucesso ou insucesso escolar, como dissemos há pouco, corroboramos o pensamento de Irailda Silva (2008), fundamentada em Bernard Charlot, por nos trazer a ideia de que realmente há uma relação estreita entre o sucesso do filho na escola e o grau de formação educacional dos familiares, porém, voltamos a frisar, assim como Irailda Silva (2008), que esse fato não pode ser o único determinante. Outro fator regular observado nas falas, ainda sob a influência de uma educação familiar que valorava mais os estudos, foi a consciência da efemeridade da carreira de jogador de futebol. Todos os sujeitos relataram a preocupação futura em “ter o que fazer” quando encerrassem sua carreira.

Notamos também, por meio dos dados coletados no questionário semiestruturado, que todos obtiveram sua profissionalização com a mesma idade, aos 18 anos. Metade dos entrevistados não conseguiu concluir o ensino médio em um tempo adequado. Nessa idade, normalmente, os estudantes que conseguem dedicar-se, exclusivamente à formação acadêmica, já têm concluído o ensino médio e estão prestes a ingressar no ensino superior.

No tocante às dificuldades encontradas na tentativa de conciliação entre as duas formações (educacional/esportiva), um total de 9 dos 11 entrevistados responderam que

encontraram dificuldades ao tentar conciliar as duas formações. Os que responderam afirmativo para essa pergunta, relatam que tiveram, em nome da dedicação ao esporte, de abandonar diversas vezes os estudos, pela exaustiva demanda de treinos, jogos, concentrações e viagens, além dos compromissos inerentes à profissão e por mudarem constantemente de cidade. Ainda com o intuito de trazer mais dados que possam familiarizar o leitor com sujeitos participantes deste estudo, apresentaremos mais algumas informações no Quadro 2.

Quadro 2 – Histórico da carreira profissional

(continua)

Entrevistados	Naturalidade	Clubes em que atuou	Motivo de encerramento da carreira profissional
Lúcio Alves	Caruaru, PE	Náutico, PE; Largatense, SE; Confiança, Se, Manchete, PE	Lesões
Ivan Alves	Caruaru, PE	Central, PE; Porto, PE, Sport Club do Recife, PE, Cabense, PE e Ferroviário do Cabo, PE.	Falta de oportunidade
Rodrigo Sales	Jaboatão dos Guararapes, PE	Santa Cruz Futebol Clube, PE; Cabense, PE; Ferroviário do Cabo, PE; Juazeiro, CE e River, PI	Falta de oportunidade
André Lafayette	Recife, PE	Santa Cruz Futebol Club, PE, Clube Náutico Capibaribe, PE	Falta de oportunidades
Ricardo Lafayette	Sertânia, PE	Santa Cruz Futebol Clube, PE, Sport Club do Recife, PE Intercontinental, PE, Vitória-PE	Falta de oportunidade
Marcelo Alves	Recife, PE	Clube Náutico Capibaribe, PE; CRB- AL; Timbaúba, PE; Serrano, BA, Penedense, AL, Palm Beach Suns, EUA	Falta de oportunidade
Henrique Marques	Recife, PE	Clube Náutico Capibaribe, PE; Santa Cruz Futebol Clube, PE; Centro Limoeirense, PE; Ferroviário de Nampula, MZ	Falta de motivação
Pablo Damásio	Recife, PE	Sport Club do Recife, PE, Santa Cruz Futebol Clube, PE; Ypiranga, PE e Barreiros, PE	Lesões

Quadro 2 – Histórico da carreira profissional

(conclusão)

Entrevistados	Naturalidade	Clubes em que atuou	Motivo de encerramento da carreira profissional
César Lucena	Guarulhos, SP	Flamengo, SP; Santos, SP; Portuguesa Santista, SP; Guapirá, SP; Bandeirante, SP; Portuguesa de Desportos, SP; Marília, SP; Guarani, SP; PAE Asteras Trípoli, GR; Sport Club do Recife, PE; Figueirense, SC; Santa Cruz Futebol Clube, PE e América, MG	Idade
Fernando Silva	Limoeiro, PE	Clube Náutico Capibaribe, PE; ABC, RN; ASA, AL; Itabaiana, SE; Operário, MT; ASSU, RN; Sete de Setembro, Garanhuns, PE; Universal Atlético Clube, RJ; Recife Futebol Clube, PE; Flamengo, PI e Gama, DF	Idade
Silvio Luís (Kuki)	Crateús-CE	Esporte Clube Encantado, RS; Grêmio Esportivo Taquariense, RS; Palmeirense, RS; Ypiranga de Erechim, RS; Veranópolis, RS; Clube Esportivo Lajeadense, RS, Internacional de Lajes, SC; Brusque, SC; Clube Náutico Capibaribe, PE; Chombuck Hyundai, KOR; Santa Cruz Futebol Clube, PE.	Idade

Fonte: Elaboração do autor, 2017.

### 5.3 As entrevistas

Nesta penúltima seção, iremos nos ater ao detalhamento da realização das entrevistas dos onze participantes deste estudo. A primeira entrevista realizou-se exatamente no dia 3 de março de 2017, e a última coleta de depoimentos foi no dia 10 de dezembro do mesmo ano. Todas as entrevistas realizaram-se de acordo com a disponibilidade dos depoentes, apenas três

das onze entrevistas ocorreram na residência dos depoentes, a maior parte foi em casa de familiares (pais e irmãos) e nos respectivos locais de trabalho ou estudo.

É pertinente salientar que o procedimento para a realização das entrevistas, assim como o instrumento utilizado para tal, foi o mesmo para todos os depoentes, não havendo diferenciação alguma durante todo o processo.

### 5.3.1 Lúcio Alves

O início da coleta dos depoimentos foi exatamente na manhã do dia 3 de março de 2017, uma sexta-feira, com a primeira entrevista com Lúcio Alves (Fotografia 1), que não era alguém desconhecido para nós, pois tínhamos certa proximidade em razão da oportunidade de crescermos no mesmo bairro e, por diversas vezes, esta convivência, por exemplo, permitiu-nos jogar bola e frequentarmos os mesmos ambientes, além de termos vários amigos em comum. Sendo assim, desde o momento em que listamos os critérios para a seleção dos entrevistados, tínhamos o interesse em convidá-lo para participar do estudo.

Fotografia 1 – Lúcio Alves



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado, 2017.

A entrevista realizou-se na residência do próprio entrevistador, ou seja, em nossa residência, localizada no bairro de Candeias, município de Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana do Recife, que, por sinal, é o mesmo bairro de moradia do entrevistado, local este sugerido pelo próprio entrevistado, com o argumento de que seria um local mais tranquilo, com menos interferência do ambiente, pois ele sabia que a entrevista seria gravada por um aparelho de celular,<sup>15</sup> e, naquele momento, não haveria mais ninguém na residência além do entrevistador e entrevistado. Sendo um local mais calmo, a tendência era que a entrevista transcorresse da melhor maneira possível.

No entanto, houve um imprevisto durante a coleta do depoimento, só percebida no término. Especificamente quando fui pausar o aplicativo de gravador de som, dei-me conta de que a entrevista não tinha sido gravada na íntegra; por volta de 2 minutos de gravação, o áudio que estava sendo coletado foi encerrado pelo próprio aplicativo, fato esse que, naquele momento, me deixou bastante frustrado e causou certo constrangimento para o entrevistado. Haja vista que, teoricamente, a entrevista tinha transcorrido da melhor maneira possível, Lúcio Alves tinha trazido à tona lembranças que, sem dúvida, seriam de grande valia para nosso estudo. Esse era o principal motivo do meu desapontamento, não ter a certeza da continuidade da entrevista, e se houvesse uma próxima oportunidade, as mesmas lembranças emergiriam novamente na memória do entrevistado.

Enfim, diante do ocorrido, o próprio entrevistado, de maneira muito gentil, colocou-se à disposição para reiniciar a entrevista naquele exato momento. Prontamente, reiniciei a entrevista, estando atento naquela ocasião ao funcionamento do aplicativo, que pausou por conta própria o áudio mais três vezes, entretanto demos prosseguimento à entrevista até o seu término. A entrevista durou exatamente 21 minutos e 45 segundos, sendo fracionada pelo motivo anteriormente explicado em 4 partes, cujo tempo foi respectivamente: 3 minutos e 49 segundos; 5 minutos e 53 segundos; 8 minutos e 42 segundos; e 4 minutos e 1 segundo. Outro fato importante, que precisa ser mencionado aqui, foi que, por algumas vezes, durante a entrevista, o entrevistado, citou o próprio irmão Ivan Alves, que também tinha sido atleta profissional, o que nos despertou o interesse naquele momento em convidá-lo também para participar do nosso estudo, o que nos proporcionou conhecer mais a fundo a sua história de vida.

Essa primeira entrevista foi de grande importância, pois nos deu o entendimento de quanto o caminho seria longo, das dificuldades de trabalhar com a metodologia de história

---

<sup>15</sup> Smartphone Motorola Moto G 1 com um sistema operacional Android, utilizado para a gravação de todas as entrevistas por meio de um aplicativo do próprio celular de gravador de som.

oral de vida e de quanto devíamos estar atentos para as adversidades que, porventura, poderiam surgir durante a realização de cada uma das entrevistas.

### 5.3.2 Rodrigo Sales

Continuamos no processo de coleta, com a segunda entrevista com Rodrigo Sales (Fotografia 2), na manhã no dia 13 de agosto de 2017, um domingo, Dia dos Pais. A entrevista realizou-se na casa de seus progenitores, na Vila Mário Gouveia, bairro de Prazeres, localizado no município de Jaboatão dos Guararapes. A data comemorativa mencionada antes facilitou a realização da entrevista, pois, até então, estávamos tendo dificuldades devido à disponibilidade do jogador. Outro facilitador foi a proximidade entre nossa residência e a residência dos pais do entrevistado, que se situa no mesmo município, a poucos quilômetros de distância.

Fotografia 2 – Rodrigo Sales



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado, 2017.

Assim como o primeiro entrevistado, Rodrigo Sales também era alguém do nosso convívio, havia uma amizade de anos, desde a época de infância. Estudamos alguns anos na mesma escola e na mesma sala, até o momento em que ele foi estudar em outra escola. Passaram-se alguns anos até nos reencontramos, precisamente no ano 2008, dessa vez no âmbito profissional. Rodrigo Sales já havia encerrado a carreira de atleta de futebol profissional, e era, naquele ano, acadêmico do Curso de Educação Física. Até meados de 2010, tivemos oportunidade de trabalharmos juntos no departamento de futebol de base do Clube Náutico Capibaribe, onde atuávamos na mesma função, ou seja, na preparação física dos atletas em formação.

Embora houvesse proximidade entre o entrevistador e o entrevistado, seguimos o protocolo exigido pelo rigor metodológico. Assim sendo, antes do início da entrevista, explicamos ao entrevistado do que se tratava o nosso estudo, e gostaríamos que ele falasse sobre sua história de vida. Dado o local da entrevista, a casa dos pais do entrevistado, e por se tratar especificamente da data comemorativa do Dia dos Pais, havia muito mais gente no ambiente; além do entrevistado e seus progenitores, encontravam-se no local a esposa e filhas, seus irmãos com a respectiva família.

A coleta do depoimento ocorreu em um cômodo da casa um pouco mais afastado, com a porta fechada com intuito de diminuir a interferência externa. A entrevista em si ocorreu dentro da normalidade esperada, tendo uma duração de 11 minutos e 17 segundos; o entrevistado teve oportunidade, desde o início, de determinar o curso da entrevista, recordando lembranças da infância até os dias atuais. Memórias essas que tiveram importante contribuição para o desenvolvimento do nosso trabalho.

### 5.3.3 Marcelo Alves

Prosseguimos com as entrevistas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Assim, no dia 18 de agosto de 2017, uma sexta-feira, no período da tarde, exatamente cinco dias após a realização da entrevista anterior, tivemos a oportunidade de entrevistar Marcelo Alves, ex-atleta de futebol profissional, estudante do curso de educação física (Fotografia 3).

Fotografia 3 – Marcelo Alves, o primeiro da esquerda para a direita



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado, 2017.

Dessa vez, o encontro foi em uma academia de classe média alta no bairro de Boa Viagem, onde o entrevistado atua como estagiário na sala de musculação. Marcelo, assim como os dois primeiros entrevistados, também foi um dos entrevistados com quem tivemos oportunidade de conviver por alguns anos, tendo sido nosso atleta nas divisões de base do Clube Náutico Capibaribe, mais precisamente entre os anos de 2006 e 2010.

De início, para esta entrevista, o motivo de maior preocupação foi exatamente o local onde se realizou, já que a proposta do entrevistado foi seu local de trabalho, a academia, que sempre é muito movimentada, costumeiramente mantém um som ambiente alto. Portanto, no momento em que confirmamos o dia, local e horário para a entrevista, tivemos o cuidado de explicar ao entrevistado sobre a importância de um local tranquilo, para que pudéssemos evitar qualquer interferência externa, minimizando, assim, possíveis prejuízos ao resultado do depoimento.

Prejuízos esses que foram afastados pelo fato de a entrevista ter sido na sala do gestor da academia, em um ambiente isolado e bastante tranquilo com nenhuma interferência externa ou algo que pudesse, de certa forma, atrapalhar a coleta do depoimento, transcorrendo tudo

conforme o esperado. De fato, não houve contratempo algum. A duração da entrevista foi de exatamente 16 minutos e 52 segundos, sendo um depoimento bastante rico em detalhes, tendo gerado um material com informações importantes para o nosso estudo. Principalmente no que refere-se às dificuldades de conciliação entre a vida de um atleta profissional de futebol e a vida de estudante universitário.

#### 5.3.4 Fernando Silva

Dando continuidade à coleta dos depoimentos, no dia 25 de setembro de 2017, uma segunda-feira, no período da manhã, tivemos oportunidade de realizar nossa entrevista com Fernando Silva (Fotografia 4). O local escolhido por ele foi a sede da Associação de Garantia ao Atleta Profissional do Estado de Pernambuco (Agap-PE),<sup>16</sup> da qual é presidente. A sede localiza-se na Rua da União, no bairro da Boa Vista, região central do Recife, um local de bastante movimento, com vários pontos comerciais além de ser a mesma rua onde se localiza a Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, fato que, por si só, contribui para o aumento considerável do fluxo de pessoas e de automóveis na região.

No entanto, antes da entrevista, tivemos um obstáculo maior, conseguir chegar ao próprio entrevistado. Nosso primeiro contato foi via Facebook, onde acessei seu perfil e deixei uma mensagem explicando o intuito do nosso contato, porém não obtivemos êxito. Em um segundo momento, entramos em contato pelo telefone da própria Agap-PE, entretanto não conseguimos falar diretamente com o jogador. Nosso diálogo foi com o secretário da entidade, e, mais uma vez, explicamos que a intenção do nosso contato era realizar uma entrevista com Fernando Silva, para fins meramente acadêmicos; naquele momento, não ficou nada acertado até então com relação à possibilidade de realização da entrevista.

---

<sup>16</sup> A Agap-PE é uma instituição sem fins lucrativos, fundada em 15 de janeiro de 1998, cuja principal finalidade é incentivar a educação de atletas e ex-atletas de futebol profissional, disponibilizando alguns benefícios como bolsas de estudo, material didático, auxílio-saúde entre outros.

Fotografia 4 – Fernando Silva, o segundo agachado da esquerda para a direita



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado, 2017.

Só na terceira tentativa – igualmente por contato telefônico, com o secretário da entidade, e pelo que percebemos, naquela ocasião, pessoa de confiança de Fernando Silva –, obtivemos o número telefônico do entrevistado, e assim pudemos nos comunicar de maneira direta com ele. A partir desse momento, com o contato direto com o entrevistado, ao explicarmos, de fato, qual seria o intuito do nosso estudo e a finalidade da entrevista, conseguimos êxito na confirmação da entrevista. Após o agendamento da data da entrevista, tivemos de adiar nosso encontro, por duas vezes, diante da alegação de compromissos profissionais surgidos de última hora. Pelos fatos mencionados acima, neste caso específico, tivemos, até certo ponto, dificuldade para a realização da entrevista.

Passados esses primeiros obstáculos, conseguimos, enfim, realizar a entrevista e consequentemente coletar o depoimento de Fernando Silva. O tempo total de gravação do áudio foi de 24 minutos e 24 segundos, fracionada em quatro partes com o tempo respectivo de 2 minutos e 32 segundos, 2 minutos e 44 segundos, 5 minutos e 41 segundos, tendo sucedido o mesmo fato ocorrido na primeira entrevista, com Lúcio Alves, quando o aplicativo pausou por conta própria a gravação do áudio, no entanto, diferentemente do verificado naquela ocasião, estávamos atentos e reiniciamos de forma imediata a gravação quando pausada.

### 5.3.5 César Lucena

No dia 18 de outubro de 2017, uma quarta-feira, no período da noite, realizamos a entrevista com César Lucena (Fotografia 5), ex-atleta de futebol profissional com passagem pelo futebol pernambucano no Sport Club do Recife e no Santa Cruz Futebol Clube, assim como em diversos outros clubes no Brasil além do exterior. O contato com o entrevistado foi estabelecido por um amigo em comum que frequenta a mesma arena de futevôlei que César, localizada na Praia de Candeias, região metropolitana do Recife. A partir desse primeiro contato, o entrevistado concordou em nos passar o número telefônico para que pudéssemos nos comunicar, e assim foi feito.

Fotografia 5 – César Lucena



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado, 2017.

Desde o primeiro momento em que tivemos um contato direto, o entrevistado mostrou-se bastante interessado em participar do estudo, sendo muito acessível e solícito todas as vezes que procurado. Após algumas conversas via aplicativo de mensagens, ele

sugeriu um encontro que, a princípio, seria na quadra de futsal localizada nas dependências do Santa Cruz Futebol Clube, pois naquele dia e horário sugerido, estaria acompanhando o treino do seu filho, mas não seria possível de nossa parte chegar às 18 horas no local combinado. Então, César propôs a realização da entrevista na sua residência por volta das 20 horas, localizada no bairro de Setúbal, zona sul do Recife, já que ao fim do treino do filho, eles retornariam para casa.

Ficando tudo combinado, seguimos ao encontro do entrevistado no local e horário acertado, realizamos a entrevista no salão de festas. A duração total da entrevista foi de 17 minutos e 42 segundos. Mais uma vez, o aplicativo utilizado para a gravação da entrevista pausou duas vezes por conta própria, mas igualmente à ocasião anterior, ou seja, na entrevista concedida por Fernando Silva, demos prosseguimento à gravação de maneira quase instantânea. Desse modo, a primeira parte da entrevista teve uma duração de 5 minutos e 23 segundos e a última parte 12 minutos e 19 segundos.

Algumas vezes, durante a entrevista, César Lucena, revivendo suas memórias, chegou a se emocionar, principalmente quando se lembrou da infância humilde e do alto preço pago, segundo o próprio, para a realização do um sonho de se tornar atleta de futebol profissional, além de deixar transparecer um profundo arrependimento por não se ter dedicado aos estudos como achava que deveria ter-se dedicado durante a trajetória de atleta. Salientamos que o filho do depoente acompanhou atento a tudo o que foi dito pelo pai durante toda a entrevista.

#### 5.3.6 Silvio Luís (Kuki)

No dia posterior à entrevista concedida por César Lucena (Fotografia 6), ou seja, em 19 de outubro de 2017, uma quinta-feira, no período da manhã, realizamos a entrevista com Kuki, ex-atleta de futebol profissional, com quem tivemos a oportunidade de conviver profissionalmente no Clube Náutico Capibaribe, e de maneira mais próxima, a partir do momento em que ele encerrou sua carreira de jogador profissional e passou a trabalhar na supervisão do futebol de base, departamento do qual fizemos parte até meados de 2010.

Fotografia 6 – Silvio Luís (Kuki)



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado, 2017.

O contato foi por mensagens via rede social, e nesse primeiro momento pudemos explicar o motivo do nosso contato e esclarecer de que se tratava nosso estudo. Kuki aceitou prontamente o convite para participar desta pesquisa, concedendo a entrevista. Após combinarmos data e horário da entrevista, tivemos um único imprevisto para sua realização em razão de uma alteração do planejamento do futebol profissional de que Kuki faz parte atualmente como auxiliar técnico; houve uma mudança de local e horário de treinamento da equipe de futebol profissional, impossibilitando a coleta do depoimento.

Após essa eventualidade, em outra data mencionada no primeiro parágrafo, conseguimos realizar a entrevista. O local escolhido por Kuki foi uma sala no setor administrativo, na sede social do Clube Náutico Capibaribe, localizado no bairro dos Aflitos, um dos mais nobres do Recife. A entrevista teve a duração de 24 minutos e 59 segundos, não havendo nenhuma pausa provocada pelo aplicativo de gravação como ocorreu em outras ocasiões.

Algumas vezes, durante a entrevista, Kuki se emocionou chegando, de fato, a chorar por mais de uma vez ao relembrar fatos marcantes da sua história de vida, por exemplo, no momento em que ele demonstra um grande arrependimento de não se ter dedicado aos estudos, assim como na parte em que fala do grande incentivo dado pela esposa atual, para o prosseguimento dos estudos, chegando a comparar a volta aos estudos com um título conquistado durante a carreira profissional, ou seja, na palavra dele, uma grande vitória.

### 5.3.7 André Lafayette

Dando prosseguimento à coleta dos depoimentos, no dia 17 de novembro de 2017, uma sexta-feira, no período da tarde, em sua residência localizada na Avenida Beira Rio, na Madalena, um bairro de classe média alta localizado na zona norte do Recife, realizamos a entrevista com o ex-atleta de futebol profissional e médico André Lafayette (Fotografia 7). Chegamos até o ex-jogador profissional por intermédio de Lúcio Alves, nosso primeiro entrevistado, que atua com ele na equipe de Futebol 7 do Sport Club do Recife, modalidade em que ex-atletas de futebol profissional costumam atuar de maneira amadora.

Fotografia 7 – André Lafayette, o primeiro da esquerda para a direita



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado, 2017.

Nosso primeiro contato com André foi por aplicativo de mensagens. Igualmente aos outros entrevistados, aproveitamos esse primeiro momento para explicar a intenção do nosso estudo, assim como saber se ele teria interesse de nos conceder uma entrevista. Tal como a maioria dos entrevistados, André não hesitou em aceitar nosso convite. A princípio, André marcou a entrevista em um hospital particular do Recife, onde ele daria plantão naquele dia, porém, por algum motivo, o dia de plantão foi alterado e remarcamos para o mesmo dia e horário, no entanto, na residência do entrevistado.

O tempo total de duração da entrevista foi de 10 minutos e 43 segundos, fracionada em duas partes de 6 minutos e 41 segundos e 4 minutos e 2 segundos respectivamente. Durante a entrevista, André deixou bem claro quanto o ambiente familiar o influenciou na prática do futebol já que o pai é um aficionado pelo esporte, além da influência do irmão mais velho, que, porventura, teve uma breve carreira no futebol profissional. Igualmente, o entrevistado nos relatou que havia uma cobrança familiar no sentido de prosseguir com os estudos, haja vista que os progenitores do entrevistado tinham consciência da efemeridade da carreira de um jogador de futebol profissional, assim como dos riscos inerentes à carreira esportiva. Outro ponto relevante posto por ele foi o fato de o pai ter como profissão a Medicina e a docência. Tal fato contribuiu igualmente para que ele não relegasse a segundo plano a aquisição da educação formal em benefício da formação esportiva.

Após a entrevista, no momento de transcrição, tivemos certa dificuldade de entender algumas palavras, pois a entrevista, embora tenha sido gravada na varanda de sua residência, em um ambiente aparentemente tranquilo, percebemos que havia muita interferência externa, principalmente provocados por veículos que transitavam na Avenida Beira Rio, haja vista que a varanda da casa do entrevistado era voltada para avenida, além de ser no primeiro andar, fato que potencializou a interferência externa.

#### 5.3.8 Ricardo Lafayette

Ricardo Lafayette (Fotografia 8), ex-atleta de futebol profissional, médico, igualmente a seu irmão André Lafayette, foi entrevistado no dia 18 de novembro de 2017, em uma manhã de sábado. A entrevista foi na casa de seus pais, em um edifício situado ao lado do Parque da Jaqueira, no bairro que leva o mesmo nome do parque, que, por sinal, é considerado o bairro mais nobre do Recife e com a maior renda “per capita da capital pernambucana, possuindo imponentes prédios, luxuosos apartamentos e flats, sendo habitado predominantemente pelas classes média e alta” (MELLO, 2013, p. 1).

Fotografia 8 – Ricardo Lafayette, o primeiro da esquerda para direita



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado, 2017.

O interesse em convidar Ricardo Lafayette para participar deste estudo surgiu de uma maneira até certo ponto inesperada e repentina; foi exatamente no dia anterior enquanto escutávamos atentamente à entrevista de André, que citou, em alguns momentos de sua história de vida, o irmão, dando a entender que tinha trilhado um caminho semelhante; foi então que nossa curiosidade aflorou. Ao fim da gravação da entrevista de André, fizemos algumas perguntas a respeito do seu irmão Ricardo, para termos certeza de que ele se encaixava nos critérios por nós listados para inclusão na participação do estudo e, conseqüentemente, para a realização da entrevista.

Logo ficamos sabendo que Ricardo residia no sertão de Pernambuco, o que tornaria impossível naquele momento a coleta do seu depoimento, entretanto André nos confidenciou que Ricardo chegaria naquele mesmo dia e passaria o fim de semana na casa dos pais, encarregando-se de fazer contato com o irmão para checar a possibilidade de ele se dispor a uma possível entrevista. Algo que, de fato, foi confirmado. André nos forneceu o número de telefone de Ricardo e logo entramos em contato, marcamos a entrevista para o dia seguinte, ou seja, no fim da manhã de sábado.

Ao chegarmos ao local combinado, a casa dos pais do entrevistado, esperamos por alguns minutos, pois ele havia chegado a poucos minutos de uma “pelada” de tênis, esporte que ele pratica como hobby desde criança, assim como o futebol. Vale a pena mencionar que,

durante a entrevista, ele deixou a televisão ligada em um volume muito baixo, para poder observar uma partida de tênis que estava sendo transmitida ao vivo. A entrevista teve a duração total de 9 minutos e 43 segundos. O entrevistado – igualmente ao que narrou André na entrevista – relatou a importância que o ambiente familiar teve na sua formação esportiva, incentivando-o desde cedo à prática esportiva, mas especialmente, exigindo dele, que não deixasse em segundo plano a formação educacional.

### 5.3.9 Pablo Damásio

Seguindo com nossas entrevistas, no dia 28 de novembro de 2017, uma terça-feira no período da manhã, entrevistamos Pablo Damásio (Fotografia 9). O local da entrevista foi em faculdade particular localizada no Bairro Novo, município de Olinda. Esse local foi escolhido de comum acordo por ambos, já que fazemos parte do corpo docente da faculdade onde o entrevistado cursa Educação Física. Fato esse também que permitiu o convite para a participação do estudo de maneira mais direta, sem intermédio de outra pessoa, algo que facilitou bastante a comunicação, consequentemente o acesso ao depoente além da realização da entrevista.

Fotografia 9 – Pablo Damásio, o segundo da esquerda para direita



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado, 2017.

O tempo total da entrevista foi de 7 minutos e 57 segundos, sendo o menor tempo de entrevista entre os onze entrevistados. Mesmo havendo certo convívio entre ambos, já que existia uma relação professor-aluno, Pablo mostrou-se bastante tímido, tivemos de recomeçar a gravação da entrevista por duas vezes, a pedido dele, algo que não ocorreu nas outras entrevistas. Não tivemos interferência externa, a coleta realizou-se em uma sala de aula, sem a presença de terceiros. Embora o tempo da entrevista tenha sido um tempo reduzido, o depoente trouxe fatos do passado como a ocorrência de lesões que o levaram ao abandono de forma precoce da carreira profissional no futebol, além das dificuldades de inserção em outro mercado após a aposentadoria dos gramados, fatos esses que contribuiram bastante com os objetivos do nosso estudo.

#### 5.3.10 Ivan Alves

Como citamos no início, chegamos ao nome de Ivan Alves (Fotografia 10) por intermédio do seu irmão Lúcio Alves, nosso primeiro entrevistado. A entrevista foi na residência de Lúcio Alves, no bairro de Candeias, localizado no município de Jaboaão dos Guararapes, sem a presença dele, que se encontrava em viagem com sua família, não havendo mais ninguém na residência além do entrevistador e o entrevistado.

Fotografia 10 – Ivan Alves, o quinto da esquerda para direita



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado, 2017.

A coleta do depoimento foi em 9 de dezembro de 2018, na manhã do sábado, tendo a entrevista durado 39 minutos e 37 segundos, sem maiores ocorrências, sendo o maior tempo dentre todos os onze entrevistados.

Embora tenha sido o entrevistado com o maior tempo de depoimento concedido, Ivan Alves, dentre os entrevistados, como citamos, foi o que teve menor tempo de atuação como atleta de futebol profissional, apenas dois anos. Apesar de ter tido uma breve carreira, durante a entrevista que nos foi concedida, vieram à tona lembranças da infância até os dias atuais de maneira muito rica e detalhada, auxiliando-nos principalmente na análise da relação entre o esporte, mais especificamente o futebol e a educação formal.

Assim como seu irmão, citou a importância que os pais tiveram durante todo o processo, principalmente no que concerne ao entendimento da efemeridade da carreira de atleta de futebol profissional, mesmo para aqueles que conseguem prolongar o maior tempo possível, não permitindo, assim, a desvalorização da educação formal diante da formação esportiva. Do mesmo modo, mencionou a influência do *habitus* familiar no gosto pelo futebol, principalmente pela figura paterna, corroborando o que apontou o próprio irmão em entrevista que igualmente nos foi concedida.

#### 5.3.11 Enrique Marques

No dia 10 de dezembro de 2017, um domingo à noite, realizamos nossa última entrevista, desta vez com Enrique Marques, em sua residência no bairro de Piedade, em Jaboatão dos Guararapes. Assim como alguns dos outros entrevistados, Enrique era alguém a que tínhamos acesso; tivemos oportunidade de convivência em dois períodos distintos, primeiro na época em que ele cursou o ensino fundamental, pois naquela ocasião era professor na mesma instituição onde o entrevistado cursou alguns anos do ensino fundamental II, e posteriormente no Clube Náutico Capibaribe, onde desenvolveu boa parte de sua carreira no meio futebolístico.

Fotografia 11 – Enrique Marques



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado, 2017.

O contato com Enrique foi de maneira direta, via contato telefônico, não havendo dificuldade ou contratempo algum entre a primeira conversa, quando, no sábado dia 9 de dezembro, explicamos o intuito do nosso estudo além de expor o interesse em entrevistá-lo, e o dia da entrevista, no domingo, dia 10. O tempo total da entrevista foi de 8 minutos e 29 segundos.

Como mencionado no parágrafo anterior, a coleta do depoimento foi na casa do entrevistado, na sala de estar, na presença da esposa, ambiente tranquilo, sem nenhuma interferência que tenha dificultado esse momento.

Assim como os demais entrevistados, a entrevista concedida por Enrique contribuiu com os objetivos do estudo, haja vista que o ele nos relatou, por meio de suas memórias, dificuldades de conciliação entre a formação esportiva e educacional, assim como as tentativas de conciliação entre ambas. Além de citar a possibilidade de aquisição de uma educação formal em nível superior mediante recebimento de bolsa de estudo, tendo de atuar



possível, mas é difícil. Você sabe que vai ter que abrir mão de muitas coisas. (ANDRÉ, entrevista, 2017).

Outro entrevistado faz menção à mesma dificuldade encontrada na vida do estudante atleta:

Eu tinha essa dificuldade já no início ali, desde os meus 13, 14 anos de fazer essa conciliação, exatamente porque começou a aumentar a cargas de treino e de responsabilidade. [...] fui criando essa responsabilidade com os treinos e isso, em determinados momentos, tirava o foco dos estudos. (IVAN, entrevista, 2017).

Igualmente, percebemos que tal obstáculo não só costuma acompanhá-los durante toda a formação escolar, como se torna mais difícil; ao passo que os estudantes atletas se aproximam dos anos finais do ensino médio, que, na maioria das vezes, coincide com o ingresso na categoria de juniores,<sup>17</sup> pelo menos para aqueles que conseguiram galgar mais esse degrau na formação esportiva. Caso parecido com o de Lúcio, que, por ter feito uma excelente temporada no juvenil do Clube Náutico Capibaribe, conseqüentemente tendo-se destacado dos demais atletas, ascendeu para a categoria de juniores, tendo, assim, ficado a um passo de ser tornar um jogador de futebol profissional. Tal momento da carreira, implicou inevitavelmente mudanças no cotidiano, principalmente no que concerne à vida escolar.

Eu tive de optar por sair do Colégio Boa Viagem, porque os juniores já estavam no patamar de treinar de manhã e de tarde, eu tive de trocar a escola para ir para o Colégio Especial, porque eu estudava à noite [...] agora eu tinha uma rotina de treinar de manhã no Náutico, treinar de tarde e à noite ir para a escola. Então, era assim, era bastante corrido meu dia. (LÚCIO, entrevista, 2017).

Ele ainda completa: “Não tinha como alinhar o futebol a um estudo bom, a ter boas notas. Eu estudava o suficiente para poder passar e obter a média para poder concluir”. Nesse caso, segundo Melo et al. (2015), os atletas ficam à mercê dos contratos e das rotinas estabelecidas pelo clube, de modo que esse fato acaba por empurrá-los para o ensino noturno, e esse turno apresenta menor qualidade que a escola diurna.

Fato semelhante ao de outro entrevistado, Marcelo, que encontrou dificuldades parecidas na tentativa de conciliação, o qual, igualmente a Lúcio, para não abandonar os

---

<sup>17</sup> No Brasil, o futebol comumente se divide nas seguintes categorias: mirim (12 a 13 anos), infantil (14 a 15 anos), juvenil (16 a 17 anos) e júnior (18 a 20 anos).

estudos naquele momento, inevitavelmente teve como única opção: mudar de escola e ajustar os horários de estudo.

Até que cheguei no meu terceiro ano, que foi a época, assim, que me cobrava muito tempo nos estudos, eu precisava estudar quase que todos os dias, manhã e tarde, e o treino também era à tarde, e [...] então começaram os primeiros choques de horários de treinamento e escola. Não consegui concluir o meu ensino médio no Colégio Boa Viagem, tive que posteriormente fazer uma prova no fim do ano no Colégio Carneiro Leão, devido às minhas notas e ao meu rendimento escolar não ter acompanhado o ritmo que eu precisava para passar de ano. (MARCELO, entrevista, 2017).

Também identificamos que houve casos em que as dificuldades de conciliação se acentuaram de tal forma, cujo resultado foi a reprovação por parte de alguns dos entrevistados, como podemos verificar na fala de Henrique:

A dificuldade sempre foi grande, eu cheguei a reprovar de ano uma vez, é porque a conciliação entre treino, jogos, viagens e concentrações sempre foi difícil [...] não que eu esteja colocando desculpas nisso, mas que é uma grande dificuldade para você ter que conciliar os estudos com o futebol, por que eu estudava de manhã e quando eu subi para os juniores a aula também era de manhã, ou seja, treino de manhã e aula de manhã, aí eu tinha que treinar porque eu já tinha contrato, já era meu emprego, eu tinha um contrato firmado, não podia descumprir o meu contrato, mas também por outro lado, eu tinha que estudar. (HENRIQUE, entrevista, 2017).

Cenário similar vivenciado por Ivan:

Tentamos eu e minha mãe; pelo que eu me lembro, a gente tentou mudar o horário da escola, e não conseguimos, e com isso, eu acho que já era segundo ano do ensino médio, acabei perdendo muitas aulas, aulas importantes e que me fez este ano reprovar. (IVAN, entrevista, 2017).

As dificuldades continuam acentuando-se à medida que alguns deles conseguem ingressar em alguma graduação, mesmo ultrapassando todas as dificuldades relatadas até o momento, pois concomitantemente a essa ocasião, para alguns dos entrevistados, realizou-se a tão sonhada e almejada profissionalização no mundo do futebol, onde os atletas na visão de Melo (2010); Barreto (2012); Costa (2012); Rocha (2013); Correia (2014) e Azevedo (2014) sujeitam-se aos rigores e sacrifícios exigidos por essa opção, de maneira especial, os ligados à carga de trabalho corporal, e mudança de hábitos sociais cotidianos, corroborando exatamente o que foi exposto:

Eu passei no vestibular de Educação Física na Universidade Federal, e daí começou o curso na Federal e ele é de manhã e tarde, um curso integral, então chocava muito com os meus horários de treino e também como eu estava nos juniores, manhã e tarde, é o horário de treino dos juniores. [...] Consegui fazer até o terceiro período, passei um ano e meio, foi aí que eu subi para o profissional. No profissional, a flexibilidade já não era mais igual ao dos juniores, então eu tive que optar, ou universidade ou futebol, e naquele momento, o futebol foi sempre muito presente na minha vida, sempre foi um sonho me tornar jogador profissional [...] fiz o meu primeiro contrato, eu resolvi dar prioridade ao futebol, então eu fui jubilado na universidade, perdi meu vínculo com a universidade federal. (MARCELO, entrevista, 2017).

Acrescenta André:

[...]Eu parei os estudos mesmo só na época de faculdade, por que aí no caso eu decidi me mudar para Belo Horizonte durante um ano e meio, fui jogar no Minas Tênis, jogar futsal no caso na época, aí pela mudança de estado tive que trancar a faculdade, ainda tentei levar algumas cadeiras da faculdade para lá, que era faculdade federal, tentei levar para universidade de lá, mas lá não consegui conciliar porque lá o profissionalismo era bem mais intenso, mas tirando esse período que eu decidi ter esse ano sabático, trancar a faculdade e me dedicar exclusivamente ao esporte. (ANDRÉ, entrevista, 2017).

A esse respeito, levando em consideração a rotina de treinos, jogos, competições e viagens seguida pelos jogadores de futebol, Melo et al. (2015, p. 415) pensa que “o investimento simultâneo na dupla carreira, de atleta e estudante, as quais ambas exigem tempo e dedicação para um bom desempenho, pode levar o indivíduo a priorizar uma carreira em detrimento da outra”. Podemos confirmar essa afirmação nas palavras de Lúcio:

Assinei meu contrato de profissional, então, aos 18 anos, eu era visto como uma promessa no Náutico, foi aquela alegria, meu pai feliz, meus irmãos. Daí eu fui para vários jogos da equipe profissional, [...] aí foi quando eu desci para jogar nos juniores, foi quando eu rompi os ligamentos [...] passei seis meses sem jogar futebol. (LÚCIO, entrevista, 2017).

Diante de uma situação de adversidade na carreira, uma lesão no joelho, o atleta enxerga naquele momento uma oportunidade de reaproximação com os estudos e resolve nesse momento dar prioridade à formação educacional, dessa vez, em nível superior; no entanto, como relata o próprio entrevistado, não foi possível dar prosseguimento à formação acadêmica por muito tempo em razão de vários compromissos profissionais, o que o levou a deixar os estudos de lado naquele momento, dando prioridade, mais uma vez, à carreira futebolística.

Em 2002, eu estava cirurgiado. Eu decidi fazer Educação Física, aí fiz dois períodos. Quando chegou 2003, eu decidi trancar a faculdade. Estava no profissional, era treino de manhã, treino de tarde, viagem, jogo à noite e tal, eu vi que iria fazer um curso meia-sola, meia-boca, e decidi parar a faculdade. (LÚCIO, entrevista, 2017).

Há também, mediante as entrevistas concedidas, registros de abandono escolar, apontado especificamente por três dos onze entrevistados, todos esses coincidentemente do grupo dos ex-atletas que não possuem graduação, tendo os três, dado prioridade à formação esportiva a tal ponto, que simplesmente deixaram os estudos de lado, retornando à sala de aula só após o término da carreira esportiva.

Com relação ao que foi dito, o entrevistado César nos diz: “estava com meus 15 ou 16 anos, e comecei a procurar clube para fazer teste, eu estava estudando e acabei que viajei para fazer teste em um clube lá no Paraná, e desisti dos estudos.” Ele segue dizendo:

Cheguei ao Paraná, passei no clube, fiz minha matrícula na escola, e acabou que deu a metade do ano e voltei para Guarulhos e parei os estudos. [...] No ano seguinte, voltei para São Paulo e acabei parando os estudos, tinha feito três anos e não tinha terminado. (CÉSAR, entrevista, 2017).

Situação semelhante vivida por Sílvio (Kuki): “Fui contratado pelo time Taquariense lá em 93, só que daí eu tive que largar, largar a escola, larguei a escola e fui jogar.” Ele continua seu relato demonstrando um grande arrependimento por ter abandonado os estudos naquela ocasião: “Os estudos ficaram de lado, [...] escuto o pessoal falar que sempre os falsos amigos é que te levam para o mal caminho, só que ninguém nunca diz que você é o culpado pelos próprios erros”, finaliza o argumento de maneira enfática, ainda demonstrando certo grau de arrependimento: “Aquela questão de estudo mesmo, ela ficou de lado! Totalmente de lado! Eu nunca me imaginava mais em uma sala de aula, [...] estava jogando, e quando você está assim jogando, é cabeça dura.”

Esse cenário de abandono escolar, motivado do mesmo modo, entre outras coisas, por falta de interesse próprio, assemelha-se em parte à situação vivenciada por Pablo, ex-atleta, que teve sua carreira profissional consideravelmente abreviada por uma série de lesões no joelho. Ele nos relatou:

Eu tive que parar por volta dos 15 ou 16 anos por conta dos horários. Tinha dia que a gente tinha que treinar dois horários e na escola não tinha turno à noite e também não queria ir para outra escola, na verdade eu não gostava de estudar mesmo, isso aí já foi um motivo para eu não ir para a escola; aí por conta disso eu parei de estudar dois anos, depois voltei a estudar, mas por

motivo de jogos, viagens e concentração, tive que parar novamente, parei no terceiro ano científico de estudar. No fim de 2011 para 2012, eu voltei a estudar, fiz um supletivo e concluí os estudos. (PABLO, entrevista, 2017).

Melo (2010), embasado em Schwartzman e Cossio (2007), traz-nos a ideia de que, além dos problemas de conciliação entre escola e formação esportiva, a qualidade do ensino das escolas no Brasil tem contribuído de maneira direta para o afastamento e o distanciamento dos jovens da escola. Seguindo o mesmo raciocínio, Neri (2009) aponta em seus estudos que a evasão escolar para jovens, além dos motivos “profissionais”, ocorre geralmente pela falta de interesse escolar deles.

Conforme Barreto (2012), contribui igualmente com esse cenário, principalmente para aqueles garotos pertencentes a família de baixa renda, a ideia de que o mercado formal de trabalho não proporcionará a eles possibilidades de maiores ganhos salariais, então passam a se dedicar mais ao esporte no intuito de ascender profissionalmente, deixando o interesse pela escola e sua dedicação a ela em segundo plano.

Segundo Melo et al. (2015) e Azevedo et al. (2017), estudos no âmbito do cenário nacional e internacional sugerem que quanto maior a chance de profissionalização no esporte de alto rendimento, menor se torna a possibilidade de dedicação à escola, cenário que se confirma ao analisarmos as respostas de todos os entrevistados por ora citados.

Também identificamos na fala dos entrevistados, assim como Damo (2005), Marques e Samulski (2009) e Melo (2010) em respectivos estudos, que a progressão nas categorias de base até a chegada ao profissional representa, igualmente, um aumento de carga semanal de treinamento e conseqüentemente pode levar o estudante atleta a dar prioridade a uma formação em detrimento da outra, situação essa também verificada em nosso estudo.

## **5.5 Relação entre a educação formal e inserção em um novo mercado de trabalho**

Ao analisarmos as falas dos entrevistados de ambos os grupos (graduados e não graduados), encontramos uma estreita relação entre o capital cultural institucionalizado com a retomada da vida fora dos gramados, tendo a aquisição ou a ausência dele, influenciado de maneira direta, auxiliando ou até mesmo dificultando, até certo ponto, a inserção dos ex-atletas de futebol profissional em novo mercado de trabalho, como mostramos na Figura 2.

Em alguns momentos, podemos observar claramente, por meio da análise do conteúdo das entrevistas do grupo de ex-atletas que não possuem graduação, que a ausência da formação educacional ou as lacunas deixadas por atraso, repetência ou evasão, agravaram

consideravelmente a readaptação deles após o término da carreira profissional na área futebolística. Todavia, conforme Soares et al. (2011), é nesse mesmo período da vida que a educação básica, em tese, exige do jovem dedicação na incorporação de capital cultural para que possa ser uma das chaves de acesso ao mercado de trabalho.

Figura 2 – Relação entre a educação formal e a inserção em novo mercado de trabalho: comparativo entre os dois grupos de entrevistados, graduados e não graduados



Fonte: Elaboração do autor, 2017.

Quanto a essa ausência de formação escolar, mais especificamente para o objeto de estudo deste trabalho, ou seja, o futebol, Santos (2010) e Barreto (2012) nos trazem a ideia de que jovens com origem em família com baixo capital cultural, ao priorizarem a formação esportiva em detrimento da formação escolar básica, não dimensionam os riscos que correm caso sejam malsucedidos no âmbito esportivo, e há de salientar que a maioria absoluta daqueles que tentam trilhar esse caminho, ou seja, boa parte daqueles que sonham em se tornar atletas de futebol profissional não alcançará esse propósito.

Segundo Soares et al. (2011), quanto menos capital cultural tiver o ambiente familiar ao qual o jovem pertence, mais esse jovem apostará em profissões que não dependam diretamente da formação educacional institucionalizada; e com a ausência de uma formação educacional, encontrarão obstáculos no mercado de trabalho (SOUZA et al. 2008). Com relação ao que foi dito no parágrafo acima, podemos confirmar neste estudo, representado pelo Quadro 1, apresentado na seção 5.2, que há uma relação direta entre o grau de formação educacional dos entrevistados e dos seus pais.

Observamos, de forma mais clara, na fala dos entrevistados as dificuldades enfrentadas principalmente no que concerne à inserção em novo mercado laboral, sobretudo para aqueles que não possuem graduação, como nos relata Henrique:

Eu encerrei minha carreira como profissional de futebol e fui correr atrás do atrasado, fui me profissionalizar em outra coisa para poder me inserir no mercado de trabalho, e a dificuldade imensa, principalmente da gente que sai do futebol, que alguns só conseguem terminar os estudos, o ensino médio e olhe lá, poucos conseguem terminar. (HENRIQUE, entrevista, 2017).

Dificuldade sentida igualmente por Marcelo, entrevistado que, do mesmo modo, não possui formação de nível superior:

Você sai do futebol sem nada nas mãos, você não tem um emprego, não tem um curso superior onde você pode buscar um bom salário, então você acaba muitas vezes tendo que fazer algum bico, alguma coisa, porque, no final das contas, todo mundo tem família, todo mundo necessita levar o alimento para casa. (MARCELO, entrevista, 2017).

Não sendo diferente para outro entrevistado pertencente ao grupo daqueles que não chegaram a uma formação de nível superior, conseguimos até notar certo grau de arrependimento por parte dele em não ter dado a devida importância à formação educacional:

A única coisa que eu sinto que deveria ter dedicado mais é os estudos, por que hoje eu parei de jogar sem ter o ensino médio completo, e aí o mercado de trabalho hoje para você ser qualquer outra profissão você precisa ter pelo menos o ensino médio completo, às vezes está até precisando de um curso superior. [...] Hoje eu me aposentei do futebol, mas ainda sou jovem, tenho 37 anos, e preciso trabalhar! E minha maior dificuldade hoje são os estudos. (CÉSAR, entrevista, 2017).

Realidade semelhante vivida por Pablo:

Logo após parar de jogar futebol, como eu não tinha nenhuma experiência de trabalho, fui procurar trabalho e sempre me alegavam que eu não tinha experiência, tive muita dificuldade para arrumar emprego, tanto é que eu passei muito tempo, mais ou menos um ano, um ano e meio trabalhando com o irmão do meu pai, no caso, o meu padrasto. Pintado, ele é pintor tem uma firma de pintura, trabalhei com ele durante um ano e meio para me manter, o mercado de trabalho era muito difícil. (PABLO, entrevista, 2017).

Nesse iminente risco da ausência de uma formação educacional institucionalizada, tendo uma grande possibilidade de se chegar no mercado laboral sem nenhuma formação

escolar capaz de os auxiliar de alguma forma nesse recomeço, o capital cultural adquirido de maneira formal, sem dúvida, os ajudaria na retomada da vida fora das quatro linhas, ou seja, em uma inserção em um novo mercado. Segundo Barreto (2012, p. 32) “o diploma escolar em tese facilita esse processo de recolocação profissional”. O autor continua o raciocínio afirmando que “se a dedicação à carreira esportiva for acompanhada da dedicação à formação escolar poder-se-ia afirmar [...], que ao menos os malsucedidos no futebol com capital cultural poderiam ser reinseridos em outros mercados”; ou seja, tal afirmação corrobora o pensamento de que, no caso dos malsucedidos, o diploma escolar seria uma credencial que facilitaria a recolocação profissional (SOARES et al., 2011).

Com esse intuito de uma relocação para um novo mercado profissional, alguns desses entrevistados que, em um passado não tão distante, enquanto estudantes-atletas, deram prioridade à formação esportiva em detrimento da formação educacional. Diante das dificuldades encontradas, ante um novo e desconhecido mercado de trabalho cada vez mais exigente e, por que não dizer, excludente, passaram a enxergar na formação superior o suporte necessário para encarar essa nova realidade em que estão inseridos. Em uma situação como essa, um diploma, na pior das circunstâncias, sem dúvida alguma, credenciaram-nos para o exercício de uma nova profissão. À vista disso, corroborando o parágrafo anterior, destacamos alguns trechos das entrevistas concedidas, em que podemos observar o reconhecimento por parte dos ex-atletas de futebol profissional quanto à importância e à necessidade de aquisição de uma educação institucionalizada, tendo como principal intuito a qualificação para o mundo do trabalho.

Então eu resolvi voltar, tocar minha universidade. Hoje eu sou aluno do Curso de Educação Física da Universo, quinto período, estou estagiando na Academia Corpo Livre, e, agora em setembro, vou começar na Academia Bodytech,<sup>18</sup> trilho o meu caminho na parte de educação física de que eu gosto [...] escolhi algo que tinha mais afinidade, algo que realmente eu já vivia na minha realidade anteriormente no mercado de trabalho. (MARCELO, entrevista, 2017)

Para Pablo, o caminho trilhado foi parecido, principalmente na escolha do curso de graduação, Educação Física, que foi o mesmo curso escolhido por Marcelo. Nas palavras de Pablo: “foi aí que surgiu a ideia de fazer Educação Física, fiz o vestibular entrei para a

---

<sup>18</sup> A academia Bodytech faz parte do Grupo Bodytech Company, que opera com duas marcas de academia, tendo hoje 103 unidades instaladas, sendo 57 sob a Marca Bodytech e 46 sob a Marca Fórmula, estando presente em 17 estados do Brasil, além do Distrito Federal.

faculdade, e hoje em dia, eu estou aí. Graças a Deus, hoje eu estou estagiando, estava em duas academias e hoje estou em uma.”

Outro entrevistado que reconheceu a importância em obter uma graduação foi Rodrigo, que resolveu apostar de modo igual na Educação Física como forma de se qualificar profissionalmente.

Então foi aí que eu comecei a estudar [...] estimulado pelos meus amigos de lá de Rio Doce, e naquela inquietação de voltar para o futebol, agora obviamente em outra área, eu comecei a estudar [...] cursei Educação Física no Salesiano, [...] depois comecei o bacharelado na Maurício de Nassau, o curso tinha que ser em dois anos, mas eu pagava a faculdade de manhã e à noite e consegui terminar a faculdade em um ano. (RODRIGO, entrevista, 2017).

Creemos que a escolha da Educação Física como profissão em que desejam atuar, teve como elemento influenciador o *habitus* esportivo, alicerçado em sua vivência esportiva, construindo nesse ambiente de convívio social proporcionado pelos anos dedicados ao treinamento do futebol. Segundo Correia (2014, p. 92): “Nessa perspectiva, o indivíduo traz para si determinados tipos de crenças e verdades que influenciam diretamente o seu campo de possibilidades e que são provenientes de sua trajetória e o ambiente onde esse indivíduo viveu e ainda vive.”

Do mesmo modo, percebemos, pela análise de trechos das entrevistas concedidas pelos ex-atletas, assim como ocorrido nos estudos de Costa (2012) e Azevedo (2014), a existência de uma grande possibilidade de reconversão do capital físico<sup>19</sup> caracterizado pelas qualidades físicas, técnicas e táticas adquiridas durante a formação esportiva, em capital cultural institucionalizado, ou seja, pela reconhecida capacidade atlética, alguns receberam propostas de bolsa de estudo em instituições privadas de ensino; em contrapartida, passariam a representar essas instituições de ensino em campeonatos da modalidade.

Tais qualidades esportivas proporcionaram, principalmente para aqueles sem condições socioeconômicas favoráveis, a aquisição de melhores credenciais acadêmicas e consequentemente ao capital cultural institucionalizado. Como pudemos observar nas palavras de Lúcio:

Minha família passou por uma dificuldade financeira muito grande, meu pai nesse retorno que a gente teve de Caruaru em 97, ele foi demitido da empresa; daí a gente voltou porque não tinha perspectiva nenhuma de

<sup>19</sup> Caracterizado como capital desenvolvido a partir de treinamentos específicos para o campo profissional esportivo (MCGILLIVRAY; MCINTOSH, 2006).

emprego em Caruaru, então retornamos para Recife. Foi quando eu tive que despertar para o futebol para eu poder ganhar uma bolsa, para poder estudar em um colégio bom, particular! Fiz um teste no Colégio Boa Viagem, onde meu irmão já tinha sido bolsista, passei e fui estudar. Ganhei uma bolsa, eu fiz teste no Colégio Boa Viagem,<sup>20</sup> ganhei uma bolsa para estudar, daí eu cheguei no momento difícil! Caiu como uma luva na família da gente, porque meu pai tinha ficado desempregado e as condições não estavam legais. (LÚCIO, entrevista, 2017).

Condição socioeconômica parecida com aquela em que se encontrava a família de Marcelo naquela ocasião, e as qualidades esportivas também podem proporcionar acesso a instituições privadas de ensino.

A minha família também não tinha muita condição financeira para que eu pudesse estudar em bons colégios, e meu colégio no bairro não tinha a 4.<sup>a</sup> série, então aceitei o convite do Anglo<sup>21</sup> e fui praticar futsal no caso especificamente e depois recebi um convite também para ir para o futebol de campo. [...]o futsal para mim foi muito útil, pela bagagem que me deu, mas também porque era um esporte que conseguia me dar meus estudos, que eram parte primordial também da minha formação. (MARCELO, entrevista, 2017).

Ao observamos com mais atenção, identificamos a menção feita pelo entrevistado à prática do futsal, fato muito comum para boa parte dos entrevistados, que iniciam a vida esportiva no futsal e, com o passar dos anos, há uma migração de forma natural para o futebol de campo. Acerca da formação educacional, Marcelo continua.

Fiquei no Anglo até a 8.<sup>a</sup> série e depois recebi um convite de um outro colégio também que já me comecei a me preparar melhor para o meu 3.<sup>o</sup> ano, porque sempre foi uma vontade de me formar independente de jogar futebol ou não, então eu prezava muito por isso. Fui para o Boa Viagem, recebi um convite do professor Moura e fiz o 1.<sup>o</sup>, o 2.<sup>o</sup> e o 3.<sup>o</sup> ano no Colégio Boa Viagem. (MARCELO, entrevista, 2017).

Em certas ocasiões, ter-se dedicado ao esporte de alto rendimento pode vir acarretar futuramente uma reconversão de seu capital físico em capital cultural institucionalizado e, para esses casos, a conclusão do ensino médio vem a ser imprescindível para que possa fazer parte de uma instituição universitária (AZEVEDO, 2014). Possibilidades de acesso ao ensino

---

<sup>20</sup> Colégio de grande porte do Recife, com mais de cinquenta anos de atuação no mercado, contando atualmente com duas unidades (Boa Viagem e Jaqueira).

<sup>21</sup> O Colégio Anglo Líder foi fundado em novembro de 1996, contando atualmente com cinco unidades (Cordeiro, São Lourenço, Tamarineira, Camaragibe e Anglo Júnior). No total, são mais de quatro mil alunos matriculados.

superior mediante recebimento de bolsa de estudos também foram relatadas por nossos entrevistados, convites esses que surgiram após aposentadoria do futebol profissional.

É bem verdade que os entrevistados, embora se encontrem retirados do futebol profissional, a maioria deles ainda apresenta condições atléticas para atuar no futebol universitário, como nos conta Lúcio:

Treinando a parte física em Boa Viagem correndo, encontro o diretor de esporte da Universo,<sup>22</sup> que eu já tinha jogado lá, e ele me ofereceu uma bolsa integral, para eu cursar Educação Física. Em contrapartida, eu teria que deixar de jogar no profissional definitivamente, então eu decidi parar de jogar, aceitei a proposta dele da bolsa [...] é tanto que hoje eu tenho trabalho devido ao futebol, o futebol deu meus estudos do ensino médio e estava dando minha formação acadêmica. (LÚCIO, entrevista, 2017).

Marcelo, da mesma forma, relatou que recebeu um convite para estudar em uma instituição de ensino superior, não por coincidência, mas se tratava da mesma Universidade onde Lúcio foi bolsista, conforme citamos no parágrafo acima. A Universidade em questão, desde a sua chegada a Recife, vem oferecendo bolsa de estudos aos atletas que tenham um reconhecido capital físico. Segundo o próprio entrevistado, “em 2015 eu tomei uma decisão de que eu iria voltar para a universidade de qualquer jeito, aí o pessoal do Náutico do Futebol 7 me ajudou com relação a isso. Eles têm uma parceria com a Universidade Salgado de Oliveira, e pude ganhar minha bolsa”.

Notamos, mais uma vez, na resposta, que o capital físico obtido ao longo da carreira esportiva pode representar para alguns, ao término da atividade profissional, um passaporte de entrada para o ensino superior, conseqüentemente, a reconversão do capital físico para o capital cultural institucionalizado. Podemos constatar na Figura 3.

---

<sup>22</sup> Instituição privada de ensino superior com sede na cidade de São Gonçalo, RJ, tendo hoje unidades nas cidades de Goiânia, GO, Recife, PE, Juiz de Fora, MG, Belo Horizonte, MG e Salvador, BA.



“aí veio a realidade; cara, tu tem o ensino médio e não tem nada no currículo, você vai arrumar um emprego onde? A realidade é exatamente essa! Na época eu não tinha curso superior”.

De acordo com Barreto (2012), Damo (2007), Klein (2014), Melo (2010) e Santos (2010), no caso em que o jovem for malsucedido no futebol e igualmente não for aproveitado pelo mercado esportivo, existem poucas probabilidades de reconversão do capital físico acumulado em outras ocupações fora do ambiente esportivo. Em vista disso, o ideal seria adquirir capital cultural institucionalizado durante os anos de formação esportiva, ou seja, conciliando as duas formações, de forma que pudesse facilitar a recolocação profissional desses jovens ao término da carreira esportiva.

Nesse contexto, Azevedo (2014) afirma que seria muito importante identificar estratégias que possibilitassem melhor equilíbrio entre a formação educacional e a esportiva, com a finalidade de dar oportunidade a uma trajetória escolar-esportiva mais tranquila. Ainda segundo esse autor, tanto para aqueles estudantes atletas que se encontram na fase inicial de formação, quanto para aqueles que já estão mais avançados nessa dupla formação, e não sabem se conseguirão êxito na profissionalização esportiva, o capital cultural institucionalizado seria um fator decisivo em uma futura reconversão desse capital cultural em capital econômico.

Este trecho da entrevista concedida por César retrata bem o que foi exposto no parágrafo acima, acerca das incertezas sobre a obtenção ou não de êxito na carreira esportiva. O entrevistado demonstra arrependimento por não ter conciliado as duas formações, dando ênfase à formação esportiva em detrimento da formação educacional, César também atribui a atual dificuldade de inserção em um novo mercado laboral à ausência do capital formal institucionalizado.

A única coisa de que me arrependo como falei são os estudos, tive a oportunidade quando era mais jovem, só que eu não tive a noção de quanto seria bom para mim. Às vezes nós nos apegamos em só ser atleta, atleta, atleta e no final nós precisamos entender que um dia vai acabar. A idade vai chegar e você tem que seguir outros caminhos, e hoje eu estou pagando um preço assim alto! Por ter que correr atrás dos estudos, coisa que se eu fizesse quando eu estava jogando, eu poderia hoje já estar formado! Não tenho uma formação acadêmica e hoje estou pagando por isso, [...] eu estou sofrendo muito, tenho que pagar um preço muito alto ainda, correr atrás, do tempo perdido. (CÉSAR, entrevista, 2017).

O mesmo sentimento de arrependimento por parte de Sílvio (Kuki) por não conciliar as duas formações.

Hoje, com 46 anos, vejo que eu perdi vinte e três anos da minha vida! Dá para estudar, hoje eu saio lá do Náutico, lá do CT, e eu saio com a maior alegria de lá para ir correndo para a sala de aula (neste momento o atleta emocionou-se chegando a chorar), aí você volta atrás e vê que tudo tem seu tempo, tudo tem seu tempo, foram vinte e três anos e hoje eu estou estudando! [...] Tem que estudar! aí eu volto a pensar quanto tempo eu perdi na minha vida, quanto tempo eu perdi da minha vida sem estudar (KUKI, entrevista, 2017).

Ivan, que pertence ao grupo dos entrevistados que possuem graduação, relatou algo parecido com o que foi dito acima por César e Kuki, principalmente acerca do remorso por não alinhar de maneira apropriada a formação educacional enquanto atuou como atleta de futebol profissional.

Eu tenho 39 anos, comecei minha faculdade em 2003. Se você olhar direitinho, eu terminei meu segundo grau em 96 para 97, então eu comecei minha faculdade sete anos depois, isso tudo atrás de um sonho, e às vezes eu me pergunto, caramba, se eu tivesse feito minha faculdade antes, talvez meu processo profissional fora do futebol tivesse sido mais rápido. Hoje eu tenho 39 anos, sou formado em Administração e tenho duas pós-graduações. (IVAN, entrevista, 2017).

Também não podemos deixar de mencionar que, no universo de onze entrevistados, dois ex-atletas, André e Ricardo, que por sinal são irmãos, mencionaram que não encontraram dificuldades em se recolocar em novo mercado de trabalho quando resolveram se aposentar dos gramados. É importante salientar que nesses dois casos específicos, em que ambos são graduados em Medicina, percebemos que a formação educacional foi priorizada, o que podemos constatar na fala de Ricardo: “Quando eu fui jogar, eu era médico! Já tinha um diploma, era médico; é tanto que eu dava alguns plantões para eu poder ter dinheiro.” Para André, “o futebol, o esporte, em nenhum momento atrapalhou minha inserção no mercado profissional da Medicina”.

Entendemos que esses dois casos apresentados fogem completamente ao que foi observado nas demais entrevistas. O entendimento não se baseia exclusivamente pelo fato de serem graduados em Medicina, o que por si só exige um elevado grau de comprometimento e dedicação aos estudos, mas sim pelo fato de o caminho percorrido por ambos ter sido completamente oposto ao de todos os demais entrevistados. Compreendemos que as características sociais e intelectuais familiares influenciaram de maneira direta o caminho trilhado por ambos. Dessa forma, acreditamos que a valorização do capital institucionalizado demonstrada pela importância dada pelos pais com elevado grau de instrução, a formação

educacional dos filhos, acaba tornando-se um *habitus* incorporado e materializado por esse próprio convívio (AZEVEDO, 2014; CORREIA 2014; COSTA 2012).

### 5.6 Influência parental

A relação com o futebol para Lúcio Alves, assim como para Ivan seu irmão, começou bastante cedo, mais precisamente no seio familiar. Diante desse cenário, ele nos relatou que, tanto o pai quanto os dois irmãos mais velhos “jogaram bola”, tendo o pai e o irmão do meio (Ivan que igualmente participa do nosso estudo), chegando a jogar profissionalmente, tal conveniência com o mundo do futebol, proporcionou a ele, desde criança, o entendimento de certa forma com o ambiente de cobrança e competitividade inerentes às modalidades esportivas de alto rendimento (Figura 4).

Figura 4 – Influência parental/apoio familiar: comparativo entre os dois grupos de entrevistados, graduados e não graduados



Fonte: Elaboração do autor, 2017.

Lúcio fez a seguinte menção do ambiente familiar que o cercava durante a infância:

Meu pai é um ex-atleta profissional de futebol, e meus dois irmãos mais velhos tentaram ser jogador. O primeiro foi logo pro estudo, o Ivan, que é o do meio, chegou a ser atleta profissional, e minha casa respirava futebol, até hoje meu pai é torcedor apaixonado, adora todos os tipos de futebol, seja ele regional, nacional e internacional. E não tinha como ser diferente, se eu não seguisse a linha de ser um atleta de futebol. (LÚCIO, entrevista, 2017).

Influência familiar igualmente relatada por Ivan que inicia sua entrevista narrando o seguinte:

Na verdade, minha vida relacionada com o esporte começou muito cedo, porque dentro de casa, a gente já tinha esse histórico e esse espelho que vinha do meu pai. Sou filho de Guilherme Alves com Lúcia Alves é, natural de Caruaru, então dentro de casa a gente já tinha uma história com o futebol, meu pai também tentou ser jogador profissional! Começou a carreira no Central de Caruaru, na época de juvenil. Dizem as línguas de Caruaru que ele foi um baita de um jogador, isso sempre trouxe para a família aquela motivação de ter dentro de casa pessoas que pudessem ser jogador já que meu pai não chegou a ser profissional. (IVAN, entrevista, 2017).

Entendemos que a estrutura social a que os indivíduos e os agrupamentos humanos são levados a se desenvolver interfere, sobretudo, no padrão de comportamento desses indivíduos e agrupamentos humanos, recebendo claramente influência do meio social ao qual estão inseridos. Nesse caso as figuras parentais são consideradas agentes sociabilizantes essenciais para o jovem, como afirmam Brustad e Patridge (2002 apud VISSOCI, 2009, p. 76): “a percepção sobre a relação estabelecida com as figuras paternas ao longo do desenvolvimento está intimamente relacionada com o processo de desenvolvimento humano, especialmente durante a infância e a adolescência.” De acordo com Jarvie e Maguire (1994 apud BOURKE 2003, p. 409), “a escolha de aprender um esporte não é uma questão de escolha livre e gosto individual, mas é socialmente estruturada”.

Logo, a princípio, é a família que transmite os valores e as ideias que influenciam o *habitus*, criando crenças e comportamentos que são carregados ao longo de toda a vida do indivíduo. Entendimento, que, na ótica de Correia (2014, p. 92), interfere de tal maneira que “o indivíduo traz para si determinados tipos de crenças e verdades que influenciam diretamente o seu campo de possibilidades e que são provenientes de sua trajetória e o ambiente onde esse indivíduo viveu e ainda vive”. Cenário esse, comprovado nas palavras ditas por Ricardo (entrevista, 2017): “na parte desportiva meu pai sempre gostou de jogar futebol, e aí influenciou todo mundo em casa. Eu comecei jogando, na verdade, futsal e tênis quase simultaneamente.” Igualmente constatado no trecho da entrevista concedida pelo seu irmão André (entrevista, 2017): “Bem, minha vida no esporte começou muito cedo, desde os 6 anos, meu irmão mais velho Ricardo já jogava na escola e meu pai sempre gostava de esporte.”

Viissoci (2009), apoiado em Côté (1999) e Durand-Bush e Salmela (2002), apresenta-nos o pensamento de que a evolução no ambiente esportivo de crianças e jovens está

diretamente ligada à estrutura e ao apoio familiar oferecidos a eles. Wylleman et al. (2000 apud VISSOCI, 2009, p. 76) conclui dizendo que “a família é um importante agente interveniente na escolha do esporte e nas transições que o sujeito passa ao longo da sua trajetória de desenvolvimento, desde a experimentação até a aposentadoria no esporte”. Entretanto, assim como Bourke (2003), não descartamos que muitos outros fatores e partes, além dos pais, podem influenciar na escolha da carreira profissional, como professores e amigos, como também experiências vividas ao longo da vida.

Todavia, ao focarmos na influência que os pais exercem, Bourke (2003), em um estudo desenvolvido com jovens futebolistas irlandeses, expõe que 41% dos entrevistados reconheceram que houve uma ligação entre a escolha da carreira profissional e o amor de seus pais pelo jogo, em que o interesse e o envolvimento no próprio jogo de futebol os influenciaram desde muito jovens.

Situação equivalente encontrada pelo nosso estudo, em que podemos perceber na fala de mais um entrevistado quanto a influência parental o inspirou desde cedo: “Cresci tendo estímulo do meu pai, acompanhando-o nas peladas, os jogos do Leão Cansado que ele jogava, e ele sempre me levando para o estádio de futebol, e com esses estímulos eu fui me apaixonando pelo futebol.” (RODRIGO, entrevista, 2017).

Levando em consideração ao que foi dito nos parágrafos acima, Kay (2000 apud AZEVEDO, 2014, p. 44) “considera o ambiente familiar como responsável um importante fator na formação do jovem esportista, principalmente se os pais forem adeptos de modalidades esportivas, seja no âmbito de rendimento, seja do lazer”.

Tratando mais especificamente da modalidade esportiva futebol, no estudo apresentado por Vissoci (2009) para os atletas praticantes dessa modalidade, o suporte parental tende a aumentar à medida que a carreira dá prosseguimento e, conseqüentemente, há, da mesma forma, uma diminuição da rejeição, ou seja, um ambiente familiar favorável é decisivo para perseverar no âmbito do desporto.

## **5.7 Sonho em ser jogador**

Tornar-se um jogador de futebol, sem nenhuma dúvida, é um dos grandes sonhos de muitos jovens brasileiros. A carreira de atleta de futebol profissional é comumente vista por esses jovens e adolescentes como uma carreira prestigiosa, com muitas características positivas, entre elas, altos salários, *status* e fama. Segundo Bourke (2003), são poucas as

ocupações profissionais com tal prestígio ao alcance da classe trabalhadora. Algo que podemos perceber mediante a recorrência na fala dos nossos entrevistados (Figura 5).

Figura 5 – Sonho de ser jogador de futebol profissional: comparativo entre os dois grupos de entrevistados, graduados e não graduados



Fonte: Elaboração do autor, 2017.

Na ótica de Alcântara (2006), tal sonho é de certa forma alimentado pela exibição exarcebada da mídia dos atletas mais exitosos e não menos famosos, cujo futebol proporcionou ganhos milionários, algo bem distante da realidade brasileira, em que o real panorama é exatamente o contrário, como afirma Alcântara (2006, p. 298): “No áspero cotidiano do jogador profissional, a dor e a pobreza estão associadas quase umbilicalmente à prática desse esporte.”

Em harmonia com o que foi dito, Giglio (2007) igualmente afirma que os meios de comunicação de massa enaltecem apenas os aspectos positivos da carreira de um atleta de futebol, deixando de lado, ou seja, omitindo a dura vida enfrentada desde cedo por aqueles que optam em trilhar este caminho, como rotina exaustiva e, em muitos casos, o distanciamento da família. Dessa forma, a não exposição desta realidade, reforça o senso comum de que o dia a dia de um jogador profissional de futebol é repleto de regalias. Assim, a história de vida dos poucos que obtiveram sucesso prosseguirá fomentando o imaginário e alimentando, diariamente, o sonho desses jovens aspirantes.

Na ideia de Camilo de Souza et al. (2008), essa busca do sonho de criança de enveredar pela carreira de futebolista profissional leva o jovem, desde cedo, a apostar todas as suas fichas na concretização desse objetivo, principalmente para aqueles oriundos das

camadas mais populares, que, segundo Giglio (2007, p. 108), “boa parte dos que tentam ingressar em um clube vem das camadas de baixa renda e acredita que só conseguirão mudar de vida por meio do futebol”. Corroborando igualmente o que foi observado no nosso estudo, o sonho de se tornar jogador profissional foi algo recorrente nas palavras daqueles entrevistados oriundos de família humilde, que, em nosso caso especificamente, correspondem aos sujeitos do grupo dos não graduados, em que o tempo de duração da carreira comparada com o outro grupo foi maior, variando entre dois e dezoito anos.

No trecho da resposta de César, reproduzida a seguir, ele nos diz ser de família humilde, tendo sido criado em uma “casinha pequena” em Guarulhos. Percebemos que o sonho de se tornar jogador de futebol profissional, desde o início, fez-se presente na sua vida.

Quando criança, tinha um sonho de ser atleta de futebol profissional, sonho esse por que lutei muito, treinei muito, meu primeiro contato com a bola foi com 6 anos. Meu tio me viu jogando no quintal de casa e me levou pra fazer um teste num clube lá, e acabei ficando. Dali tomei gosto pelo futebol e procurei, a cada dia, alcançar o objetivo, que era me tornar profissional [...] Eu queria ser atleta, eu queria ser jogador. (CÉSAR, entrevista, 2017).

Outro que tinha esse desejo desde criança, mas algumas vezes chegou a duvidar da realização desse sonho, foi Sílvio (Kuki), porém ele perseverou e, mesmo diante das incertezas e de todas as dificuldades encontradas, depois de atuar de forma amadora por toda a sua adolescência e até o início da vida adulta, conseguiu realizar o seu sonho ao se tornar atleta de futebol profissional aos 23 anos, recebendo um convite do então treinador Manga, para atuar de forma profissional no Esporte Clube Encantado, um clube de pouca expressão do interior do Rio Grande do Sul.

Sempre tive o sonho de jogar futebol, embora, claro, soubesse que era muito distante, porque na época a questão para fazer um teste no Grêmio ou no Internacional era muito difícil, questão de altura, de porte físico, então, para um menino de interior, era muito difícil [...] Sempre quis ser jogador profissional. (KUKI, entrevista, 2017).

Como já mencionamos nos parágrafos acima, o início do futebol, para muitos, ocorre mediante um sonho cultivado desde criança, e para que tal objetivo seja alcançado, de fato, o ingresso em clube de futebol profissional, por si só, não garante a concretização desse sonho, representa apenas a primeira etapa do sonho a ser realizado, como afirma Giglio (2007, p. 108): “Ingressar em um clube profissional representa a porta de entrada para percorrer o tão esperado sonho de ser um jogador profissional.” Porém, trata-se de uma alegria imensa para

aqueles que conseguem ascender ao elenco profissional. Assim comprovado no trecho de entrevista seguinte.

Então, em 2001, eu estava nos juniores do Náutico quando subi para o profissional, e assinei meu primeiro contrato profissional, então o primeiro sonho foi realizado, que era me tornar jogador profissional, então aos 18 anos era visto como uma promessa no Náutico (LÚCIO, entrevista, 2017).

Sonho de alcançar a profissionalização, da mesma maneira, confirmado por César: “No Flamengo de Guarulhos, próximo da minha casa; ali eu consegui alcançar o sonho de criança que era se transformar num jogador profissional, ter a carteira assinada. Para mim, ali foi um sonho realizado.”

A dura realidade do futebol mostra que, mesmo após a assinatura de um contrato profissional, a incerteza da profissão perdura, pois nos dizeres de Giglio (2007, p. 108), “a qualquer momento pode ser excluído do processo e se quiserem continuar o sonho, terão que iniciar seu projeto em outro clube”. Segundo Giglio (2007), fazer parte do elenco profissional é igualmente difícil, a dispensa torna-se algo comum para os atletas, podendo representar um encerramento de carreira de forma antecipada, ou para os mais resilientes, pode significar um recomeço em outra equipe.

Levando em consideração o árduo caminho percorrido até a profissionalização, a incerteza do aproveitamento em um elenco profissional, além da efemeridade da carreira, a maioria dos jogadores sonha em jogar fora do Brasil, atuando em outros mercados, com o intuito principal de conquistar a independência financeira, porém, do mesmo modo, além do poder econômico, justifica-se tal desejo de emigração para outros centros pelo reconhecimento internacional e o fascínio que certos clubes e ligas exercem sobre eles. Conforme Soares et al. (2011), no cenário brasileiro, tal demanda de transferência de atletas brasileiros para suprir em parte o mercado internacional, é resultado de alguns fatores, entre eles: o limite de empregabilidade do mercado nacional, o poderio financeiro, além dos interesses competitivos em clubes estrangeiros.

Como podemos observar nos trechos de entrevistas a seguir, o desejo de atuar em um mercado fora do Brasil sempre fez parte da realização do sonho; como foi dito, principalmente para aqueles atletas que conseguem a profissionalização no futebol, a transferência para um novo mercado, nesse caso internacional, passa a ser algo desejado para a maioria deles. Percebemos que para Henrique e Marcelo a oportunidade de atuar fora do mercado nacional surgiu em praças menos badaladas do futebol internacional, onde

teoricamente há menos prestígio e dinheiro envolvido, mas, mesmo assim, para ambos, foi a concretização de um grande sonho.

Henrique, que seguiu para Moçambique, relata:

Em 2012, com a ajuda do professor Júnior, que me apresentou ao treinador do Ferroviário de Nampula, um time de Moçambique na África, onde eu tive oportunidade de jogar lá o Moçambola, como se fosse o campeonato brasileiro aqui do Brasil. Foi uma experiência ímpar na minha vida, porque eu acho que todo jogador que quer, que tem essa vontade em ser jogador, ele almeja jogar fora do seu país de origem; seja na África, seja na Europa, onde quer que seja, a pessoa sempre tem esse sonho de jogar fora, e eu pude realizar esse sonho. (HENRIQUE, entrevista, 2017).

Sonho semelhante o vivido por Henrique, igualmente realizado por Marcelo; dessa vez a oportunidade surgiu nos Estados Unidos que, na opinião de alguns especialistas, poderá em breve ser um dos principais mercados futebolísticos.

O sonho que você tem sempre está ali, nunca vai adormecer, ele pode ficar ali guardado um tempo, mas futebol para quem gosta de verdade. [...] o sonho fica sempre ali guardado [...]. O professor Edson Leivinha me convidou para fazer parte do elenco do Palm Beach na Florida, e eu não hesitei. (MARCELO, entrevista, 2017).

Como podemos perceber, levando em consideração tudo que foi relatado aqui pelos entrevistados, assim como a aproximação com os autores que estudaram a mesma temática, o sonho não é simplesmente se tornar jogador profissional; vai mais além, sonham da mesma forma em jogar por um grande time do futebol nacional, conquistar prestígio e fama, ter alto salário e com ele obter bens materiais que geralmente foram privados em sua infância; também, é claro, atuar no mercado internacional (GIGLIO, 2007).

## **5.8 Lesões**

Vários são os motivos que podem influenciar na duração da carreira de um atleta de futebol profissional, prolongando-se, em média, por quinze anos para aqueles que tiveram uma carreira mais duradoura. O mais crítico é a lesão, que provoca muitas vezes a diminuição no desempenho atlético; nos casos mais graves, leva ao afastamento prematuro da prática esportiva (BOURKE, 2003).

Silva, Souto e Oliveira (2008) explicam que uma lesão de origem esportiva significa dizer que houve um problema de ordem clínica durante a prática esportiva, seja durante os

treinamentos, seja no evento propriamente dito. Quando ocorre, o período de recuperação, ou seja, o tratamento da lesão, pode obrigar o atleta a perder algumas semanas, até mesmo toda a temporada. Isso corrobora o pensamento de Santos (2010), que, resumidamente, afirma que as lesões esportivas são acidentes de trabalho, que, por sua vez, resultam das atividades esportivas.

Percebemos que, para esse caso, não houve distinção entre os dois grupos (graduados e não graduados), pois no futebol, uma modalidade desportiva coletiva, exige-se maior contato entre os envolvidos. Desduz-se que esse contato muitas vezes pode levar a lesões traumáticas, entretanto, conforme Santos (2010), a rotina exagerada de treinos e jogos a que os atletas estão submetidos, além da qualidade do campo, assim como infrações às regras estabelecidas – faltas violentas – podem, de certa forma, contribuir para a incidência, tipo e gravidade das lesões.

Igualmente observamos, ao analisar o conteúdo coletado nas entrevistas por este estudo, que a ocorrência de lesões foi algo corriqueiro no cotidiano de seis dos onze ex-atletas entrevistados, como podemos constatar na Figura 6; os membros inferiores são mais acometidos por contusões.

Figura 6 – Incidência de lesões: comparativo entre os dois grupos de entrevistados, graduados e não graduados



Fonte: Elaboração do autor, 2017.

Alguns desses indivíduos sofreram lesões mais graves, sendo necessário submeter-se a procedimento cirúrgico; para esses, o joelho foi a articulação mais afetada. De certa forma, os resultados encontrados corroboram o estudo realizado por Cohen et al. (1997), cujo intuito foi

identificar a frequência de lesões no futebol profissional no cenário brasileiro, em que chegaram à conclusão de que a maior incidência de lesões ocorreu nos membros inferiores (72,2%), cabeça e tronco (16,8%) e membros superiores (6,0%). Houve predomínio das lesões em coxa (34,5%), tornozelo (17,6%) e joelho (11,8%). Tratando-se de lesões de joelho, mais especificamente quanto à gravidade e recorrência, dois dos seis entrevistados relataram:

Rompi os ligamentos a primeira vez, rompi os ligamentos do joelho direito, daí passei seis meses sem jogar futebol, fiz toda minha recuperação no Náutico. Vi um bocado de gente passar na minha frente, mas mesmo assim, não desisti, continuei brigando, me recuperei, fui atrás da minha vaga no profissional, que eu tinha perdido. (LÚCIO, entrevista, 2017).

Continua Lúcio:

Em 2006, [...] rompi novamente o ligamento no meio do campeonato sergipano, isso eu acho que era mês de maio, aí eu rompi os ligamentos, recebi o que tinha de receber, voltei para o Recife, me tratei. Ainda sonho em voltar em 2007. Me recuperei no segundo semestre todinho e no fim de 2006, ainda voltei em dezembro para o clube em Sergipe. Fiz toda a pré-temporada; no final de janeiro de 2007, na estreia do campeonato sergipano, rompi os ligamentos novamente. (LÚCIO, entrevista, 2017).

O mesmo (reincidência) ocorreu com Pablo, narrado por ele da seguinte forma:

Assinei lá dois anos e três meses de contrato profissional e por infelicidade do destino, depois de dois ou três meses no profissional, tive minha primeira lesão, que foi no amistoso contra o CSA<sup>23</sup> lá em Maceió, de LCA<sup>24</sup> e daí por diante, nunca consegui ter uma sequência, voltava, machucava de novo, voltava, machucava de novo, passei o tempo todo lá só me machucando até que então fui emprestado ao Ypiranga.<sup>25</sup> No primeiro treino lá, me machuquei, passei a semana toda tratando lá, fui tentar treinar de novo e me machuquei de novo. Aí voltei para o Santa Cruz, passei só uma semana no Ypiranga, voltei, e não consegui jogar devido às lesões. Tive mais duas cirurgias, uma de menisco e depois uma de LCA com menisco. Foi quando acabou meu contrato em 2014, não queria mais jogar, já havia desistido por causa das lesões. Passei o mês todo treinando lá e não senti nada. Um dia antes da estreia, machuquei o joelho de novo, faltando um dia só para a estreia machuquei o joelho de novo. Fiz ressonância, fisioterapia e os médicos todos, fui a três médicos, e todos disseram para eu parar de jogar, que eu podia jogar, que romperia de novo o ligamento. Eu, que não sou besta, desisti de jogar, parei de jogar. (PABLO, entrevista, 2017).

<sup>23</sup> Centro Sportivo Alagoano é uma agremiação esportiva brasileira de futebol, da cidade de Maceió, estado de Alagoas.

<sup>24</sup> Ligamento cruzado anterior.

<sup>25</sup> Sociedade Esportiva Ypiranga Futebol Clube é um clube brasileiro de futebol profissional da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, interior do estado de Pernambuco.

Prati e Vieira (2008) afirmam que o futebol, por se tratar de um esporte coletivo, apresenta além dos movimentos naturais (correr, saltar e agachar), diferentes gestos motores específicos da modalidade (chutes, cabeceios, *sprints* e mudanças de direção) e, estes poderão tornar essa articulação ainda mais vulnerável a lesões. Prati e Vieira (2008), apoiados em Lima et al. (1985), destacam que lesões como essas, na articulação do joelho, prejudicam de forma mais comum os ligamentos e os meniscos. As lesões ligamentares do joelho, quando submetidas à cirurgia de reconstrução, segundo Cohen et al. (1997), deixam os atletas inativos por cerca de oito meses.

Lesões de joelho, tais como essas relatadas pelos entrevistados, cuja gravidade os obrigou a uma intervenção cirúrgica para a reconstrução ligamentar, sem dúvida, além do custo físico, causaram um sacrifício de ordem emocional, assim como, muitas vezes, de ordem financeira, que precisou ser igualmente superado. Casos dessa natureza, podem, em algumas ocasiões, provocar a diminuição do desempenho ou até mesmo, nos casos mais graves, forçar a uma aposentadoria prematura da prática desportiva, a exemplo dos que foram observados, nos relatos acima, em que ambos os atletas tiveram de encerrar a carreira profissional essencialmente pela recorrência de lesões na articulação do joelho.

Nesse sentido, levando em consideração tudo que foi exposto, não podemos pensar no futebol como dimensão exterior da vida social, seria uma atitude bastante conservadora de nossa parte. Pretendemos perceber esse universo esportivo de forma mais abrangente, como um fenômeno sociocultural, que tem por meio de representações individuais e coletivas formas de expressão, por exemplo: escolha de estilo de vida e afirmação pessoal. Vinculando-se muitas vezes à construção da própria identidade (CEDRO, 2017).

Esse campo de jogo, que não é tão simbólico assim, na ótica de Bourdieu, pode ser entendido como um campo de forças, onde os atores sociais estão dispostos em diferente posição, cada qual com seus interesses particulares em que utilizam estratégias para tentar dominar o campo de disputa. Fazendo uma analogia com o futebol em si, podemos dizer que se trata de uma batalha constante com o intuito não só de conquistar campeonatos e títulos, mas primeiramente se firmar hierarquicamente perante aos demais sujeitos em disputa, buscando o domínio simbólico e a consagração interna.

Assim sendo, na visão de Cedro (2017, p. 24):

O futebol pode ser considerado um sistema simbólico no qual seus agentes lutam pela construção e manutenção da realidade mediante estabelecimento de uma ordem. E essa ordem é estabelecida por intermédio de símbolos que fornecem a integração social no campo.

Como podemos observar nos trechos das entrevistas, as lesões recorrentes, assim como a gravidade delas, resultaram em maior tempo de inatividade, que, por sua vez, necessitando de maior tempo de recuperação. Esse cenário de afastamento da rotina de trabalho, por motivos clínicos, interferiu diretamente na luta por posições e espaços internos no “campo de jogo” encontrando-se em posição nada favorável no sentido de assumir alguma posição a fim de beneficiar-se ou até mesmo transformar as relações de poder, nem mesmo a conservação do *status* já existente para benefício próprio.

No campo futebolístico, principalmente nos bastidores do dia a dia, assim como em outros campos de disputa, há distinções sociais entre os sujeitos que, de certa forma, estruturam a relação de poder e a posição hierárquica de cada um perante o grupo. Para atuar profissionalmente, o atleta de futebol se submete diariamente a uma carga de trabalhos que exige muito do condicionamento físico a melhora das valências físicas pode proporcionar ao atleta a melhoria da *performance* técnica e tática, que poderia beneficiá-lo nesse campo de disputa. Foi exatamente o contrário o que ocorreu com Ivan, o qual, em um excelente momento da carreira, tendo uma posição hierárquica de destaque (capitão da equipe) perante o grupo, foi diagnosticado com hepatite passando cerca de oito meses afastado dos treinamentos.

Não voltei bem, voltei com muito peso, [...] aquela equipe na qual eu era líder, todos eles subiram para o profissional e acabou que só eu fiquei no júnior e aí isso foi muito forte para mim, foi difícil aceitar isso, pois era a equipe em que eu era capitão, que eu era a referência [...] Você perdeu oito meses da sua vida aqui no profissional e alguns tiveram a oportunidade e estão lá, e você vai ter que conquistar tudo de novo. Isso foi difícil para mim. [...]Eu tinha que esperar a minha hora de novo, tinha que treinar! (IVAN, entrevista, 2017).

Na ótica de Cedro (2017), nota-se, então, o futebol como um campo, cuja especialização de seus agentes ingressa objetivamente na disputa pela dominação e produção de bens simbólicos. O autor ainda afirma que se pode considerar o futebol como um sistema simbólico em que seus agentes lutam para a construção e manutenção da realidade por meio do estabelecimento de uma ordem.

## 6 CONCLUSÕES – APITO FINAL

Destacamos, pelos aspectos citados neste estudo, assim como Damo (2005), Santos (2010) e Melo (2010) igualmente ressaltam, que há problemas de compatibilidade entre escolarização e formação do jogador de futebol no Brasil. Além disso, esses autores também afirmam que os centros de formação de atletas de futebol no Brasil, apesar dos limites legais, são totalmente livres na gestão de sua política pedagógica de formação de atletas e de escolarização.

Não há supervisão ou orientação das cargas de treinamento, da qualificação dos profissionais que trabalham diretamente com os jovens e da adequação da infraestrutura dos centros de treinamento.

Um dos fatos que nos levaram a identificar em nossa amostra que há jogadores que têm conseguido êxito após o encerramento de sua carreira de jogador de futebol profissional foi o apoio familiar. Apoio advindo do grau de escolaridade dos pais ou responsáveis diretos por esses jovens. A ciência da efemeridade profissional, as dificuldades para se profissionalizar, a difícil inserção em cenários de maior visibilidade e necessidade da educação formal foram argumentos que levaram as famílias dos entrevistados a exigir a conciliação entre os dois caminhos até que os jovens decidissem, por eles mesmos, a hora de abrir mão de uma em detrimento da outra.

Por outro lado, igualmente observamos que, para aqueles entrevistados que não possuem graduação, a ausência ou a lacuna deixada pela educação formal institucionalizada dificultou consideravelmente a readaptação deles após o fim da carreira profissional na área futebolística, principalmente no que concerne à inserção no mercado laboral. Ainda assim, de acordo com os resultados, de maneira geral, nossa hipótese inicial do estudo foi parcialmente desconstruída. Entendemos nesse caso específico que não houve desvalorização da educação formal por parte dos entrevistados enquanto atuaram profissionalmente como jogadores de futebol, mas percebeu-se, na verdade, até com certa clareza, a grande dificuldade de conciliação entre as duas formações.

Com relação ao questionamento central do nosso estudo: Qual o lugar da educação formal na história de vida de ex-jogadores de futebol profissional no Recife? Compreendemos com base nos depoimentos coletados que para ambos os grupos, ou seja, tanto para o grupo dos entrevistados que possuem graduação, quanto para o grupo dos não graduados, a educação formal é valorizada; entretanto, para o primeiro grupo, a importância dada à educação formal vem, desde cedo, influenciada pelo *habitus* familiar, mas é secundarizada no

momento em que estes se tornaram jogadores profissionais de futebol, não havendo naquela época, segundo os entrevistados, condições de conciliação entre as formações em razão da rotina inerente à vida de um atleta profissional, dando continuidade à formação acadêmica logo após o encerramento da carreira de jogador profissional.

Por outro lado, para o segundo grupo, o sonho de se tornar jogador profissional falou mais alto. Na maior parte do tempo, a formação esportiva, ou seja, o futebol torna-se prioridade em relação à formação escolar, tornando-se não apenas um projeto pessoal, mas, de certa forma, um projeto familiar, haja vista que, com a concordância dos progenitores, dedicaram maior tempo às atividades ligadas a esta prática esportiva. Porém, ao fim da carreira de jogador profissional de futebol, passaram a enxergar a educação formal como algo que pudesse auxiliá-los na inserção em um novo mercado laboral, dado que encontraram muitas dificuldades, pois para esses entrevistados, a ausência de uma educação formal ou as lacunas deixadas por atraso, repetência ou evasão, agravaram consideravelmente a readaptação deles após o encerramento da carreira profissional na área futebolística.

Algo que nos chamou a atenção neste estudo foi a possibilidade de aquisição de uma educação formal institucionalizada, tendo o capital físico adquirido pelo próprio futebol, servido como porta de entrada tanto para a formação escolar quanto acadêmica, corroborando também os achados de Costa (2012) e Azevedo (2014). Assim como Melo (2010), do mesmo modo percebemos em nosso estudo que, à medida que os entrevistados ascendiam de categoria nas divisões de base, aproximando-se da tão almejada profissionalização, inevitavelmente tal progressão, ocasionou mudanças no cotidiano deles, principalmente no que concerniu à vida escolar, na maioria das vezes, havendo a necessidade de mudança de escola, assim como a migração do ensino diurno para o período noturno na tentativa de conciliação entre as formações.

Diferentemente do estudo de Correia (2014), não identificamos no nosso estudo, por meio das respostas dos entrevistados, as mesmas estratégias por parte dos clubes onde atuaram, que valorizam a conciliação entre as duas formações utilizadas pela escola do Vasco da Gama, por exemplo, a flexibilização de horários, desconsideração de atrasos, remarcação de provas e horários alternativos para a resolução de dúvidas. Sendo a escola, nesse caso específico, por sua flexibilização, uma importante ferramenta na construção dessa rotina de conciliação entre as duas formações.

Azevedo (2014) aponta em seu estudo algumas estratégias utilizadas para a conciliação entre a formação escolar e esportiva apoiados principalmente em um bom relacionamento com as instituições escolares, com os professores e diretores que, de certa

forma, permitiram a reposição de aulas, abono das ausências, reposição das avaliações perdidas em virtude dos compromissos esportivos. Da mesma forma, não identificamos em nosso estudo tais estratégias de conciliação verificadas por Azevedo (2014).

Sem a pretensão de concluir o tema, mas com a certeza de que ainda existem muitas questões a serem analisadas, surgem mais dúvidas do que apontamentos, por exemplo: é possível um currículo específico para estudantes atletas? Faltam políticas públicas que normatizem a conciliação entre as carreiras? Como exigir de jovens de baixa renda – cuja esperança de mudança de vida de toda uma família está depositada no sucesso desse jovem atleta – uma educação formal institucionalizada? Como o esporte deveria ser fomentado nas escolas de maneira que possibilitasse a conciliação das carreiras? Se esses sujeitos da pesquisa tivessem tido melhores oportunidades (os que preteriram a carreira no futebol), ter-se-iam dedicado aos estudos?

Esses e muitos outros questionamentos são, seguramente, combustível para novas pesquisas sobre essa controversa temática, que vai além do esporte, mas reverbera incertezas e possibilidades na vida de milhares de jovens que sonham em ingressar no mundo do futebol.

## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Janine Pereira de Sousa. A educação e a aplicabilidade do ECA: direitos e deveres sob um novo olhar. **Ensaios Pedagógicos**: Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n6/ARTIGO-JANINE.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.
- ALCÂNTARA, Hélio. A magia do futebol. **Estudos avançados**, v. 20, n. 57, p. 297-313, 2006.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2001.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). 2. ed. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- AZEVEDO, Fernando de (Redator). Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, SP, n. especial, p.188-204, ago. 2006. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2017.
- AZEVEDO, Márcio Faria de. **Conciliações entre formação esportiva e formação escolar: um estudo das seleções brasileiras masculinas de basquetebol de base**. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2014.
- \_\_\_\_\_ et al. Formação escolar e formação esportiva: caminhos apresentados pela produção acadêmica. **Movimento**, v. 23, n. 1, p. 185-200, 2017.
- BALASSIANO, Moisés; SEABRA, Alexandre Alves de; LEMOS, Ana Heloisa. Escolaridade, salários e empregabilidade: tem razão a teoria do capital humano? **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 9, n. 4, p. 31-52, out./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v9n4/v9n4a03>>. Acesso em: 19 set. 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Almedina Brasil, 2011.
- BARRETO, Paulo Henrique Guilhermino. **Flexibilização escolar para atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol**: um estudo na Toca da Raposa e na Cidade do Galo. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- BARROS, Carlos Pestana. Economic return on schooling for soccer players. **Journal of Sports Economics**, v. 2, n. 4, p. 369-378, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BIESDORF, Rosane Kloh. O papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade. **Itinerarius Reflectionis**, v. 1, n. 10, p. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Capital cultural, escuela y espacio social**. México: Siglo Veinteuno, 1997.

\_\_\_\_\_. **Escritos de educação**. Organizado por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURKE, Ann. The dream of being a professional soccer player: insights on career development options of Young Irish players. **Journal of Sports and Social Issues**, v. 27, n. 4, p. 399-419, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 51. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, 16 jul. 1990, Seção 1, p. 13.563.

\_\_\_\_\_. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996, v. 134, n. 248, Seção I, p. 27.834-27.841.

\_\_\_\_\_. Lei n.º 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 mar. 1998, Seção 1, p. 1.

\_\_\_\_\_. Lei n.º 10.672, de 15 de maio de 2003. Altera dispositivos da Lei n.º 9.615, de 24 de março de 1998, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 maio 2003.

\_\_\_\_\_. Lei n.º 12.395, de 16 de março de 2011. Altera as Leis n.ºs 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei n.º 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 17 mar. 2011, Seção 1, p. 1.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão n.ºs 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais n.ºs 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo n.º 186/2008. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: [http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf?sequence=1](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 19 set. 2017.

BRUNEAU, Thomas C. **O catolicismo brasileiro em época de transição**. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 1974.

CARDOSO, Maria Angélica; LARA, Ângela Mara de Barros. Sobre as funções sociais da escola. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 9. e CONGRESSO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2009. p. 1314-1326.

CARRAVETTA, Elio S. **Modernização da gestão no futebol brasileiro**: perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo. Porto Alegre: AGE, 2006.

CARVALHO, Ricardo Antonio Torrado de. **Atleta não estuda?** investigando a evasão escolar dos alunos-atletas na educação superior. 2015. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. Educação formal, informal e não formal em ciências: contribuições dos diversos espaços educativos. In: TERÁN, Augusto Fachín; SANTOS, Saulo Cezar Seiffert (Org.). **Novas perspectivas de ensino de ciências em espaços não formais amazônicos**. Manaus, AM: UEA Edições, 2013. v. 1, p. 130-138.

CEDRO, Marcelo. Bourdieu entra em “campo”: O futebol como espaço autônomo de interações, disputas, posições e consagrações. **Tempos Gerais**: Revista de Ciências Sociais e História, v. 3, n. 2, 2017.

CHRISTENSEN, Mette Krogh; SØRENSEN, Jan Kahr. Sport or scholl?: dreams and dilemmas for talented Young Danish football players. **European physical Education Review**, v. 15, n. 1, p. 115-137, 2009.

COHEN, Moisés et al. Lesões ortopédicas no futebol. **Revista Brasileira de Ortopedia**, v. 32, n. 12, dez. 1997. Disponível em: <[http://www.rbo.org.br/PDF/32-12/1997\\_dez\\_11.pdf](http://www.rbo.org.br/PDF/32-12/1997_dez_11.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2017.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. **O estudante-atleta**: desafios de uma conciliação. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CONDORCET, Jean-Antoine-Nicolas de Caritat, Marquês de. **Cinco memórias sobre a instrução pública** (1791). Tradução e apresentação Maria das Graças de Souza. São Paulo: Unesp, 2008.

CORREIA, Carlus Augustus Jourand. **Entre a profissionalização e a escolarização**: projetos e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama. 2014. 258 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CORROCHANO, Maria Carla; NAKANO, Marilena. Jovens, mundo do trabalho e escola. In: SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude e escolarização 1980-1998**. Brasília, DF: MEC, Inep, Comped, 2002. p. 95-134. (Série Estado do Conhecimento, n. 7).

COSTA, Felipe Rodrigues da. **A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina**. 2012. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

COSTA E SILVA, André Luiz da. **Esporte e escolarização**: projetos, biografias e programa governamental. 2016. 95 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

CÔTÉ, Jean. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, n. 13, p. 395-417, 1999.

COUTINHO, Evandro da Silva Freire. Meta-análise. In: MEDRONHO, Roberto A et al. **Epidemiologia**. São Paulo: Atheneu, 2002. p. 447-455.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.

DELORS, Jacques et al. **Educação**: um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XX. Tradução de José Carlos Eufrazio. São Paulo: Cortez, 1998. Disponível em: <<http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.

DE ROSE JUNIOR, Dante de. **Modalidades esportivas coletivas**. São Paulo: Guanabara Koogan, 2006.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. The development and maintenance of expert athletic performance: perceptions of world and olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, n. 14, p. 154-171, 2002.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**: contribuições para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

FONSECA, Vítor da. **Aprender a aprender**: a educabilidade cognitiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. 1984.

\_\_\_\_\_. Globalização e crise do emprego: mistificações e perspectivas da formação técnico-profissional. **Boletim técnico do Senac**, v. 25, n. 2, p. 31-45, 1999.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion, Suisse: Institut International des Droits de l'Enfant, 2005. Disponível em: <[http://www.vdl.ufc.br/solar/aula\\_link/lquim/A\\_a\\_H/estrutura\\_pol\\_gest\\_educacional/aula\\_01/imagens/01/Educacao\\_Formal\\_Nao\\_Formal\\_2005.pdf](http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2017.

GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Fund. Calouste, 2004.

GASPAR, Alberto. A educação formal e a educação informal em ciências. In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fátima (Org.). **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, Centro Cultural de Ciência e Tecnologia/UFRJ, 2002. p. 171-183. Disponível em: <[http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/artigos/art14\\_aeducacaoformal.pdf](http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/artigos/art14_aeducacaoformal.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2017.

GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. 2007. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Tradução de Marcelo de Oliveira Nunes e Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOLDBERG, Alan; CHANDLER, Timothy. Sports counseling: enhancing the development of the high school student-athlete. **Journal of Counseling and Development**, v. 74, n. 1, p. 39-44, 1995.

GONDIM, Denis Foster. **Dojô: espaço de educação**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

GRECO, Pablo Juan. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: aplicação no handebol**. 1995. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

IMBERNÓN, Francisco (Org.). **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KLEIN, Lucas Barreto. **Profissionalização e escolarização de jovens atletas de futsal em Santa Catarina**. 2014. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

LAKATOS, Eva Maria (Org.). **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAGE, Maria Campos. Utilização do software NVivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 12, Edição Especial, p. 198-226, mar. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1210/1225>>. Acesso em: 19 set. 2017.

LEE, Courtland. An investigation of the career expectations of high school students athletes. **The Personnel and Guidance**, v. 61, n. 9, p. 544-547, 1983.

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MCGILLIVRAY, David; MCINTOSH, Aaron. Football is my life: theorizing social practice in the Scottish professional football field. **Sport in Society**, v. 9, n. 3, p. 371-387, 2006.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (Org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p. 77-111.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MELLO, Gianfrancesco. Meu bairro... moro aqui: Jaqueira. **Agenda Cultural**, Recife, ano 18, n. 208, 9 jan. 2013. Disponível em: <<http://agendaculturaldorecife.blogspot.com.br/2013/01/meu-bairro-moro-aqui-jaqueira.html>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

MELO, Leonardo Bernardes Silva de. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no estado do Rio de Janeiro**. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_. et al. Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização do futebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 4, p. 400-406, 2015.

MESQUITA, Marcos Roberto; MARQUES JUNIOR, Gessé; RIPPEL, Valderice. Os jovens trabalhadores-universitários: educação, mercado de trabalho e família na região metropolitana de São Paulo nos anos 2000. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 37., 2013, Águas de Lindoia, SP; ST 29 – Sociologia da Adolescência e da Juventude. **Anais...** São Paulo, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MORAES, Ivan Furegato; CARVALHO, Maria José. Certificado de Clube Formador e as suas responsabilidades na formação social dos jogadores de futebol no Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL RESPONSABILIDAD SOCIAL CORPORATIVA Y GESTIÓN DEPORTIVA, 1., 2014, Granada, Espanha. **Atas...** Granada, Espanha: Facultad de Ciencias del Trabajo da Universidad de Granada, 2014.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize; TEIXEIRA, Alex Niche. Análises qualitativas nos estudos organizacionais: as vantagens no uso do software Nvivo®. **Revista Alcance**, v. 23, n. 4, p. 578-587, 2016.

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Legislação internacional adotada e proclamada pela Resolução n.º 217 A da 3.ª Sessão Ordinária da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Nova Iorque, 1948.

\_\_\_\_\_. **Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais**. Adotado pela Resolução n.º 2.200 A (XXI) da Assembléia Geral das Nações Unidas, em 16 de dezembro de 1966 e ratificado pelo Brasil em 24 de janeiro de 1992, promulgado pelo Decreto n.º 591, de 6 de julho de 1992.

NERI, Marcelo Côrtes. O paradoxo da evasão e as motivações dos sem escola. In: VELOSO, Fernando et al. (Org.). **Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

NISKIER, Arnaldo. **Educação brasileira: 500 anos de História**. Rio de Janeiro: Funarte, 2001.

OLIVEIRA, Denize Cristina. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569-576, out./dez. 2008.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Arte, história e ensino: uma trajetória**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PARKER, Andrew. Training for “glory”, schooling for “failure”? English professional football, traineeship and educational provision. **Journal of Education and Work**, v. 13, n. 1, p. 61-76, 2000.

PÉREZ GÓMEZ, Angel Ignacio. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: GIMENO SACRISTÁN, José; PÉREZ GÓMEZ, Angel Ignacio. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

POCHMANN, Marcio. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 383-399, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21462.pdf>>. Acesso em 23 out. 2017.

PRATI, Sérgio Roberto Adriano; VIEIRA, José Luiz Lopes. Análise das causas e conseqüências de lesões na articulação do joelho em atletas de esporte coletivo. **Revista da Educação Física**, v. 9, n. 1, p. 83-91, 2008.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: M. Fontes, 2001.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da. **A Escola dos Jóqueis: a escolha da carreira do aluno atleta**. 2013. 242 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional 1997-2002**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SANTANA, Wilton Carlos de. **Pedagogia do esporte na infância e complexidade**. PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 1-22.

SANTOS, Francisco Xavier. **O valor da educação na formação do jovem atleta para o futebol profissional em Recife**. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SANTOS, Marcelo Silva dos; DIAS, Graziany Penna. **Futebol, capitalismo e pós-modernidade1: de consumo da arte a arte do consumo**. **Filosofia e Educação** (Online): Revista Digital do Paideia, v. 2, n. 2, p. 281-296, out. 2010-mar. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/download/8635505/3298>>. Acesso em: 10 dez 2016.

SÃO PAULO. Lei n.º 13.748, de 8 de outubro de 2009. **Determina aos clubes de futebol que assegurem matrícula em instituição de ensino aos jogadores menores de 18(dezoito) anos a eles vinculados**. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, Poder Executivo, 10 out. 2009, p. 1.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1980.

\_\_\_\_\_. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação).

SCHELBAUER, Analete Regina: **Idéias que não se realizam: o debate sobre a educação do povo no Brasil de 1870 a 1914**. Maringá, PR: Eduem, 1998.

SCHULTZ, Theodore W. **O valor econômico da educação** (1963). Tradução de Paulo S. Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

\_\_\_\_\_. **O capital humano: investimentos em educação e pesquisa** (1971). Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SECO, Ana Paula; AMARAL, Tania Conceição Iglesias do. **Marquês de Pombal e a reforma educacional brasileira**. São Paulo: Faculdade de Educação, Unicamp, 2006. Não paginado. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo\\_pombalino\\_intro.html](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_pombalino_intro.html)>. Acesso em: 26 nov. 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Adriana Maria Paulo. **Processos de construção das práticas de escolarização em Pernambuco, em fins do século XVIII e primeira metade do século XIX**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

SILVA, Dáfni Priscila Alves da; FIGUEIREDO FILHO, Dalson Britto; SILVA, Anderson Henrique da. O poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. **Revista Política Hoje**, v. 24, n. 2, p. 119-134, 2015.

SILVA, Diego Augusto Santos; SOUTO, Michell Dean; OLIVEIRA, Antônio César Cabral de. Lesões em atletas profissionais de futebol e fatores associados. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 13, jun. 2008.

SILVA, Irailda Leandro da. **Lembranças dos caminhos e descaminhos da escola na vida de mulheres negras de Buíque, PE, 1980-1990**. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SILVA, Julio Manuel Garganta da. O ensino dos jogos desportivos coletivos: perspectivas e tendências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 19-26, 1998.

SIMÕES, José Luís. **Pesquisas em teoria e história da educação**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; BARTHOLO, Tiago Lisboa. Mercado, escola e a formação de jogadores de futebol no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16, Salvador e CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3, 2009. **Anais...** Salvador, BA: 2009. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT14-5681--Int.pdf>>. Acesso em: 10 dez 2016.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves et al. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out.-nov. 2011.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de et al. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 85-111, 2008.

SOUZA, Júlio César Couto de. **A transformação do futebol brasileiro: avanços e recuos na sua modernização e repercussões nas categorias de base**. 2001. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 37, n. 2, p. 119-126, jun. 2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLEDO, Luiz Henrique. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisa**: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

VASCONCELOS, Teresa. A importância da educação na construção da cidadania. **Saber(e)Educar**, Porto, n. 12, p.109-117, 2007.

VISSOCI, J. R. N. **Estudo da influência do contexto esportivo no status de identidade de atletas de futebol de campo**. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2009.

ZAGO, Nadir. A Entrevista e seu Processo de Construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia T. (Org.). **Itinerário de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil dos jesuítas aos anos de 1980**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

## APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nome: \_\_\_\_\_

Apelido: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_\_

Local de Nascimento: \_\_\_\_\_

Endereço completo: \_\_\_\_\_

Clubes em que atuou: \_\_\_\_\_

Grau de escolaridade dos pais:

Pai \_\_\_\_\_

Mãe \_\_\_\_\_

1.º) Com que idade você começou a treinar em clube vinculado à Federação?

\_\_\_\_\_

2.º) Com que idade teve seu primeiro contrato profissional assinado?

\_\_\_\_\_

3.º) Quantos anos durou sua carreira profissional?

\_\_\_\_\_

4.º) Qual o motivo de encerramento da carreira profissional?

- a) Lesões
- b) Idade
- c) Falta de motivação
- d) Falta de oportunidades
- e) Outros \_\_\_\_\_

5.º) Grau de instrução?

- a) Fundamental I (1.º ao 5.º)
- b) Fundamental II (6.º ao 9.º)
- c) Ensino Médio
- d) Superior incompleto, qual o curso? \_\_\_\_\_
- e) Superior completo, qual o curso? \_\_\_\_\_
- f) Pós-graduado \_\_\_\_\_

6.º) Você sentiu dificuldades em conciliar a formação esportiva com a formação escolar? Caso sim, descreva quais foram as principais dificuldades.

- a) Não
- b) Sim

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

7.º) Você já repetiu de ano alguma vez?

- a) Não
- b) Sim, quantas? \_\_\_\_\_

8.º) Já interrompeu os estudos alguma vez?

- a) Não
- b) Sim, qual o motivo? \_\_\_\_\_

9.º) Após o encerramento da carreira de jogador de futebol profissional, sentiu dificuldades em se inserir em um novo mercado de trabalho? Caso sim, descreva quais foram as principais dificuldades.

- a) Não
- b) Sim

---

---

---

---

---

10.º) Ao término da carreira de jogador de futebol profissional, sentiu a necessidade de retomar os estudos? Caso sim, explique quais foram os principais motivos.

- a) Não
- b) Sim

---

---

---

---

---